



Edição deste domingo do Jornal A União chega às bancas com dois suplementos especiais para marcar o aniversário de 127 anos do periódico.

## População trans da PB luta por espaço no mercado de trabalho

Homens e mulheres trans se apoiam numa rede de solidariedade que envolve o poder público e algumas empresas para tentarem enfrentar o preconceito histórico. [Página 7](#)

### Entrevista



#### Presidente do TJPB fala do futuro do Judiciário brasileiro

Desembargador destaca a necessidade de mais celeridade nos tribunais, se diz crítico à figura do juiz de garantias e prevê futuro sem novas comarcas. [Páginas 3 e 4](#)

### 2º Caderno



#### Centro de Pesquisa Musical passa por melhorias na PB

Artista paraibano Pedro Osmar é o atual coordenador do centro e vem dando novas possibilidades de uso do local por parte da população. [Página 9](#)



Foto: Arquivo Observatório Marinho

## Projeto reúne voluntários para salvar espécies

Observatório Marinho treina moradores do Litoral paraibano para servirem de agentes em defesa da vida marinha. Atualmente, grupo tem 42 colaboradores. [Página 5](#)



### Almanaque

#### Caderno Almanaque ganha vida nova aos domingos

A partir desta edição, o caderno semanal passa a contar com matérias especiais, novos colunistas e sessão de memória sobre o jornalismo local. [Páginas 25 a 28](#)

### COLUMNA do Meio



#### Estilista Ronaldo Fraga fala sobre moda e Paraíba

Depois de lançar coleção com rendadeiras paraibanas, estilista destaca a riqueza e a tradição do artesanato e o diálogo desse com o mundo da moda. [Página 20](#)



## Andarilho de fé

Paraibano viaja de Patos a Juazeiro do Norte e enfrenta uma caminhada de mais de 300km para agradecer a cura da filha, que sofria de um câncer considerado grave. [Página 6](#)





O desembargador Márcio Murilo está há 11 meses no cargo de presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba

# “A ideia do juiz de garantias não constitui uma evolução”

Desembargador Márcio Murilo fala sobre a proposta de implantação do instrumento e do trabalho à frente do TJPB

Alexandre Nunes  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Um Judiciário mais célere, eficiente e com maior produtividade. É assim que o presidente do Tribunal de Justiça do Estado Paraíba, o desembargador Márcio Murilo da Cunha Ramos, se refere ao momento atual vivenciado pela Justiça paraibana. Em entrevista concedida ao Jornal A União, o magistrado também fala sobre o futuro do sistema Judiciário e prevê que, no máximo, daqui a cinco anos, toda a atuação de servidores, advogados e magistrados será de forma virtual e com a utilização da robótica, ou seja, de robôs dotados de Inteligência Artificial (IA) para assessorar principalmente os juízes, até mesmo sugerindo modelos de sentença. Segundo explica o magistrado, o Judiciário não terá mais necessidade de construir fóruns, comprar birôs, promover reuniões de servidores, advogados, magistrados. Todos irão trabalhar no sistema de “home office”. Ele garante que todos os processos criminais da Paraíba serão digitalizados. O desembargador Márcio Murilo vislumbra um Judiciário mais transparente, rápido e de fácil acessibilidade para aquele que precisa e merece justiça.

## A entrevista

**Há quanto tempo o senhor está na presidência do Tribunal de Justiça da Paraíba e quais são os principais projetos e inovações que está implantando?**

Estou gerindo o tribunal há 11 meses. A grande meta foi unir o tribunal. Havia algumas divergências institucionais, mas conseguimos a união. Não fui eu, foram todos os colegas desembargadores, juízes e servidores. A partir daí enfrentamos os problemas que já sabíamos quais eram. Estou executando alguns planos de ação. Ao todo, são 21 planos de ação que os comitês de atualização fizeram há alguns anos e, entre eles, o principal é a informática como instrumento de trabalho. Outro é a assessoria para os magistrados, além do enxugamento dos cargos comissionados. Tudo isso já foi feito no tribunal. Nós conseguimos enxugar. Logo no início da gestão, eu deixei de prover quase cinquenta cargos comissionados de nível superior no tribunal, como os de gerentes e assessores de segundo grau, e transferi essa economia de R\$ 7 milhões para o primeiro grau, criando cargos de apoio aos magistrados. Além disso, elevei a gratificação dos chefes de cartório, pois a concepção que nós tínhamos e está comprovada é que o primeiro grau merece uma visão diferenciada para aprimorar a jurisdição.

**Houve uma distribuição melhor, inclusive, com relação a interiorização?**  
Exatamente.

**E com relação à questão da extinção de comarcas?**

Identificamos que essas comarcas estavam superdimensionadas para os jurisdicionados, comarcas onde não havia juiz, não havia promotor e poucos processos em andamento. Tivemos que enxugar essas comarcas para agregar a comarcas maiores. Com isso, fizemos economia, o que já está gerando um efeito positivo, que é uma celeridade no processo. Não adianta manter uma igreja onde não há o padre para celebrar a missa. O fórum, por sinal, é muito caro, uma sangria de dinheiro, porque tem que pagar água, energia, vigilância, etc., e isso foi enxugado e se deslocou para comarcas mais próximas, a 20 km ou 25 km de distância. Hoje, já está se vendo que essa é uma realidade que foi feita em todo o Brasil e que aqui na Paraíba nós acompanhamos isso e estamos certos que é o caminho correto para melhorar a eficiência do Judiciário.

**Quantas comarcas foram desativadas?**

Foram quinze comarcas e quatro varas que foram agregadas a outras varas.

**Não houve nenhum prejuízo no atendimento?**

Pelo contrário, os advogados iam ao fórum só para reclamar que não havia juiz, agora se deslocam um pouco mais e vão ao fórum onde encontram juiz. Entretanto, essa ideia de juiz muito perto já não existe, porque as petições hoje são todas eletrônicas. Então, não precisa mais o advogado ir ao fórum para entrar com a petição, ele pode peticionar no PJE, que é o Processo Judicial Eletrônico, em qualquer parte do Brasil. Não há mais a necessidade dessa presença imediata do magistrado.

**Como é que está o relacionamento com os outros poderes?**

Está muito bem, cada um dentro do seu dever institucional de cumprir essas obrigações constitucionais, num sistema de harmonia e independência. Temos boa relação com o Poder Executivo, com o Legislativo, com o Ministério Público. Sempre nos reunimos para traçarmos as metas de gestão. A atividade-fim do Judiciário é independente e autônoma, mas a ideia de gestão deve ser compartilhada com os outros poderes.

**O que o senhor acha sobre o controle externo do Poder Judiciário?**

É interessante. É uma forma de ter uma visão externa, apesar de se compreender que quem entende de Judiciário é quem vive dia a dia no Judiciário, mas o controle social em qualquer sociedade é sempre salutar.

**O que o senhor pensa sobre a figura do juiz de garantias?**

O juiz de garantias é um instrumento novo aqui no Brasil. Poucos países no mundo adotam e os que o fazem procedem de maneira bem diferente do Brasil. Em um país, por exemplo, como Portugal, o juiz de garantias faz até a instrução do processo, recebe a denúncia, as cautelares, escuta a testemunha, e o processo parte para outro juiz julgar. Aqui no Brasil, engendraram essa ideia do juiz de garantias apenas para as cautelares. Ele recebe a denúncia e passa para outro juiz que tem que ler todo processo de novo, ouvir novamente as testemunhas, refazer as provas já feitas na esfera judicial. Creio que isso não constitui uma evolução. O custo benefício disso será ineficaz. Já temos um controle dos abusos de autori-

dade, pois um juiz que dá uma preventiva está sujeito a, no mesmo dia, ter uma liminar do Tribunal de Justiça (TJ) em habeas corpus e mandar suspender a cautelar. Se não houver em segundo grau, tem o terceiro grau, o Superior Tribunal de Justiça (STJ), e se não tiver ainda, tem o Supremo. O Brasil é o país

das garantias constitucionais mais amplas do mundo. Não há comparativo. Nenhum país do mundo tem o instituto do habeas corpus usado tão amplamente como no Brasil. Acharam pouco e colocaram

mais uma situação que vai dar morosidade ao sistema judicial e aumentar custos.

**O senhor pode detalhar como funciona esse mecanismo?**

Veja a matemática do sistema como é interessante. Aqui em João Pessoa se resolve bem, mas se um juiz de garantia atuar no processo na fase do inquérito, ou receber a denúncia, ele está impedido de atuar como juiz de instrução em julgamento. Isso gera vários problemas em comarcas onde há só um juiz. O juiz da comarca vizinha é o que substitui o outro magistrado durante as férias e fica nos plantões no final de semana. Ele também é o juiz que no recesso forense atua no processo; é o juiz que no afastamento do colega para fazer um curso, fica no lugar. Então, nesse processo em que atuou, ele também está impedido. Quando se chama o terceiro juiz, se este atuou num plantão em que o advogado peticionou no inquérito, numa fase pré-processual, na fase de inquérito, ele também fica impedido. Então haverá casos de impedimento de três, quatro, cinco juízes. Aí vai ter que chamar magistrados que estão a 300km de distância para fazer uma instrução do processo. O que é uma instrução do processo? É ouvir testemunhas. E tome gastos, tome viagens.

**Quanto custará ao TJ instituir esse juiz?**

Sabemos que haverá um elevado custo de diárias, fora o custo da inoperância do sistema. Se fosse um sistema para melhorar, mas

é algo que vai fazer com que o magistrado seja um juiz estradeiro. O juiz ter que ir para a estrada e viajar longos percursos para fazer uma audiência ou a polícia levar um réu a quilômetros de distância para apresentar a outro juiz, não me pareceu um avanço, tanto é que são poucos países do mundo que têm o juiz de garantias. Falam em quatro ou cinco países, dentro de um universo de 200 países no mundo. Além disso, pegaram esse modelo que não é igual ao que há em outros países. Eu soube, por exemplo, que na França apenas 4% dos presos criminais estão sujeitos a juiz de garantias e são processos em que há o pedido do Ministério Público para que haja dois juízes. Aqui criaram o sistema dentro de uma visão de suspeição do magistrado, que estaria suspeito, impedido, contaminado com as provas. Ora, aí saiu a liminar do ministro Toffoli que diz que não se aplica ao segundo grau, porque não? Porque um desembargador também não seria contaminado? Desembargador pode dar um habeas corpus e suspender uma preventiva de um magistrado e depois, em grau de apelação, julgado por outro juiz de primeiro grau, ele também pode atuar. Então, ficam dois juízes independentes que não podem se contaminar, e o desembargador atua só, por que isso? Se é para contaminar, estariam todos contaminados, ministros, desembargadores como um todo, e também a liminar saiu para que o sistema fosse excluído do Tribunal do Júri, que o juiz acompanha toda fase do inquérito, escuta teste-

munha e pronuncia o réu. Então, o juiz que pronuncia não está contaminado? E também as varas que nós temos, as varas especializadas, como a vara das domésticas, a liminar excluiu essa vara, porque o juiz da vara das domésticas não é um juiz que gera impedimento, que gera entre aspas contaminação; e juiz que atua no processo comum, digamos que no crime de corrupção, peculato, estaria impedido de seguir no processo? Me pareceu que essa visão está antologicamente mal interpretada.

# “O Judiciário ainda deve uma maior produtividade”

Desembargador acredita que, em breve, robôs estarão ajudando e acelerando o trabalho da Justiça brasileira

Alexandre Nunes  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Dentro de uns cinco anos, o Judiciário não precisará mais de prédios; não haverá mais a necessidade de construir fóruns, nem de reuniões. Tudo será feito de forma virtual, e o trabalho será feito de casa, no estilo “home office”. A expectativa do desembargador Márcio Murilo, presidente do Tribunal de Justiça, é de que robôs possam auxiliar juízes na leitura das petições e até sugerir modelos de sentença. Na entrevista concedida ao Jornal A União, o magistrado fala ainda sobre o Judiciário sob o ponto de vista social, com mais conciliação e menos litígio; aborda questões polêmicas, como a Lei de Abuso de Autoridade; e condena qualquer menção feita sobre censura. “Todos temos o direito de liberdade de expressão”, afirma. Confira mais pontos da conversa:

## A entrevista

Como o senhor vê a atuação da Justiça no combate à corrupção?

O juiz não combate a corrupção, o juiz, dentro de uma visão de imparcialidade, julga os casos que são tidos como casos que geram corrupção, geram crimes de corrupção passiva, mas a nossa ideia de magistratura não é combater nada, é, sim, dar um grau de eficiência à jurisdição e absolver quem deve ser absolvido e condenar quem deve ser condenado. A gente viu uma grande proatividade, a gente está vendo a olho nu, isso independe de ser magistrado ou não, que nos últimos dez anos houve um grande número de sentenças condenatórias para pessoas de elevado nível financeiro; alguns que foram condenados por corrupção, mas aí, comparando com países de primeiro mundo, estamos chegando a esse patamar não de combate à corrupção, mas à realidade de julgamentos positivos, quer absolvendo, quer condenando as pessoas.

Como alguém inserido na organização da nossa sociedade, o senhor vê boas perspectivas de futuro para o Brasil?

A gente tem sempre esperança no Brasil como um todo. Acho que o nome esperança não pode ser jamais retirado do coração de nenhum brasileiro. Em relação ao Judiciário, eu vejo que estamos a melhorar em todos os sentidos e iremos trazer, como ferramenta de trabalho, os robôs, e eles irão ajudar muito aos magistrados na concepção de rotina de trabalho e isso vai elevar muito a nossa produtividade, porque a grande reclamação do povo não é ter juiz aqui ou acolá, e, sim, entrar com um pedido e ter um prazo razoável de julgamento; e isso infelizmente ainda não ocorre. Estamos devendo à sociedade uma maior produtividade.

Quais os instrumentos que poderiam dar mais agilidade à Justiça, além da conciliação?

Temos várias facetas, várias diretrizes a cumprir para que o Brasil saia dessa situação vexatória de morosidade judiciária. Uma delas, repito, é a informática, é a robótica, em que um robô faz o trabalho de trinta servidores, a chamada Inteligência Artificial (IA),

que permite que o robô oriente o juiz a ler as petições iniciais e já sugira modelos de sentença. Fora isso, temos que pensar no Judiciário dentro também de uma visão social, e a conciliação é o modelo que temos que seguir para mudar essa cultura de litígio

Como está o diálogo com o Poder Executivo no que se refere aos precatórios? E em relação ao orçamento do Estado?

Em relação aos precatórios, a questão é meramente constitucional. Os deveres e haveres que temos aqui no tribunal são oriundos de emendas constitucionais ou de regimentos vindos do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) ou do Supremo Tribunal Federal (STF). Então, o Estado deve cumprir sua parte e nós estamos cumprindo a nossa de fazer o que a lei determina. Em relação ao duodécimo, não, o repasse financeiro é uma visão realmente político-institucional do Executivo que, felizmente, esse ano foi destravado o orçamento. Ainda está muito aquém das necessidades do Judiciário, mas deu uma melhorada.

O senhor acha mesmo que as novas regras da Lei de Abuso de Autoridade fragilizam os juízes?

A Lei de Abuso de Autoridade é muito defendida por vários segmentos da sociedade, mas a magistratura em peso entende que ela não é razoável, dentro do parâmetro de ser uma lei muito genérica e que estipula, por exemplo, que o juiz pode ser preso por até quatro anos, se por acaso ele não conceder um habeas corpus. Quando o habeas corpus é bem-vindo e o juiz por mero capricho não o concede,



O presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba, Márcio Murilo, é um entusiasta da modernização do Judiciário

ele pode ser denunciado, processado e condenado a pena de prisão por até quatro anos. Isso é uma sanção e não é salutar para a democracia, numa República, e há instrumentos de controle da magistratura, até de controle externo. Já tem uma lei que prevê abuso de autoridade e os juízes entendem como desnecessários alguns artigos dessa Lei de Abuso de Autoridade.

Na prática, o que a nova Lei da Liberdade de Expressão traz de ruim para a Justiça?

Nada. A liberdade de expressão e de imprensa é algo intocável. É claro que se houver uma ofensa moral do cidadão, ele se cerca de direitos constitucionais. Cabe ao Judiciário decidir se houve abuso ou não de quem prestou informação e se houve abuso ou não dessa mensagem pública, dentro de uma visão de razoabilidade. A liberdade de expressão é uma guardiã da estrutura democrática de qualquer país e o Judiciário tem que lutar com todas as suas armas constitucionais para defender a liberdade de expressão.

O que o senhor acha da censura?

Eu acho que usar esse nome é horrível para qualquer juiz. Um juiz não deve nem pensar em ter algo parecido, ou o retorno de algo parecido com o nome de censura. Eu acho que todos os cidadãos, inclusive os juízes, que também são participantes catalizadores desse sistema democrático, têm o dever e o direito de emitir sua opinião sobre umas leis que estão vindo para a sociedade e impondo ônus e direitos às instituições e pessoas. Todos temos o direito de ter liberdade de expressão.

Qual sua opinião sobre a Lava Jato?

Eu não posso falar sobre o processo em si. A nossa lei orgânica proíbe que fale em caso concre-

to a, b ou c. A Lava Jato é um caso concreto, é um caso que a gente tem muita opinião pessoal, mas um juiz não pode dar opinião pessoal sobre caso concreto. O que eu posso dizer é que tudo que vem do Judiciário, dentro de um controle de ampla defesa e de grau de jurisdição revisores, é bem-vindo. Se o juiz erra, os tribunais, seja Tribunal de Justiça (TJ), Tribunal Regional de Justiça (TRF), Superior Tribunal de Justiça (STJ) ou o Supremo têm o poder revisional. Então, as críticas que se fazem ao Judiciário não devem ser unicamente ao juiz de primeiro grau e, sim, à estrutura. É muito comum quem julga o semelhante estar sempre sujeito a críticas, porque em geral um perde e outro ganha, quando há um litígio. Dentro de uma visão normal de resolução dos litígios, o Judiciário sempre tem o ônus de desagradar um dos lados.

O que o senhor diria à população paraibana, ou seja, quem precisa procurar o Judiciário, o que esperar da Justiça paraibana hoje sob o seu comando?

Hoje, felizmente, a gente já pode dizer que quem for procurar a Justiça paraibana, faça por via digital. Não é mais necessário nenhum advogado, nem a parte de ir ao fórum para ver o seu processo. O interessado pode colocar o seu nome dentro de um aplicativo, que nós temos disponível para qualquer pessoa, que aparece onde está o processo, em qual vara e qual foi o despacho que o juiz deu, e essa pessoa pode ler o despacho do juiz. Temos hoje já uma Justiça digitalizada e nesse semestre já iremos também digitalizar todos os processos criminais da Paraíba. Trata-se de uma Justiça que já está ficando bem acessível

à sociedade. Confie no Judiciário, confie na atuação do juiz e a luz no final do túnel será uma justiça mais transparente, mais rápida e de fácil acessibilidade para aquele que merece justiça.

Como é que o senhor vê o Judiciário daqui a alguns anos com essa modernização, informatização, inteligência artificial, ou seja, como será o futuro do Judiciário?

O Judiciário, daqui a cinco anos, está comprovado em estudos gerais, não terá mais necessidade de construir fóruns, comprar birôs, promover reuniões de servidores, advogados, magistrados. Tudo será em sistema virtual. O uso da Inteligência Artificial possibilitará que cada juiz tenha um assessor informatizado. O servidor também terá o seu assessor digital, que será um outro robô que vai ajudar o seu trabalho. Então, eu vejo o Judiciário sem prédios locados; vislumbro um Judiciário com um “home office”. Já iniciamos, aqui na Paraíba, o “home office”, que já está em bom andamento. Também vejo um Judiciário célere, em que uma pessoa, em qualquer parte do mundo, ao fazer uma petição, esta vai cair para um juiz unificar em um único cartório em todo o Estado da Paraíba. Não mais haverá um

cartório para cada comarca. Isso vai desaparecer nos próximos cinco anos, quando teremos o cartório unificado. O servidor vai poder optar por trabalhar em casa, com controle de produtividade feito eletronicamente. Então, isso vai mudar completamente a cara do Judiciário nos próximos cinco anos. Como gestor, tenho certeza que, com um trabalho visando um novo rumo e interação entre desembargadores e juízes, iremos mudar a face do nosso tribunal.



Foto: Roberto Guedes

# Guarda-mares atuam como protetores da vida marinha

## Observatório Marinho envolve moradores do Litoral Sul através de programa que protege várias espécies do mar

**Lara Brito**  
Especial para A União

Em 2018, a bióloga Yedda Oliveira percebeu a pouca informação sobre a ocorrência e a distribuição de tartarugas marinhas no Litoral Sul da Paraíba. Com experiência em um programa de conservação de tartarugas marinhas, o Programa Tatô, em São Tomé e Príncipe, na África, ela notou algumas semelhanças do país africano com a Paraíba, principalmente o potencial de envolvimento comunitário para a conservação de tartarugas marinhas.

Yedda resolveu agir. Dez pescadores das praias de Ponta de Matos, em Cabedelo; Penha, em João Pessoa; e Jacumã, em Conde, iriam contribuir voluntariamente para um mapeamento da distribuição de tartarugas pelo litoral. Esse protótipo para o Observatório Marinho cresceu e se tornou o programa que ele é hoje, voltado à conservação da biodiversidade marinha e ao desenvolvimento socioambiental no litoral do estado da Paraíba atrelados à ciência cidadã.

Envolver os moradores no programa foi uma das melhores formas de fazer com que as comunidades valorizassem seus mares e os seres que lá estão. Também foi uma forma de os próprios moradores despertarem o sentimento de que são responsáveis e que podem fazer sua parte para proteger o meio ambiente.

No monitoramento das praias de Conde, existem atualmente 42 colaboradores de diferentes áreas. São artesãos, associações comunitárias, funcionários de restaurantes e pousadas de praia, bugueiros, profissionais do turismo, moradores, servidores públicos e pesquisadores, todos com uma coisa em comum: o uso frequente das praias do Litoral Sul.

### Como funciona

Esses voluntários foram recrutados através de três chamadas públicas. Todos receberam treinamentos com atividades teóricas e práticas entre dezembro de 2019 e janeiro deste ano. “Não precisa ter curso na área, só temos 2 requisitos: ser compromissado com a proteção das tartarugas marinhas e ter alguma atividade prévia em alguma das praias de Conde, seja por morar, trabalhar ou mesmo realizar uma caminhada matinal”, explica Yedda.

tualmente, o Observatório Marinho é executado pelo Instituto Parahyba de Sustentabilidade – IPAS, organização não-governamental, e atua com três projetos: monitoramento das praias de Conde, com guarda-mares treinados para localizar desovas e encalhes de tartarugas marinhas; monitoramento da megafauna marinha, onde pescadores artesanais e esportivos ajudam a mapear a distribuição de tartarugas, peixes-bois, baleias e golfinhos em todo litoral paraibano; e campanhas em colônias de pescadores para reduzir o impacto da pesca sobre as tartarugas, com as capturas acidentais em redes ou anzol, por exemplo.

O resultado é comemorado pela bióloga que acompanha de perto o crescimento do programa e envolvimento de todos os que fazem parte do território. Cada um tem uma



Foto: Arquivo Observatório Marinho

Voluntários recebem informações técnicas e teóricas sobre como proteger as espécies marinhas, como as tartarugas

função importante.

“Temos colaboração de pescadores da Barra de Mamanguape à Jacumã. Nossos observadores de bordo agora estão mais espalhados pelo território paraibano e na busca por novos grupos de animais

marinhos!”, relata a bióloga sobre o monitoramento da megafauna marinha.

Os projetos recebem financiamento da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, The Rufford Foundation, The Van Tienhoven

Foundation for International Nature Protection e apoio da Associação de Pesca Amadora Embarcada e Caça Submarina da Paraíba Colônia de Pescadores Z-9, Colônia de Pesca Vidal Negreiros Z-3 e Prefeitura Municipal de Conde.

## Os voluntários e seus valores

O projeto de monitoramento feito pelos guarda-mares já atendeu 24 ocorrências não-reprodutivas e 7 reprodutivas em apenas um mês e meio de trabalho. Trata-se de um trabalho bastante minucioso.

Segundo Yedda, após o fim deste projeto, indicativos das principais ameaças às tartarugas marinhas no Litoral Sul serão apontadas, bem como propostas para diminuição dos conflitos entre proteção e desenvolvimento comunitário.

Treinados para realizar patrulhas de praias e atender a ocorrências reprodutivas e não-reprodutivas de tartarugas marinhas, os voluntários aprendem a identificar as diversas espécies de tartarugas, a localizar ninhos e identificar rastros, bem como procedimentos adequados em caso de encalhes ou captura desses animais.

“Para ser guarda-mar é necessário participar do treinamento teórico e prático que oferecemos por chamada pública. Para cada praia, identificamos pontos focais (que recebem o material de campo para atender as ocorrências) e colaboradores por praia. Quando há uma ocorrência, seja informada por terceiros ou por um guarda-mar, mobilizamos rapidamente o ponto focal para dar seguimento ao procedimento necessário. Para encalhes de animais

mortos, realizamos medições de comprimento e largura da carapaça, identificação da espécie, avaliação simples da condição corpórea e destinação adequada da carcaça.”

A voluntária e artesã, Karina Tarapanoff, conta que conheceu o programa através de divulgações feitas pela Secretaria de Meio Ambiente e Prefeitura de Conde em redes sociais, e também por grupos de whatsapp. Karina relata que sempre tenta fazer sua parte para contribuir com a preservação do planeta e também ama animais.

Ela mora e faz parte de um dos pontos focais da Praia de Carapibus - que são pessoas que vão à praia com mais frequência, ficando como referência para os outros voluntários e também sendo responsáveis por todos os registros do local.

“Já tive experiência em encontrar uma tentativa - rastro sem desova - e, infelizmente, já registrei no nosso caderno e enterrei duas tartarugas verdes juvenis. É muito triste a quantidade de tartarugas mortas por aqui, mas acredito que o fato de estarmos juntos, fazendo esse monitoramento, futuramente conseguiremos diminuir esse número. Também estamos muito felizes por termos encontrado 2 ninhos e vamos poder ajudar a cuidar deles”, relembra a voluntária.

Foto: Arquivo Observatório Marinho



Os voluntários aprendem a identificar as diversas espécies de tartarugas e localizar ninhos e rastros





# Eletricista vai de Patos a Juazeiro do Norte para agradecer milagre

Por amor à filha, Damião Araújo foi à cidade de Padre Cícero para mostrar gratidão pela graça alcançada

**Lusângela Azevêdo**  
lusangela013@gmail.com

O que faz uma pessoa caminhar a pé do interior da Paraíba até o Juazeiro do Norte, interior do Ceará? A fé. Devoto do Padre Cícero desde criança, o eletricista patoense Damião Araújo, mais conhecido como Damião das Fitas, de 52 anos, decidiu ir caminhando de Patos, Sertão da Paraíba até a estátua do santo popular para agradecer pela graça recebida e pagar uma promessa que fez pela saúde de sua filha.

Damião contou que a sua filha Emily Lays, 16, sentia fortes dores e hemorragias intensas. No exame foi detectado mioma uterino de tamanho significativo. Após a medicação os exames foram repetidos e não houve modificação nos resultados. Como as dores e sangramento aumentavam, os médicos chegaram à conclusão que teria que ser feita uma cirurgia. Com aquele diagnóstico e sem condições para realizar o procedimento, Damião se viu angustiado. Foi neste momento de incerteza, tensão e atormentado que começou sua jornada espiritual.

Ao passar pela Igreja de Nossa Senhora de Fátima, no bairro do Belo Horizonte, ele entrou para assistir à missa que estava sendo celebrada naquele momento. Foi aí então que decidiu fazer a promessa ao “Padim Cíco”: “Se Emily ficasse boa, eu vou pé até o Juazeiro do Norte”, recorda emocionado Damião. Poucos dias depois viera o grande “milagre”, a jovem Emily não sentia mais dores e o sangramento havia parado. “Emily havia sido curada!”, lembra.

Mochila nas costas, chapéu de palha para se proteger do sol, vestido com uma túnica preta, cajado à mão

para lembrar o religioso, movido pela fé e com uma promessa a pagar o eletricista saiu de Patos às 5h da manhã do dia 20 de janeiro, rumo ao Juazeiro do Norte, uma distância de mais de 300 quilômetros que separam as duas cidades. Ao todo foram nove dias de peregrinação pelo Sertão paraibano e Cariri cearense, com mais de 72 horas de caminhada a pé, fazendo, em média, 37 quilômetros por dia, com paradas apenas para convivência e oração.

Sem dinheiro no bolso, ele disse que contou com a generosidade das famílias por onde passou ao longo do percurso. “Algumas pessoas davam almoço e até janta, deixava descansar. À noite eu dormia sempre nas casas de apoio.

Os motoristas de transporte alternativos, Adenildo Felipe Haras e Fabiano Medeiros, da Medeiros Viagem e Encomendas que fazem diariamente a linha Patos-Sousa, disseram que por diversas vezes passaram pelo peregrino patoense. “Quando a gente o via na estrada, parávamos, dava água pra ele, pagava um almoço, o ajudava de alguma forma, e ele ficava muito feliz”, disse Adenildo. O motorista frisou que o peregrino sempre mostrava muita coragem e determinação em cumprir o seu objetivo. “Fiquei muito feliz em saber que ele chegou até lá”, finalizou.

Sem dinheiro no bolso, Damião Araújo disse que contou com a generosidade das famílias por onde passou ao longo do percurso

+

“Tinha uma força muito grande dentro de mim”

O pagador de promessa chegou ao seu destino na manhã da última quarta-feira, 29. Ao subir a escadaria do Horto, se ajoelhou e em prantos agradeceu a Deus pelos dons recebidos e, renovado na fé, prosseguir a jornada ainda mais forte sabendo que podem contar com amigos na terra e no céu, como o Padre Cícero Romão. Ele afirmou que não sentiu cansaço em demasia, nem desestímulo durante a caminhada, apenas dores causados pelos calos que afetaram seus pés.

“Cheguei bem, não cansei excessivamente, e tinha uma força muito grande dentro de mim que me impulsionava a atingir o meu objetivo. Sou devoto do Padre Cícero e de Nossa Senhora das Dores e estou muito emocionado de chegar até lá e

Emoção e a certeza de que tudo valeu a pena cumprir com a promessa feita. É até difícil explicar essa sensação e a emoção de estar lá”.

Damião falou que durante a jornada espiritual recebeu

telefonemas e mensagens de apoio dos patoenses, porém “o que mais me emocionou foi quando cheguei no Juazeiro e minha filha Emily me ligou e me deu os parabéns por ter conseguido. As lágrimas caíram ainda mais”.

As peregrinações ao Padre Cícero, tiveram início a partir de um milagre presenciado na capela onde o Padre realizava uma celebração eucarística. Depois de horas de oração e jejum por ocasião da Quaresma, período que antecede a Páscoa cristã, ao dar a hóstia consagrada à Beata Maria de Araújo, ele percebeu que ela havia se transformado em sangue na boca da devota. O ocorrido logo se espalhou e começaram vir pessoas de vários lugares para conhecer o “Padre Milagreiro”.

## O que diz a Igreja sobre as promessas

A promessa, segundo o padre João Nóbrega, é feita em hora de súplica

Se formos analisar mais profundamente nos documentos da Igreja Católica, em seu Magistério e tradição, vai dizer que Deus já nos deu tudo o que poderia nos dar segundo o seu desígnio de amor. No entanto, Ele deseja a colocação do homem diante da oração.

Segundo o padre João Nóbrega, pároco da Catedral de Nossa Senhora da Guia, a promessa é um voto que se faz num momento de súplica, pelo qual oferecemos um bem a Deus, às vezes por intercessão de um santo, com a finalidade de obter favores ou graças. “É agradável a Deus porque quem faz reconhece a bondade e o poder de Sua Graça”, enfatizou o sacerdote.

Mas, todavia, vale salientar que as promessas

não obrigam Deus a nos dar o que pedimos.

De acordo com o padre, a Igreja reconhece esse ato religioso e explica que está fundamentado nas “Sagradas Escrituras”, nos livros do Gênesis “Se Deus for comigo, se Ele me guardar durante esta viagem que empreendi, e me der pão para comer e roupa para vestir, e me fizer voltar em paz para a casa paterna, então o Senhor será o meu Deus, (28; 20-22) ”.

Entretanto o vigário faz uma advertência para que esse voto seja feito de maneira consciente e madura. “O cristão por devoção a Deus pode prometer, peregrinação, esmola esse ou aquele ato. Mas, tenhamos cuidado para não prometer aquilo que não podemos cumprir.

# Programa tem 400 pessoas trans à espera de emprego

Dados do Centro de Cidadania LGBT mostra que ainda há muitos obstáculos, mas que direito deve ser respeitado

**Laura Luna**

lauraragao@gmail.com

‘Infelizmente você não faz o perfil da empresa’. Louise de Assis nem lembra quantas vezes ouviu essa frase. Graduada em Comunicação Social, Louise lembra que as negativas começaram quando ainda era universitária e tentava vaga de estágio. “Em um dos processos, passei por todas as etapas e estava pronta para ocupar a vaga. Foi meu último ‘não’. Me lembro que a empresa era perto da orla, saí de lá e fui para praia chorar”. O primeiro emprego com carteira assinada só veio há um ano, aos 27, até então Louise trabalhava de maneira autônoma, vendendo produtos de beleza. “O mercado formal para pessoas trans é muito difícil e sempre tende ao subemprego. Conheço transexual com doutorado que está na prostituição por não conseguir espaço no mercado de trabalho”, conta.

A dificuldade é maior ainda para quem não tem sequer formação escolar. Segundo informações do Centro de Cidadania LGBT da capital, onde Louise trabalha como assessora técnica, metade das pessoas transexuais cadastradas não possuem o segundo grau completo o que acaba dificultando a inserção no mercado de trabalho. Nesses casos, é feita a orientação e o encaminhamento para a escola. “Fazemos o encaminhamento para o EJA (Educação de Jovens e Adultos) para que retomem os estudos. Muitos não ficam até porque o ambiente escolar remete a lembranças difíceis”, comenta Roberto Maia, da Coordenadoria de Promo-



Louise de Assis, técnica administrativa afirma que teve muitas dificuldades até conseguir um emprego com carteira assinada

ção à Cidadania LGBT e Igualdade Racial do município de João Pessoa.

A mesma orientação acontece no Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBT e Enfrentamento a Homofobia na Paraíba, Unidade de João Pessoa, como explica o coordenador do espaço Victor Pilato. “Aqui temos parcerias com outros órgãos do Estado e fazemos encaminhamentos.

Funad e Centro de Línguas são alguns exemplos”. O diário e o encaminhamento às escolas e ao Sine-PB também são constantes.

No Programa Transcidadania, do Centro de Cidadania LGBT, os encaminhamentos resultaram em cerca de 100 empregos regulares, àqueles com carteira assinada. O programa, que teve início em 2015, tem cadastrados hoje

cerca de 400 pessoas trans que sem legislação específica que garanta espaço no mercado de trabalho precisam cada vez mais desse tipo de iniciativa para conquistar a tão sonhada vaga. Do outro lado estão as empresas que resistem e fecham as portas para essas pessoas. Por isso as parcerias são tão importantes.

“Temos cerca de 12 empresas parceiras que contra-

tam pessoas trans”, pontua Roberto Maia, que explica também que são realizadas visitas a esses lugares com o objetivo de esclarecer e promover as adequações necessárias. “Promovemos palestras e oficinas com o objetivo de trabalhar essas empresas, orientando para uma mudança de postura sempre que necessário, já que para inserir é preciso mudar”.

Coordenador do Centro, Roberto Maia, incentiva educação e cursos técnicos dentro do Programa Transcidadania

## Sem preconceito, empresas empregam pessoas trans

O número de empresas que abre as portas para transexuais ainda é muito pequeno. “Aqui no Estado temos muitas empresas familiares, que têm uma postura mais rígida. Temos que ter cuidado, inclusive com as parcerias,

porque em certos ambientes os travestis e transexuais podem não receber o tratamento correto. É por isso que o preparo dessas corporações é tão importante”, esclarece Roberto Maia Na Liq, empresa de call

center que contrata pessoas transexuais desde 2016, há todo um trabalho de sensibilização interno para que as pessoas trans se sintam acolhidas desde a entrada. “Liderança, recursos humanos, empresas parceiras e todos os nossos colaboradores são orientados- através de palestras, oficinas e outras práticas- a fazer esse acolhimento”, conta Everson de Pádua, coordenador de Recursos Humano da Liq.

A empresa também trata o colaborador pelo nome social, aquele usado quando o processo de transição social não aconteceu. O uso do banheiro, outra grande dificuldade enfrentada pela população trans, segue a orientação de gênero de cada um. Ações que aos poucos transformam a cultura da empresa, modificando as relações pessoais e transformando o ambiente em um espaço de respeito e empatia.

“Nós costumamos dizer que o respeito aqui é inegociável. Somos motivados a olhar o outro de maneira mais humana e isso repercute em todo o funcionamento da empresa”, destaca Everson.



Everson de Pádua ressalta que respeito em sua empresa é algo inegociável e humano



Ricardo Oliveira trabalha há dois anos numa empresa de Call Center

## É preciso tirar estigmas

Ricardo Oliveira tem 26 anos e há dois anos trabalha na empresa. É o primeiro emprego formal mas, diferente de Louise, ele nunca ouviu um ‘não’. “Foi a minha primeira tentativa e eu já sabia que a empresa contratava pessoas trans”. O operador de telemarketing conta que mesmo com toda a política de conscientização, já foi vítima de preconceito. “Contornei a situação. Foi uma oportunidade de educar e escl-

recer, mas foi algo isolado”. Formado em psicologia, Ricardo sabe que a empresa onde trabalha é um ‘ponto fora da curva’ e que é possível que no futuro se depare com negativas decorrentes do preconceito, ainda fortemente inserido na sociedade.

“Eu não me assusto porque entendo que as dificuldades são uma oportunidade de aprendizado ao mesmo tempo em que servem para me fortalecer”.

# Solução sustentável para o lixiviado tem bons resultados

Na UEPB, pesquisadores desenvolvem tratamento de esgoto gerado de resíduos sólidos descartados com baixo custo



O destino dos resíduos sólidos – o lixo – é um problema constantemente prorrogado no Brasil. O país tem uma Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) instituída há uma década, mas os prazos para a construção de aterros sanitários com tratamento do lixiviado (chorume) e outros tópicos não são cumpridos pelos municípios, deputados propõem no Congresso Nacional prorrogações e a falta de soluções se arrasta. Era para ser 2014.

A PNRS foi sancionada em 2 de agosto de 2010 e estabelecia até o final de 2014 o prazo para que as prefeituras se adequassem às novas regras. Em julho de 2015, o Senado estendeu a data-limite para o fim dos lixões.

Pela nova regra, até 31 de julho deste ano termina o prazo para cidades com população entre 50 e 100 mil habitantes resolver essa questão. Os municípios com menos de 50 mil habitantes, devem estar de acordo com a lei até 31 de julho de 2021. E as capitais e regiões metropolitanas, os municípios de fronteira e os que contam



Valderi Duarte é coordenador do Laboratório Multiusuário de Pesquisa e Análise de Água, Alimentos, Resíduos e Biodiversidade, ligado à Universidade

com mais de 100 mil habitantes? Bem, já era... O prazo encerrou em 2019. Na Paraíba, a Promotoria do Meio Ambiente do Ministério Público Estadual tem estado encarregada de cobrar essa execução dos prefeitos.

Contudo, a situação do lixo não se resolve nem quando o município implementa o aterro sanitário quando o faz parcialmente, sem operar de forma satisfatória a reciclagem dos materiais reutilizáveis ou a inclusão dos ser-

viços dos catadores. Surgem novos problemas. Ainda por cima, há outro resíduo gerado pelo lixo que preocupa e é líquido: o chorume, o esgoto do lixão, do aterro sanitário, dos resíduos. Na Paraíba cada pessoa gera, em média,

1 litro de lixiviado por dia (Fonte: Extrabes).

Em meio a esse desafio gigante, como fala o pesquisador Valderi Duarte Leite, da UEPB, o lixiviado, nome técnico para o chorume é o detrito mais tóxico, mais po-

lvente e mais difícil de ser tratado para ser devolvido à natureza. Valderi Duarte é coordenador do Laboratório Multiusuário de Pesquisa e Análise de Água, Alimentos, Resíduos e Biodiversidade, ligado à Universidade Estadual da Paraíba, onde a Estação Experimental de Tratamento Biológico e Esgoto Sanitário (Extrabes) está instalada. A Extrabes integra o Centro Multiusuário, o programa do Governo da Paraíba que amplia as capacidades de pesquisas de laboratórios em operação no Estado.

A Extrabes tem realizado a caracterização química de lixiviado de aterro sanitário de João Pessoa e identificado várias substâncias químicas extremamente tóxicas. Já foram identificados 157 compostos químicos de diferentes origens e resistentes, além de uma série de elementos químicos como o chumbo, mercúrio, cromo, níquel, arsênio e demais outros.

O lixiviado de aterro sanitário é detentor de elevada concentração de nitrogênio amoniacal (um amoníaco) e cerca de 95% dos sólidos totais do lixiviado se encontram em forma dissolvida, o que dificulta ainda mais o tratamento.

## Como tratar chorume

Estudos para conhecer mais profundamente o lixiviado e formas de tratá-lo antes de descartar ao meio ambiente são recentes. As características do lixiviado começaram a ser pesquisadas no Brasil em 2008, através de um projeto financiado pela Finep (Financiadora de Estudos e Projetos). “Formamos uma rede com nove instituições de pesquisa de vários estados e começamos a pesquisa do zero. Não havia um nome padrão; ‘lixiviado’ é o termo traduzido para o português, usado internacionalmente”, contou o pesquisador Valderi Duarte Leite, da Extrabes.

Determinou-se que cada um em suas cidades caracterizariam o lixiviado. “Eu fui escalado para realizar o processo de dessorção de amônia”, é um procedimento químico para retirar do meio líquido a fração denominada de gás amônia, que é uma substância química altamente tóxica. Lixiviado é muito rico em nitrogênio amoniacal. O esgoto doméstico, por exemplo, tem algo em torno de 50 miligramas por litro de nitrogênio amoniacal. No lixiviado dos aterros operados no Brasil, a concentração de nitrogênio amoniacal chega ao patamar de 2.500 miligramas por litro. É impossível iniciar qualquer tratamento biológico com essa concentração de nitrogênio amoniacal”, informa Valderi.



Formas de descartar o lixiviado ainda são bastante recentes

## Remoção do nitrogênio amoniacal é estudado

O nitrogênio amoniacal, presente no lixiviado, poderá ser encontrado em duas formas que são, a forma molecular e a forma iônica e estas duas formas somadas totalizam a concentração do nitrogênio amoniacal, que foi objeto primeiro do estudo da Extrabes.

“Construímos uma torre de dessorção e realizamos os ensaios para eliminação do nitrogênio amoniacal (aplicamos o princípio da operação unitária denominada dessorção).

Este processo foi muito bem-sucedido em termos de eficiência, haja vista que em um tempo de 3 horas ser reduzida a concentração de nitrogênio amoniacal de 2.500mg/L para 100 mg/L. Porém, o custo ficou bastante elevado, algo em torno de R\$153,00 por metro cúbico de lixiviado. E qual a razão deste custo? Gasto com



Pesquisadores avaliam a eficiência do nitrogênio presente do lixiviado

base, com energia elétrica e com ácido.

Em resumo: o processo foi bem-sucedido, porém, seria necessário resolver a questão do custo.

Depois de muitas horas de discussão, o grupo chegou à conclusão de que este mesmo processo poderia ser realizado em “reatores de fluxo

horizontal aberto”. Precisava ser materializada na prática. Valderi Duarte Leite continua:

“Em um primeiro momento foram realizados ensaios de bancada e constatamos que a nossa ideia do RFHA (reatores de fluxo horizontal aberto) poderia ser concretizada. Então construímos os RFHA (cin-

co reatores em série) com 5 metros de comprimento e 1 metro de largura.”

“Estabelecidos os parâmetros operacionais, iniciamos o monitoramento do sistema, acreditando na química, na bioquímica, na microbiologia, na engenharia e nos deuses!”

Com estas valiosas contribuições e com a garra, competência e determinação dos pesquisadores e pesquisadoras envolvidas diretamente na realização deste trabalho de pesquisa, o processo de dessorção de nitrogênio amoniacal foi efetivado com eficiência superior a 90% e custo de R\$ 0,50 por metro cúbico de lixiviado.

“O Brasil, o Nordeste e a Paraíba precisam conhecer estes trabalhos que foram e estão sendo realizados por pesquisadores e pesquisadoras da UEPB”, destaca Valderi Duarte.

## Parque tecnológico é solução para aterro sanitário

O pesquisador Valderi Duarte Leite é incisivo ao afirmar que aterro sanitário não resolve o problema do lixo urbano. Apenas o tira do meio da rua e confina. “As pessoas não enxergam, mas estamos envolvidos num desafio complexo. Nós, a população, temos que sair dessa configuração de aterro sanitário. Não tem como esse país se segurar aterrando matéria orgânica, aterrando plástico, aterrando papelão. Tem que fazer compostagem e reciclagem. O aterro seria destino para 10% dos resíduos que nós geramos e não têm outro uso”.

“Na prática, a solução é fazer um parque tecnológico para tratar água; um sistema que mistura o lixiviado com o esgoto doméstico. Trata-se todo o montante antes de descartar no meio ambiente. O problema é que as configurações atuais desses sistemas estão equivocadas. Por exemplo, o aterro sanitário de João Pessoa está a seis quilômetros de distância do tratamento de esgotos domésticos. O ideal é ter uma estação unificada. A lógica é essa. Estação de tratamento de água, esgotos, resíduos, tudo próximo para potencializar o esforço e viabilizar financeiramente.



Pesquisador Valderi Duarte afirma que aterro não resolve problema



Coordenador Pedro Osmar revela que o centro terá este ano exposições de filmes, bate-papos e palestras com convidados

# Um espaço para preservar a memória sonora da Paraíba

## Criado há mais de 30 anos, Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira está sendo reformado

**Cairé Andrade**  
caireandrade@gmail.com

Com mais de três décadas de existência, o Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira contribui para o resgate da memória artística paraibana. Localizado do lado direito após subir a Rampa 1 do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, o local funciona como uma base importante para pesquisadores e entusiastas da música.

Atualmente, o artista paraibano Pedro Osmar é o coordenador do projeto e está trazendo novas perspectivas, como exposições de filmes, bate-papos e palestras com convidados. O Centro pode ser visitado gratuitamente de segunda à sexta, entre 8h e 18h.

Domingos de Azevedo foi o responsável por fundar o espaço. “Estamos agora dando sequência ao que já foi encaminhado. A exemplo do projeto Macacos me Mordam, pelo qual realizamos entrevistas e exibição de filmes”, conta Pedro Osmar. No próximo dia 5 será retomado o calendário de exposições gratuitas, com o vídeo *A Vida em Cuba*. A intenção é trazer produções audiovisuais mais alternativas, semanalmente às quartas, a partir das 18h.

Hoje em dia, no Centro de Documentação, podem ser encontrados livros biográficos, sobre música sacra, folclore e sobre os compositores Heitor Villa-Lobos (1887-1959), Adhemar da Nóbrega (1917-1979), Domingos

de Azevedo (1921-2009) e José Siqueira (1907-1985), dentre outros, além de partituras, estas em parceria com o projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Visando as intervenções emergenciais para resguardar a memória sonora da Paraíba, Preservação de Acervos Musicais é o nome do projeto de extensão, coordenado pela professora Amarilis Rebuá de Matos, da UFPB, como auxílio para o resgate e armazenamento apropriado de partituras de diversos compositores brasileiros e estrangeiros.

“Foi realizada uma triagem para separar, higienizar e organizar todo esse material, que está organizado em ordem alfabética em envelopes indivi-

duais”, explica a estagiária Edeuza Molla. “A segunda fase do projeto será a organização dos materiais de acervos particulares. Temos fragmentos de materiais que foram doados. Vamos organizar um livro com as partituras e também a digitalização, que será disponibilizada por PDF”, completa a estudante, que faz um convite para professores, estudantes, músicos e pesquisadores da música para conferir o espaço pessoalmente.

### Patrimônio híbrido

O Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira conta com um acervo híbrido, no qual “podem ser encontrados vinis, CDs, livros e alguns DVDs históricos documentais, resgatando a histó-

ria da música na Paraíba”, como explica o coordenador do projeto. “Temos muito material armazenado que está em fase de recuperação”, pontua Pedro Osmar. Temos, inclusive, um grande acervo de fotos que contam a história da construção do Espaço Cultural, são mais de 30 mil fotos de todos os fotógrafos que já passaram por aqui”, completa.

Parte do trabalho do Centro de Documentação também conta com o recebimento de novos materiais, os quais qualquer pessoa pode doar. “Quem tiver qualquer material parado em casa, pode trazer que a gente recebe”, explica Pedro Osmar. “É importante seguir com o ciclo das coisas. Às vezes, a gente tem alguma coisa que não

nos diz mais nada, e pode ser útil para outra pessoa. Temos um doador carioca, por exemplo, o pesquisador e historiador Mário Aizen, que sempre nos envia novos documentos”, conta. “Estão aparecendo muitos doadores ultimamente. Nosso acervo está sendo enriquecido de coisas importantíssimas”, completa, reforçando que o espaço segue aberto para novas doações.

“Ter um material como o que a gente oferece é de extrema importância para resgatar a memória da história da música não só da Paraíba, mas nordestina. Estamos tentando organizar tudo aos poucos para contribuir com o ciclo de utilidade histórica dos documentos”, finaliza o coordenador.

Fotos: Clara Lenira/Divulgação



Da esquerda para direita registros que fazem parte do acervo de mais de 30 mil fotos do centro, como as apresentações do brincante Antônio Nóbrega, do cantor Edson Cordeiro e das diversas atrações dos anos 1990 do Festival Nacional de Artes (Fenart)

# Testemunhas de Jeová e seus “tribunais sagrados”

Entre as Testemunhas de Jeová existe uma espécie de sistema paralelo de Justiça, que funciona com seus próprios tribunais e juízes. O tribunal judicativo é responsável por investigar e punir os comportamentos desviantes dos membros da religião. Eles geralmente são compostos por três anciãos congregacionais, que amparados em fundamentos bíblicos formam um corpo de “juízes” sagrados. A sua abertura estaria condicionada à existência de provas ou de vestígios que indiquem comportamentos inapropriados.

É comum que a abertura dos tribunais judicativos seja motivada por delações. Entre as TJs há uma espécie de sistema de monitoramento mútuo, no qual a fofoca depreciativa é um notório expediente de controle social. Elas são estimuladas a “dedurar” os companheiros de fé aos anciãos, o que é justificado pela necessidade de manter pura a congregação.

Os momentos que antecedem a participação como “réu” num tribunal judicativo são, via de regra, descritos como tensos e angustiantes. A “vida eterna” e a “vida social” dessas pessoas estão em jogo. Ser desassociado significa não gozar mais da proteção de Jeová e que se caminha para a destruição no Armagedom.

A morte social, por sua vez, é mais rápida e certa. Ela implica na humilhação pública, no banimento da comunidade e na intensificação da vergonha e da culpa. Do ponto de vista do “regulamento”, alguém que foi desassociado e que não concorda com o veredito tem até sete dias para recorrer da decisão, através de uma Apelação de Decisões Judicativas. O segundo julgamento é feito por uma nova comissão – quase sempre formada por anciãos de outra congregação – indicada pelo Superintendente de Circuito. Acima dela não cabe mais recursos.

É possível também exigir a mudança de algum membro da comissão, com base no princípio de suspeição – pouquíssimas pessoas têm conhecimento desse direito por

ser uma informação contida no KS, o livro exclusivo dos anciãos. Durante o processo são exigidas, no mínimo, duas testemunhas de acusação. Anciãos que tenham parentes envolvidos diretamente nos casos devem ficar impedidos de julgar, o que nem sempre é respeitado. Mesmo com aura de sacralidade que costuma envolver esses tribunais e a crença que os julgamentos são guiados pelo Espírito Santo, inúmeros são os relatos de parcialidades envolvendo as comissões.

Julgamentos e punições são bastantes influenciados pelas relações informais de poder. Por isso, o bom relacionamento com membros das comissões, a posse de cargos de liderança e privilégios de gênero podem ser artifícios valiosos para influir nas decisões. O sociólogo austríaco Peter Berger dizia que tais relações informais de poder não aparecerão discriminadas nos estatutos oficiais, apesar de sua gigantesca importância política.

É necessário encontrar, portanto, as pistas para compreensão dos mecanismos “extraoficiais” de poder. Um exemplo são as administrações eclesiais episcopais e metodistas norte-americanas. Ambas possuem um tipo de “corpo jurídico” com particularidades que refletem seus distintos processos históricos. O que inclui as disputas teológicas travadas no interior dessas organizações religiosas.

O argumento de Berger é o de que, se quisermos entender sociologicamente o funcionamento de tais administrações, os aspectos “constitucionais” não são suficientes. Um olhar mais penetrante pode revelar as pressões, as correlações de força, os arranjos, as adequações de estatutos e crenças. São, portanto, a estrutura burocrática, as divisões hierárquicas e as forças invisíveis do status e do capital social que determinarão a forma como o poder opera numa organização como as Testemunhas de Jeová. Com sua complexa estrutura burocrática que envolve uma rede mundial de congregações, com dirigentes locais, regionais e nacionais subordinados a um poder central.

## Existimos na Cultura

Existe, na natureza humana, uma região inacessível que constitui o pertencimento do indivíduo, que se caracteriza como algo sem inteligibilidade e que a razão não consegue demonstrar sua existência. E se apresenta como uma energia psíquica que se desloca em forma de pulsões e influencia a forma de pensar, de agir e a sensibilidade. Essa energia psíquica se condensa numa cadeia de representações que se caracteriza como um prazer que é substituída pela percepção para com a realidade. Desta forma, o indivíduo é influenciado por essa realidade externa e se constitui, de forma fragmentada, numa cultura que ele foi inserido e existe.

A existência humana é constituída de prazer e desprazer. Esse conflito é estabelecido numa tensão entre o consciente e o inconsciente, e é na cultura que indivíduo amortece suas tensões e mantém a continuidade e o sentido da própria vida. É desta forma que esse indivíduo forma o próprio gosto estético.

A arte é a construção da dignidade da dor humana, a fim de suportar e superar os conflitos da existência, e é manifestada na sensibilidade e no comportamento. Essa construção surge na cultura e se manifesta no regionalismo, no folclore e no nacionalismo.

Sobre o nacionalismo, o criador das teses que fundamenta este conceito, que influenciou as identidades dos países, foram apresentadas pelo filósofo alemão Johan Gottfried von Herder (1744-1803). Para fundamentar essas teses, destaco: *Ensaio Sobre a Origem da Linguagem*, de 1772; *Outra Filosofia da História Para a Educação da Humanidade*, de 1774, e *Ideias sobre a Filosofia da História da Humanidade* (1784 a 1791). Herder estabeleceu as leis gerais do desenvolvimento da história da humanidade e fez estudos sobre as culturas de diversos povos. Uma das teses, de Herder, é de que a poesia é a identidade de um povo, e que seria impossível a sobrevivência da arte sob condições de uma tirania relacionada com o abuso de poder e do ódio. Vou contextualizar o conceito

Foto: Museu Villa-Lobos



de nacionalismo na edição 253 do programa *Domingo Sinfônico* neste 2/2/2020, a partir de 22h até as 0h na Rádio Tabajara. Para o ouvinte da cidade de João Pessoa, sintonize Rádio Tabajara AM 1.110 ou FM 105,5. Para quem reside em outra cidade, baixe o aplicativo ou acesse pelo <http://radiotabajara.pb.gov.br>.

O *Domingo Sinfônico* é um programa de música erudita que apresenta aos domingos. Faço uma análise musical, comento o contexto histórico da peça, a vida do compositor, suas influências e contribuições para com a estética. Geralmente, faço edições sobre um intérprete ou regente, para evidenciar a importância deles para a música erudita. Nesta edição, vamos conhecer Heitor Villa-Lobos (Brasileiro/Rio de Janeiro, 1887-1959). Através de suas peças, irei apresentar as teses de Villa-Lobos sobre o nacionalismo e a arte do folclore que carregamos em nossos sentimentos e comportamentos.

Villa-Lobos compôs mais de mil peças. Ele estudou, sozinho, música. Aos seis anos, ele compôs sua peça para violão a partir de cantigas populares. Aos oito anos, com a ajuda de seu pai, Villa-Lobos se interessou pela harmonia musical do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750); também pelos ritmos

regionais do Brasil e pela musicalidade dos cantadores nordestinos.

Villa-Lobos, quando criança, aprendeu a tocar violoncelo, clarinete e saxofone. Aos 12 anos, ele ficou órfão de pai. Aos 16 anos, foi morar com uma tia, e sua tia, ao reconhecer o talento do seu sobrinho, deixava-o frequentar ambientes musicais no morro e casas de show. Isto o fez ficar influenciado pelos temas musicais dos “chorões” - que eram grupos de músicos melancólicos e de serestas. Esta influência construiu a base da musicalidade primária de Villa-Lobos. Ele compôs uma série de 14 choros entre 1920 e 1929 e através desses choros, ele descreveu o sentimentalismo, a tristeza e a melancolia do povo brasileiro.

Em 1905, ele viajou para o Nordeste e foi decisivamente influenciado pela sua beleza e costumes; também pela arte-culinária nordestina; pelo comportamento do povo do Nordeste; pela diversidade rítmica desta região. Tudo isto, e a poesia e literatura brasileira, influenciaram a construção do nacionalista de Villa-Lobos. Nas suas peças, ele uniu os ícones do nosso folclore com as técnicas da harmonia do período do barroco dos séculos 17 e 18.

Nas suas 12 sinfonias, ele foi descritivo e expôs os nossos conflitos sociais e mundial. Suas peças adquiriram uma importância na história da música erudita. Algumas de suas peças encontramos composições inspiradas na poesia e em textos literários, e são conhecidas como peças programáticas.

Villa compôs peças de câmara e poema sinfônico para descrever nossas florestas. De forma mais intensa, nas nove bachianas, Villa-Lobos apresenta um tema do folclore brasileiro fusionado com um tema do barroco do compositor alemão Bach, e incorpora da cultura brasileira, os temas dos regionalismos e do nacionalismo nessas bachianas.

*Klebber Maux Dias apresenta ‘Domingo Sinfônico’, todos os domingos, das 22h às 00h, na Tabajara FM (FM 105,5, AM 1.110) ou pelo link [radiotabajara.pb.gov](http://radiotabajara.pb.gov).*

## Kubitschek Pinheiro

[kubipinheiro@yahoo.com.br](mailto:kubipinheiro@yahoo.com.br)

### ‘Doutor Sono’ (in)felizmente falhou

Quando vi *O Iluminado*, de Stanley Kubrick, em 1983, achei ma-ra-vi-lho-so. Eu ainda era jovem e tinha medo de almas. No Sertão, quando eu era pequeno, escutava que tinha uma alma na casa 27 da Rua Inácio Lira, pertinho da Prefeitura. Eu morria de medo dessa alma, principalmente à noite. Alguém me disse que o desembargador Antonio Elias de Queiroga, ainda hoje, morre de medo de almas.

Claro que *O Iluminado* mexeu com o mundo todo. O filme é uma adaptação de um dos livros mais populares de Stephen King, mas tudo parece ter saído da cabeça de Kubrick. O filme é a cara dele, as personagens, também. Li, tempos depois, que desagradou bastante o King. Não sei como funciona as assombrações no livro ou toda a agonia que deixa o personagem Jack (Jack Nicholson) completamente fora de si. Minha mãe dizia: se você encontrar uma pessoa fora de si, deixe ela lá.

Aquela velha história que Jack Torrance se torna caseiro de inverno do isolado Hotel Overlook, nas montanhas do Colorado, para curar o bloqueio de escritor. Ele se instala com a esposa Wendy (Shelley Duvall) e o filho Danny (Danny Lloyd), que é atormentando por premonições. Jack não consegue escrever e as visões de Danny se tornam uma perturbação. O escritor descobre os caminhos sombrios do hotel e começa a se transformar em um maníaco homicida, aterrorizando sua família e os espectadores. O filme tem passagens fantásticas, das noites de festas do hotel, com as personagens que conversam com Jack, mas na verdade é ele conversando consigo mesmo ou Stephen King ou o próprio Kubrick. Não importa. Nem viemos aqui para falar de *O Iluminado*. Estou com sono, vou dormir, amanhã continuarei a escrever.

Quando meu filho era garoto, (comecei a levá-lo para o cinema quando ele era ainda bem pequeno), sempre me perguntava o que tinha no *Iluminado* e eu dizia que quando ele crescesse, iria ver. Mas ele demorou. Não sei se gostou. Os jovens de hoje não têm medo de almas. Claro, as nossas almas se entendem muito bem.

Lembro de uma briga de dois homens no Sertão, aparentemente amigos, em que um arrancou a mão do outro com um facão e, dizem, deu no pé e a levou consigo. Nunca mais voltou. Eu juro. Poxa, não faz bem deixar ninguém na mão ou apenas com a mão direita. Vai que a pessoa é canhota...

Pois bem, Agora quase quatro décadas depois, uma sequência é feita para o livro e ela também ganha uma adaptação ao cinema, chamada de *Doutor Sono* (de Mike Flanagan). Um péssimo filme, perverso, que conta a história de Danny, (Ewan McGregor), o menino de *O Iluminado*, que vê as cenas tenebrosas do antigo hotel. Agora, Dan(ny) já sabe lidar com alguns fantasmas do passado, mas isso não é o mais relevante de filme. É óbvio.

Ele, a exemplo de seu pai, tornou-se um alcoólatra. Enquanto isso, um grupo de “vampiros” que se alimenta dos poderes de pessoas iluminadas entra em cena. Matam crianças e sujam a essência. Nota zero. Toda vez que escuto falar em vampiros, lembro do maldito Temer, mas nada a temer. Não tenho medo de almas penadas. *Doutor Sono* é um terror sobre fazer as pazes com o passado.

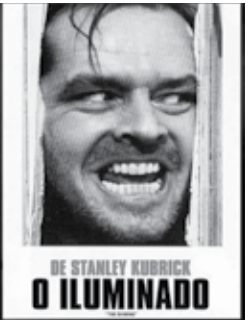
Bom, se eu pudesse não sairia de *Olhos Bem Abertos* de 1999 (com as cenas eróticas e canábicas), passava por *2001 - Uma Odisseia no Espaço* (1966), mas eu continuou dando banho em *Lolita*, de 1962. Ah, Lolita!

- Kapetadas
- 1 - Viver perigosamente é: beber cerveja em Minas e curar a ressaca no Rio.

2 – Muita gente aí tem boas ideias, mas sabe ser inconveniente e eventualmente não conhece seu lugar.

3 Não vai demorar muito pra ter um programa que presenteia a família com o funeral dos sonhos. Será o Jaz, Doce Jaz.

4 – Som na caixa: “O cinema falado é o grande culpado da transformação”, Noel.



Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB

# Muita opção na Netflix, mas de escasso agrado

De há muito não tenho ido ao cinema, propriamente. Mesmo porque só os fruímos em redes de shoppings. Não fico muito bem, vendo e ouvindo alguém do nosso lado resfolegando sons bizarros, na qual as pipocas e refrigerantes são seus prazeres maiores; não o que se passa na telona.

Tenho assistido pouco à Netflix. A não ser, de quando em vez instigados somos por um filme que nos chame a atenção. Pirotecnia visual existem aos montes, baboseiras incontáveis, e nada que nos traga bem-estar emocional. Muita coisa nas redes, mas de pouco agrado, pelo menos do interesse desse amigo que vos fala, acostumado que fui a ver e curtir cinema durante anos.

Esta semana, junto à minha esposa Lili, entre um gole e outro do velho e bom “Rouge” (receita do estimado amigo médico Jaime), saudosamente longe do meu esperto netinho Arthur, mais uma vez busco a Netflix. Após longo tempo de procura, lá está... *O filme da minha vida*. Sim! Esse é o título mesmo, sem tirar nem por. Um prêmio para os olhos e a alma. Obra sensível, como o é uma das regiões do Rio Grande do Sul – a Serra Gaúcha. Filme que me fez lembrar de uma outra obra importante do cinema nacional: *O Quatrilho*, cuja região fiz questão de visitar e degustar bons vinhos, após assistir ao filme.

*O filme da minha vida* é uma obra interessante, sensível, cuja narrativa contempla os plenos requisitos estruturais da gramática cinematográfica – urdidura e compreensibilidade do seu enredo. E até conspira, algumas vezes, deixando as



Foto: Divulgação

Cine Roxy, simbólico em ‘O filme da minha vida’, uma obra interessante e sensível

“verdades” mesmas de seu discurso para o final. Um lance típico do folhetim. Tudo sob o clic foto-cinematográfico de um paraibano, Walter Carvalho, membro de nossa Academia Paraibana de Cinema.

Fica no ar, contudo, se as situações narradas no filme são legitimamente transcritas da vida real, já que é uma obra baseada no livro-memória *Um Pai de Cinema*, do autor chileno Antonio Skármeta. Uma coisa fica clara no filme, que é o respeito às origens do próprio cinema e à sua magia. Mesmo porque, existe uma adolescência em grande parte dos personagens, que veem no Cine Roxy o seu universo de libertação naquela cidade de Remanso, no Sul Gaúcho. E a Sétima Arte teria um forte elemento icônico nessa trama ao ressaltar, na fachada do cinema (foto), o clássico de Howard Hawks *Rio Vermelho*.

A ação principal do filme se desen-

volve a partir do jovem personagem Tony (Johnny Massaro). Tanto para ele como para nós, meros espectadores de sua saga, o “bois de cœur” da questão é o seu pai Nicolas, vivido pelo ator francês Vincent Cassel, que abandona a família e se manda de volta à França. Para decepção do filho, e tido como um libertino pela família e a comunidade rural, inclusive pelo amigo Paco (Selton Mello, igualmente diretor do filme), Nicolas jamais rendeu notícias à família. Mas, o cinema o encontrou!

Durante uma sessão de cinema com a namoradinha, mesmo sem querer, o jovem Tony descobre que o projetcionista do Cine Roxy é seu pai. Agora pai também de uma criança, que amorosamente sozinho cuida, da nova mulher que o abandonou. A questão maior do caráter do seu pai, Tony e o espectador somente será no final... – Mais “coisas de cinema” em alexsantpos.com.br.



## APC: Vida e obra de seu Patrono

CADEIRA Nº 02 – Patrono: Walfredo RODRIGUEZ (Ocupante: Vladimir Carvalho) – Considerado “o pai do cinema paraibano”, Walfredo Rodriguez fez parte de uma família de fotógrafos. Durante alguns anos trabalhou com realizadores cinematográficos no Rio de Janeiro, onde se aperfeiçoou. Voltou à Paraíba onde realizou vários filmes, especialmente documentários. Sob o Céu Nordestino é o mais emblemático. Realizou ainda os filmes Carnavais Paraibano e Pernambucano, Amor e Perdição e Reminiscências. Durante algum tempo foi diretor do Teatro Santa Roza. Como pesquisador escreveu os livros: História do Teatro na Paraíba e Roteiro Sentimental de uma Cidade, este último, fundamental ao conhecimento da sociedade paraibana. Walfredo Nasceu em João Pessoa, no ano de 1893, e aqui faleceu, em 1973.

## Em cartaz

### ESTREIAS DA SEMANA

**Bad Boys para Sempre** (Bad Boys For Life. EUA. Dir.: Adil El Arbi, Bilall Fallah. Ação. 16 anos). Os policiais Mike Lowrey e Marcus Burnett se juntam para derrubar o líder de um cartel de drogas em Miami. A recém-criado equipe de elite do departamento de polícia de Miami, ao lado de Mike e Marcus, enfrenta o implacável Armando Armas. **MAG 3 Atmos** (dub.): 18h45. **Manaira 3** (leg.): 13h (sáb. e dom.) 15h45, 18h30, 21h15. **Manaira 9** (dub.): 14h, 19h30; (leg.): 16h45, 22h15. **Mangabeira 1** (dub.): 14h, 16h45, 19h30, 22h15. **Tumbiá 3** (dub.): 14h10, 16h30, 18h50, 21h10. **Tumbiá 6** (dub.): 14h, 16h20, 18h40, 21h. **Partage 2** (dub.): 14h, 16h20, 21h; (leg.): 18h40.

**Os Órfãos** (The Turning. EUA. Dir.: Floria Sigismundi. Suspense. 14 anos). Uma jovem bebê descobre segredos sombrios enquanto cuida de dois órfãos perturbados em uma mansão mal-assombrada do Maine, nos Estados Unidos. **MAG 2** (dub.): 14h30; (leg.) 21h50. **Mangabeira 2** (dub.): 19h45, 22h.

**Uma Mulher Alta** (Dyktë. Rússia. Dir.: Kantemir Balagov. Drama. 16 anos). Leninegrado, 1945. A segunda guerra mundial devastou a cidade, deixando um rasto de destruição manifesta em edifícios demolidos e gentes arrasadas, tanto física como psicologicamente. **Manaira 8** (leg.): 15h20 (sáb. e dom.), 20h10 (seg. a sex.).

### PRÉ-ESTREIA

**Aves de Rapina - Arlequina e sua Esmacipação Fantabulosa** (Birds of Prey (And the Fantabulous Emancipation of One Harley Quinn). EUA. Dir.: Cathy Yan. Ação. 16 anos). Depois de se aventurar com o Coringa, Arlequina se junta a Canário Negro, Catadora e Renee Montoya para salvar a vida de uma garotinha do criminoso Máscara Negra em Gotham City. **MAG 3 Atmos** (leg.): qua. (5/2) 21h. **Manaira 2** (dub.): qua. (5/2) 21h. **Manaira 4** (dub.): qua. (5/2) 20h30. **Manaira 5** (leg.): qua. (5/2) 20h, 22h30. **Mangabeira 3** (dub.): qua. (5/2) 20h, 22h30. **Tumbiá 4** (dub.): qua. (5/2) 20h30. **Partage 3** (dub.): qua. (5/2) 20h30.

**Jojo Rabbits** (EUA. Dir.: Taika Waititi. Comédia. 14 anos). Jojo é um garoto alemão solitário que descobre que sua mãe está escondendo uma garota judia no sótão. Ajudado apenas por seu amigo imaginário, Adolf Hitler, Jojo deve enfrentar seu nacionalismo cego enquanto a Segunda Guerra Mundial prossegue. **Manaira 4** (leg.): qua. (5/2) 20h45. **Manaira 7** (leg.): qua. (5/2) 22h.

### CONTINUAÇÃO

**1917** (1917. EUA/Reino Unido. Dir.: Sam Mendes. Guerra. 14 anos). Na Primeira Guerra Mundial, dois soldados britânicos rezeem uma missão aparentemente impossível. Em uma corrida contra o tempo, eles devem cruzar o território inimigo e entregar uma mensagem que cessará o brutal ataque a milhares de combatentes. Indicado a 10 prêmios Oscar, incluindo Melhor Filme. **MAG 2** (leg.): 16h45, 19h20. **Manaira 2** (dub.): 19h15, 22h10 (exceto qua.). **Manaira 10** (leg.): 15h, 17h45, 20h40. **Tumbiá 1** (dub.): 18h30, 20h45. **Partage 5** (dub.): 18h30, 20h45.

**Adoráveis Mulheres** (Little Women. EUA. Dir.: Greta Gerwig. Drama. 10 anos). A história sobre a vida de quatro irmãs - Meg, Jo, Beth e Amy March - detalhando a passagem delas, da infância para a vida adulta. **Manaira 11 VIP** (leg.): 13h30 (sáb. e dom.), 18h50.



## Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Shopping [3214-4000] • Partage Shopping [3237-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

## Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

## Tenho sede!

“Dá-me de beber”, diz o mestre a samaritana.

Dá-me de beber, digo eu a todos os deuses que habitam o útero de todas as coisas.

Sim, tenho sede, muita sede, mas não só de água, ou seja, do H<sub>2</sub>O que sempre rareou em minha terra. Daí, sua opacidade e aspereza, embora sejam belos seus alcantis feitos de aço estelar e de ventos alucinados.

Tenho sede da água viva (Clarice bebeu este título no leito da Bíblia!). A água viva que corre pelo rio da justiça e da liberdade. Como tenho sede de liberdade e justiça!

Tenho sede de amor, o amor que Dante assegura mover o sol e as outras estrelas. O amor que, em sendo amor, transcende a morte e nos oferta o nervo sagrado da vida.

Sim: tenho sede dos amigos, pois a amizade, em sendo amizade, dura para sempre. Cristal que não quebra, socorro a toda hora, emblema perfeito da alteridade.

Tenho sede dos filhos, porque multiplicam o mundo e levam na alma a cicatriz da paternidade, o patrimônio herdado pelo fluxo do sangue e pelo calor espiritual que modela as criaturas.

Tenho sede de leitura, sede de livros, sede de bibliotecas. A leitura é uma aventura feliz em territórios reais e imaginários. Os livros são países exóticos, paraísos artificiais, o melhor abrigo para quem está sozinho. As bibliotecas resumem o mundo e se deixam moldar pelo fio imperceptível da sabedoria democrática. Todos se juntam na construção da grande utopia!

Dá-me de beber!

Tenho sede dos pássaros que fazem a melodia das manhãs; sede das manhãs, que inauguram, a cada dia, o mistério de viver.

Tenho sede das noites e das madrugadas. Seus segredos imprevistos, suas temporalidades quânticas, sua poesia solitária escorregando pela garganta das horas e dos minutos me levam para a geografia do deserto, onde esta sede pulsa, aumenta, dói...

Tenho sede dos animais em sua rude perfeição. O cavalo, por exemplo, foi meu sonho de menino. Alazão alado cortando o corpo da caatinga e se precipitando, sem temeridade, no abismo das furnas e grotões de minha infância. Turmalina, a novilha das novilhas, era bela e mágica. Hoje entendendo melhor o ciúme do boi Labirinto!

Tenho sede de lealdade, de verdade, de grandeza humana, de compaixão e caridade. Sede de um mundo melhor, de um país melhor, de uma cidade melhor. Os lugares têm seu tempo. Os lugares devem proteger os homens. Os homens devem cuidar de seus lugares.

Sim: Dá-me de beber!

Tenho sede da palavra e muita sede de poesia. Penso a palavra como a água mais viva, o meu alimento diário, a minha razão de delírio na horta pequenina do cotidiano. A palavra e suas vétebras enriquece o vazio dos dias. A poesia: a poesia é milagre. O tempo dela é o da hora sexta, isto é, a hora da decisão, a hora da sede maior, da solidão maior, do nosso encontro com Deus!

De Deus, cada vez mais, tenho sede!

## Destaque

## Hoje, Centro de JP terá apresentação da ala ursa

Abriendo o mês de fevereiro, a Praça Pedra do Reino, no Parque da Lagoa, em João Pessoa, já se prepara para o Carnaval. Neste domingo, o grupo de ala ursa Urso da Paz se apresenta a partir das 16h, gratuitamente.

Fundado em 2006, na cidade de Bayeux, o Urso da Paz foi, por dois anos, campeão do Carnaval Tradição. Nesta apresentação participam mais de 50 integrantes que prometem animar a tarde de todos com muito batuque e músicas carnavalescas.

Apesar de ter iniciado na Europa, disseminada por ciganos que percorriam as cidades com seus animais presos a uma corrente e dançando de porta em porta em troca de algumas moedas, as ala ursas estão muito ligadas ao Carnaval do Nordeste e já são tradição no Carnaval da Capital Paraibana.

O evento gratuito faz parte da programação do projeto AnimaCentro.

# Ode a um formador dramático

Nesta segunda-feira, documentário sobre o teatrólogo paraibano Roberto Cartaxo será lançado em João Pessoa

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

Influenciador do teatro paraibano, por ter formado gerações de atores a partir dos anos 1980 até a sua morte, aos 62 anos de idade, o diretor Roberto Cartaxo é tema de um documentário cujo título é *Veias Abertas*. Roberto Cartaxo, dirigido pelo ator Omar Brito e que será lançado nesta segunda-feira, dia 3, às 20h, no Bar de Mané, no Espaço Cultural, em João Pessoa.

O curta-metragem com 20 minutos de duração registra a entrevista do saudoso diretor concedida ao ator, diretor de teatro e apresentador de rádio João Costa, enfocando sua trajetória profissional nas artes cênicas e temas pessoais, como os problemas de saúde.

Na ocasião do evento, Omar também vai lançar o zine *Temboquinhanão*, que contém textos sobre o mundo teatral e poesias.

Omar Brito pretende disponibilizar o documentário – o primeiro de uma série – no seu canal no YouTube já na segunda. “A ideia é minha: fazer um documentário com cada diretor paraibano. Gosto muito de trabalhar com a memória e esse é o meu objetivo, o de resgatar a memória de grandes nomes do teatro paraibano”, contou Omar Brito, durante entrevista para o jornal **A União**.

Ele admitiu que não sabe quantos documentários pretende realizar, mas antecipou que o próximo será com o diretor Paulo



Foto: Divulgação

João Costa (dir.) entrevista Roberto Cartaxo (esq.) no primeiro documentário de uma série dedicada aos diretores de teatro da PB

Vieira, que espera lançar no próximo mês de setembro.

“A espinha dorsal do documentário é João Costa entrevistando Roberto Cartaxo. A conversa é entremeadada com depoimentos de algumas pessoas que trabalharam com Cartaxo, como o ator e diretor Osvaldo Travassos, o iluminador João Batista, os cenotécnicos Tiba Ramos e Waldemar Dornelas (já morto) e a atriz Itamira Barbosa”, explicou Omar Brito. “É um papo franco sobre a formação de gerações de atores e atrizes que ele orientou; sua relação com artistas, governos e grupos durante quase 20 anos como diretor do Teatro Santa Roza e sobre

as primeiras Paixões de Cristo que ele dirigiu”, disse o diretor do curta, lembrando que Cartaxo sempre frequentou o bar onde será realizado o lançamento.

Omar lembrou que a entrevista foi gravada na própria casa de Roberto Cartaxo, em João Pessoa, no dia 19 de setembro de 2016, ano em que começou a trabalhar no projeto do documentário. “Foram duas horas de conversa de João Costa com Roberto enquanto eu gravava as cenas. Convidei João pela amizade e por ser um excelente entrevistador que sabe colocar o dedo na ferida do entrevistado. Foi uma coisa lógica convidá-lo. Eu o deixei

livre para elaborar as perguntas e o título do documentário, *Veias Abertas*, foi sugestão do entrevistador e faz alusão a expor, abrir”, disse.

Depois do registro audiovisual sobre o diretor Paulo Vieira, Omar Brito informou que já pensa em continuar a série com pelo menos outro nome por ele mencionado: Fernando Teixeira.

Outro projeto é lançar bimestralmente o zine *Temboquinhanão*, cujo título é homônimo ao seu grupo de teatro, com distribuição gratuita. A primeira edição contém textos sobre teatro assinados por W. J. Solha, Laura de Jezebel e Edilson Dias, com fotografias de Ricardo

Peixoto e poesias de Hilan e Arievaldo Viana.

“Por causa de outros projetos, o documentário sobre Roberto Cartaxo ficou meio na gaveta durante dois anos, a partir de 2018”, confessou. “A sua morte, em outubro de 2019, foi um impulso a mais para continuar o filme. Os depoimentos dos amigos gravei em locais como o Centro Cultural Piollin e o Teatro Santa Roza”, comentou Brito, acrescentando que ainda está ultimando os detalhes do curta para o lançamento.

“Roberto Cartaxo foi o maior formador de artistas cênicos da Paraíba e esse é o seu importante legado”, disse ele, que também foi aluno do

saudoso diretor, em 1987 e 1988, no Curso de Iniciação de Ator.

O diretor de teatro e ator João Costa também ressaltou a importância do documentário. “Roberto foi um influenciador de gerações de novos atores paraibanos desde os anos 1980 até morrer, pois Joanas do Brasil foi o último espetáculo que dirigiu”, disse ele, que relembrou como se desenvolveu o projeto de gravar o curta.

“No final de 2017, Roberto teve crise tremenda de diabetes concomitantemente ao alcoolismo. Quando ele melhorou, disse a Omar que era a oportunidade para entrevistá-lo. Foi um papo reto, frente a frente, sem cronologia, enfocando desde sua estreia no teatro em Cajazeiras, sua cidade natal, o papel dele na Funesec com oficinas de teatro, a organização do Fenart (Festival Nacional de Arte) e as quase duas décadas como diretor do Teatro Santa Roza, onde precisou, a partir de um certo momento, lidar com questões de vies ideológico e conflitos por causa do uso do teatro por bandas de rock, que estavam surgindo na cidade”, afirmou o entrevistador.

De acordo com Costa, o álcool apressou a morte de Roberto Cartaxo. “Essa é que é a dura verdade. A bebida nunca interferiu em nenhum trabalho dele, nem na criação nem na direção, mas apressou a morte dele, ao ponto de debilitar a sua locomoção. Eu concluí duas oficinas dele, no ano de 2004”, lembrou.

## Cinema

### Filme paraibano concorre em festival mexicano

O longa-metragem *O Seu amor de Volta* (mesmo que ele não queira), do paraibano Bertrand Lira, está entre os 12 filmes que concorrem no 6º Festival Cinematográfico de Mérida (Fecime), que acontece de 6 a 9 de fevereiro na cidade de Mérida, no México.

O documentário concorre aos troféus de Melhor Direção, Roteiro, Fotografia, Ator, Atriz e Direção Artística. Estão entre os filmes selecionados longas de ficção e documentário da Suí-

ça, Polônia, Espanha, Índia, Alemanha, Itália, Grécia, Estônia e Suécia.

O Fecime é uma festa do cinema mundial em que se encontra uma variada cinematografia nacional e internacional. O festival mexicano acolhe por quatro dias cineastas independentes que vão apresentar seus filmes para o público presente, que inclui patrocinadores e empresas distintas. Estão entre os filmes selecionados longas de ficção e documentário da Suí-

Filmado entre abril e junho de 2017, a produção dirigida por Bertrand Lira aborda o amor perdido e a crença no poder da magia, das cartas e dos búzios para trazê-lo de volta. Para abordar esse universo, quatro personagens (Williams Muniz, Danny Barbosa, Marcélia Cartaxo e Zezita Matos) relatam suas desventuras amorosas e são colocados frente a frente com cartomantes e videntes que poderão apontar uma saída para suas vidas.

Foto: Divulgação



‘O Seu amor de Volta’ está nas categorias de Melhor Direção, Roteiro, Fotografia, Ator, Atriz e Direção Artística

Chegar aos 127 anos, relatando a história de um país e do mundo, é seguramente ter uma boa saúde no campo da honestidade, no relato dos fatos. E de saúde e honestidade nós entendemos muito, afinal, estamos na mesa dos paraibanos todos os dias.

Uma homenagem da Intrafrut S/A, aos 127 anos do Jornal A União



Rua Agricultor Almerindo Luiz da Silva, 800 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB



Foto: Folhapress

# ALPB retoma trabalhos com discussões e muita polêmica

Na pauta estão a reforma da Previdência e a criação da PBSaúde; ambas precisam aprovação para breve

**Ademilson José**  
ademilson2019jose@gmail.com

Um ano depois da posse que aconteceu em fevereiro do ano passado e com a presença confirmada do governador João Azevêdo, a Assembleia retoma os trabalhos legislativos na próxima quarta-feira, com duas matérias polêmicas em pauta - a reforma da Previdência e a criação da PbSaúde - e um plenário que sofreu poucas modificações em termos de situação e oposição.

Na ocasião, segundo alguns deputados da base aliada, o governador vai resumir um balanço do que fez até agora e do que tem projetado para este ano, dedicando boa parte do seu pronunciamento também aos dois temas que vão movimentar o Poder Legislativo nas primeiras semanas de trabalho: a reforma da Previdência e a criação da Fundação PbSaúde.

Líder do chamado Bloco que reúne parlamentares da base do Governo incluindo o G11, Wilson Santiago (PTB) estima que, se houve alterações nas bancadas, elas são muito pequenas e não chegam a influenciar quase nada nem para o lado do Governo nem para o lado da oposição.

"Acho que alterações mais significativas na composição das bancadas só tendem a se concretizar mais de-



Foto: Divulgação

Projetos devem passar por audiências públicas durante a semana; alterações possíveis serão discutidas em plenário

pois que o governador definir o seu novo partido", analisa o deputado, para quem, como presidente da Comissão de Finanças e Orçamento, com o orçamento que aprovou no final do ano passado, a Paraíba tem condições de viver um ano melhor e com mais realizações. "Nós e a Assembleia de um modo geral vamos trabalhar por isso", disse.

Pelo lado outro lado, o líder Raniery Paulino (MDB) estima que, apesar de algumas turbulências e modificações, a oposição volta com a mesma força e do mesmo

tamanho que chegou, onze parlamentares, a quantidade que foi apontada e estabelecida nas urnas das eleições de 2018.

Independentemente da condição de titulares e suplentes, como integrantes da bancada que lidera, Raniery relaciona o nome dele, de Walber Virgolino (Patriotas), Cabo Gilberto (PSL), João Henriques (PSDB), Jane Panta (PP), Cláudio Régis (PP), Camila Toscano (PSDB), Anderson Monteiro (PSC), Moacir Rodrigues (PSL), João Bosco Carneiro (PPS) e Edu-

ardo Carneiro (PRTB).

"Nossa meta é a mesma do primeiro ano: fiscalizar, mostrar projetos e trabalhar em defesa do que é do interesse do povo paraibano", frisou Raniery, ao lembrar que as eleições de outubro tornam 2020 um ano atípico, mas estima que isso não vai prejudicar os trabalhos da Casa Eptácio Pessoa.

### Tribuna e palanque

O presidente da Assembleia Legislativa, deputado Adriano Galdino (PSB), afirmou no meio da semana que

### SERVIÇO

■ **Titulares**  
Adriano Galdino (PSB)  
Anderson Monteiro (PSC)  
Bosco Carneiro (PPS)  
Branco Mendes (PODE)  
Buba Germano (PSB)  
Cabo Gilberto Silva (PSL)  
Caio Roberto (PR)  
Camila Toscano  
Chio (REDE)  
Cida Ramos (PSB)  
Cláudio Régis (PP)  
Dr. Erico (PPS)  
Dr. Taciano Diniz (AVANTE)  
Edmilson Soares (PODE)  
Eduardo Carneiro (PRTB)  
Estela Bezerra (PSB)  
Felipe Leitão (PATRI)  
Galego de Souza (PP)  
Genival Matias (AVANTE)  
Inácio Falcão (PCdoB)  
Jeová Campos (PSB)  
João Henrique (PSDB)  
Junior Araújo (AVANTE)  
Manoel Ludgério (PSD)

Moacir Rodrigues (PSL)  
Nabor Wanderley (PRB)  
Pollyana Dutra (PSB)  
Raniery Paulino (MDB)  
Ricardo Barbosa (PSB)  
Tião Gomes (AVANTE)  
Wallber Virgolino (PATRIOTAS)  
Wilson Filho (PTB)

### ■ Titulares afastados

• Doda de Tião (PTB - Licenciado para tratamento de saúde)  
• Drª Paula (PP - Licenciada para tratamento de saúde)  
• Hervázio Bezerra (PSB - Na Sec. de Esporte do Gov. do Estado)  
• João Gonçalves (PODEMOS - Na Sec. de Articulação Política)  
• Tovar C. Lima (PSDB - Na Sec. de Plan. de Campina Grande)

### ■ Suplentes no exercício

• Jane Panta (PP)  
• Cláudio Régis (PP)  
• Jutahy Menezes (PUBLICANOS)  
• Lindolfo Pires (PODEMOS)  
• Trócolly Jr. (PODEMOS)

## Personalidade jurídica à PBSaúde

Na parte das atividades legislativas, a prioridade da retomada dos trabalhos será mesmo, segundo o secretário legislativo, Guilherme Benício, o projeto de lei complementar que cria a Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PbSaúde). O objetivo do projeto é dar personalidade jurídica à Fundação que, depois de aprovada, se integrará à administração pública indireta do Governo e vinculada à Secretaria de Saúde do Estado.

O secretário legislativo explicou que, depois de apresentado em plenário, o projeto será encaminhado pelo presidente Adriano Galdino às Comissões de Constituição e Justiça, de Serviço Público e de Saúde, que, no caso, terão um prazo regimental para apresentação dos respectivos pareceres. "Somente depois disso é que a matéria será discutida e votada em plenário", completou.

O projeto prevê a implantação gratuita de um programa que substituirá às organizações sociais no gerenciamento dos hospitais do Estado. O secretário de Saúde do Estado, Geraldo Medeiros, explicou em entrevista que o estudo para a implantação desse programa já vinha sendo feito há algum tempo, antes mesmo do surgimento dos problemas com as chamadas OSs.

Ele disse ainda que esse tipo de fundação estatal de direito privado já existe em alguns outros estados, entre eles Sergipe e Espírito Santo. A medida permite que se torne mais ágil a compra de material permanente e equipamentos, assim também como para fazer concurso ou processos seletivos simplificados", disse o secretário.

No que se refere à composição da

fundação, Geraldo Medeiros informou que se dará com representantes das Secretarias de Saúde, de Administração, de Planejamento, Fazenda, Procuradoria Geral do Estado e o superintendente cujo nome será anunciado oportunamente depois de criada oficialmente a fundação.

### Audiências

Outra prioridade é a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que prevê a reforma no regime próprio de previdência dos servidores estaduais, mas, antes da votação, a Mesa da Assembleia pode agendar mais uma ou mais audiência pública para debate com entidades do serviço público e da sociedade em geral.

Guilherme Benício lembrou que antes do encerramento dos trabalhos, no final de dezembro, já foi possível realizar uma audiência pública que foi reivindicada por diversas entidades representativas do funcionalismo público, e a repetição de audiência ou não será decidida e anunciada nos primeiros dias de trabalho pelo presidente.

A PEC prevê mudanças no pagamento de benefícios como licença-maternidade, salário família, auxílio-reclusão e licença para tratamento de saúde, além do aumento na alíquota de contribuição para a previdência de 11% para 14% dos salários.

Na parte da justificativa, a mensagem do Governo chegou à Assembleia com um ofício circular emitido pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba contendo orientação sobre as mudanças nas concessões de benefícios previdenciários. As regras orientam as mudanças em nível de Estado e também das prefeituras municipais.



Não poderíamos deixar passar essa importante data do Jornal A União, sem enviar os nossos cumprimentos a esse valioso meio de comunicação impresso. São 127 anos de participação em todos os acontecimentos da nossa história.

02 de fevereiro, 127 anos do Jornal A União

Wilton Pereira Dias  
Presidente da Federação dos Bancários na Paraíba

# Em 20 anos, hanseníase atinge quase 800 mil pessoas no país

Apenas a Índia apresenta mais casos que o Brasil; Paraíba representa 1,9% dos casos registrados nacionalmente

Silenciosa e negligenciada pelas autoridades sanitárias em anos anteriores, a hanseníase acumula milhares de vítimas ano após ano no Brasil. Entre 1999 e 2018, foram diagnosticados 768.215 casos desta doença, que pode ser detectada com facilidade. Mesmo com as constantes campanhas educativas, com foco no diagnóstico precoce, a detecção de novos casos tem indicado uma média de 38 mil registros por ano, no período. Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) coloca o Brasil no segundo lugar no mundo em casos de hanseníase. Perde apenas para a Índia, que em 2017 apresentou 126.164 registros.

Na Paraíba, neste período, o acumulado chega a 14.464 notificações. Na Região Nordeste, o Estado representa 1,9% das notificações em relação ao Brasil, conforme revelam dados da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD).

Para a coordenadora da Campanha Nacional de Hanseníase da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), Sandra Durães, trata-se de uma doença que afeta, sobretudo, regiões com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Apesar de o Brasil ser considerado uma potência econômica, a existência de desigualdades regionais repercute na forma como o registro de novos casos se materializa, explicou.

Nessas duas décadas analisadas, no Brasil, as maiores detecções de novos casos, em números absolutos, foram registradas nos estados de Maranhão (84.628 notificações), Pará (83.467), Mato Grosso (63.779), Pernambuco (57.355) e Bahia (52.411). Os dados foram apurados e avaliados pela Sociedade Brasileira de Dermatologia com base em informações da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde.



Campanhas educativas sobre a hanseníase são frequentes e têm foco no diagnóstico precoce; em média, o país registra 38 mil novos casos por ano

## Paraná lidera em número de internações

Nas duas décadas analisadas, o Sistema Único de Saúde (SUS) processou 38.745 pedidos de internação para pacientes por conta da hanseníase, com o custo total estimado em R\$ 27,6 milhões (valores não atualizados). Ao longo do período, esses procedimentos foram mais adotados no Paraná (4.514 casos), Pernambuco (4.341), Santa Catarina (3.246), Goiás (2.811) e São Paulo (2.682 pedidos).

Se na Idade Média as pessoas com hanseníase eram obrigadas a anunciar sua presença carregando um sino, o preconceito se arrastou pelos séculos. No Brasil, há algumas décadas o isolamento compulsório era adotado, separando famílias e amigos. No entanto, até hoje muitos ignoram que essa doença tem tratamento eficaz, disponível na rede pública.

O Grau de Incapacidade Física (GIF) nos casos diagnosticados, como de Grau 2, fica em 10,2 ocorrências por milhão de habitantes. Nos pacientes com atestação de cura, esse índice atinge 68% dos que compõem esse grupo. Conforme explicou Sandra Durães, durante a evolução da doença,

o acometimento do nervo periférico faz com que o paciente apresente alterações motoras e sensoriais. “Com o tempo, se lesiona e desenvolve infecção na pele que pode se transmitir ao osso. Também corre o risco de perder tecidos, como ocorria no passado. Atualmente, isso é muito raro, porque o tratamento é eficaz”.

Conforme explicou Egon Daxbacher, o diagnóstico precoce é muito importante e crucial para o controle da doença. “Se o paciente conta com atendimento médico e dos outros profissionais da equipe de saúde e toma seus remédios vai ficar bem. Mas se não houver acompanhamento e adesão ao tratamento, a hanseníase evolui, com possibilidade de aumentar o dano neural. As manchas reduzirão e o doente deixará de ser um agente de transmissão, mas as perdas motoras não serão recuperadas. Em decorrência, essa pessoa exigirá acompanhamento multiprofissional e de médicos de diferentes especialidades para não se lesionar e reduzir o risco de ficar incapacitada”, disse.

Foto: Alan Marques/Folhapress



Até algumas décadas atrás, o isolamento compulsório era adotado e ainda hoje pacientes são vítimas de preconceito



## Importância da capacitação médica

O mês que passou foi dedicado à conscientização, ao combate e à prevenção da hanseníase no país. Por esse motivo, a SBD somou forças para apontar a importância de se enfrentar essa doença tropical de evolução crônica, que se manifesta principalmente por meio de lesões na pele e sintomas neurológicos, como dormência e diminuição de força nas mãos e nos pés.

Seu diagnóstico, tratamento e cura dependem de exames clínicos e, principalmente, da capacitação do médico. Nesse sentido, Sergio Palma, presidente da SBD, afirma que a entidade tem colaborado com a capacitação de médicos de outras

especialidades e generalistas, o que contribui para o fortalecimento da rede de detecção dessa doença. “No entanto, fica o alerta: quando descoberta e tratada tardiamente, a hanseníase pode trazer deformidades e incapacidades físicas”, ressaltou.

Ao longo dessas duas décadas, a avaliação dos números da hanseníase comprova que seu enfrentamento exige o desenvolvimento de diferentes estratégias devido à complexidade de seus determinantes. Múltiplos fatores estão envolvidos nessa questão, entre eles a dificuldade de acesso da população aos serviços de saúde, principalmente no Norte, Centro-Oeste e Nordeste, levando ao diagnóstico tardio.

## Campanhas ajudam na prevenção

No que se refere à taxa de detecção da doença na população geral, os indicadores também oscilam. Em 2000, ela era de 25,44 casos por 100 mil habitantes, chegando a 12,23, em 2016. Porém, como na contagem de números absolutos, esse índice também voltou a apresentar alta nos anos seguintes: 12,94 notificações, em 2017, e 13,70, em 2018.

No estado da Paraíba, os números seguiram essa tendência nacional. Em 1999, foram registrados 661 novos casos. Em 2016, esse dado baixou para 385. Contudo, nos anos seguintes a curva empinou: foram 481 notificações, em 2017, e 518, em 2018.

“Isso não significa necessariamente uma piora repentina. A doença não se comporta como uma epidemia viral. Na verdade, é a prova de que a rede de atendimento, buscou mais ativamente os casos para fazer o diagnóstico mais precoce”, alerta Egon Daxbacher, diretor da SBD e especialista no assunto.

Segundo ele, esse aumento no número de novos casos detectados, entre 2016 e 2018, resulta de mudanças na estratégia de prevenção e combate à doença. Dados do Ministério da Saúde apontam, por exemplo, que houve aumento no total de casos detectados a partir de ações como campanhas, exames feitos em pessoas que mantêm contato (direto ou periférico) com pa-

cientes e exames de coletividade.

O percentual de contactantes examinados passou de 60,9%, em 2000, para 81,4%, em 2018. “Mudou o modo de detecção, que deixou de ser apenas por demanda espontânea ou por encaminhamentos”, lembrou Daxbacher. Além disso, continuou ele, o tamanho da rede assistencial na atenção básica, onde a grande maioria dos pacientes recebe acompanhamento, quase triplicou. Há 18 anos, eram 3.327 serviços que atuavam nesse sentido. Atualmente, são 9.051.

Carregada de estigmas, a hanseníase apresenta uma taxa de mortalidade relativamente baixa, em comparação com o número de casos diagnosticados no período. Entre 2008 e 2017, em todo o Brasil foram registrados 1.801 óbitos decorrentes dessa doença. O maior volume de mortes aparece no Maranhão (269), Bahia (136), Ceará (135), Rio de Janeiro (134) e Pará (126). Na Paraíba, foram 42 mortes causadas pela hanseníase, de um total de 790 no Nordeste.

O tratamento da doença, que é eminentemente ambulatorial, tem gerado inúmeros pedidos de internação para o acompanhamento de pacientes com maiores complicações, com necessidade de cuidados mais especializados e até mesmo cirúrgicos para tratar as sequelas deixadas.

# Carros sem motorista devem estar no mercado até 2025

No Reino Unido, Kevin Vincent é um dos nomes por trás das pesquisas que possibilitarão o funcionamento desses veículos

**Mariana Tokarnia**

Da Agência Brasil

Até 2025, veículos capazes de ir de um ponto a outro sem serem conduzidos por motoristas deverão estar disponíveis no mercado, o que deverá marcar o início das mudanças nos meios de transporte e na organização das cidades. No Reino Unido, Kevin Vincent é um dos nomes por trás das pesquisas que possibilitarão o funcionamento desses carros. Ele é o diretor do Centro de Pesquisa de Automóveis Autônomos e Conectados, da Universidade de Coventry.

No campus da universidade, ele conversou com a Agência Brasil sobre a relação entre academia e indústria e sobre as habilidades que esse tipo de parceria desenvolve nos pesquisadores.

## Atuação na indústria

A Universidade de Coventry, tradicionalmente, tem forte atuação na indústria. É parceira de companhias como Siemens, Toyota, Ford e até mesmo da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer). Na universidade, por exemplo, foi desenvolvida a bicicleta como conhecemos hoje. O projeto dos veículos é desenvolvido em parceria com a Horiba Mira, entre outras empresas.

“Os pesquisadores rapidamente desenvolvem um foco comercial, um foco nos negócios. Ao mesmo tempo, mantemos o rigor científico. Estamos criando um pesquisador acadêmico, que está confortável em operar nos negócios”, diz. De acordo com dados apresentados pela universidade, 97% dos estudantes, estão empregados seis meses após deixar a instituição.

Ele conta também que trabalhar com inovação requer um planejamento futuro, uma visão de 20, 30 anos à frente e, o mais difícil, é entender melhor o mercado, ou seja, as pessoas que irão consumir essas tecnologias. “Temos que desenvolver sistemas que considerem não apenas o veículo, mas os processos que farão as pessoas, no futuro, adotar a nova tecnologia”.

“Os pesquisadores rapidamente desenvolvem um foco comercial, um foco nos negócios. Ao mesmo tempo, mantemos o rigor científico. Estamos criando um pesquisador acadêmico, que está confortável em operar nos negócios”

## PILOTO AUTOMÁTICO

Para transitar sozinho, automóvel lê placas e detecta a aproximação de outros carros



## A entrevista

**Agência Brasil:** A Universidade de Coventry tem fortes parcerias com a indústria. Como funcionam essas parcerias? Geralmente, as empresas levam demandas para a academia? A universidade tem também liberdade para propor determinados produtos?

**Kevin Vincent:** Historicamente somos uma universidade que olha para os negócios. A nossa pesquisa é muito aplicada e muito próxima do mercado. Isso nos possibilita trabalhar com troca de conhecimento com a indústria de forma muito próxima. Para determinados problemas, nós introduzimos conhecimentos que são novos para determinada indústria, mas que não necessariamente são novos conhecimentos, inovações.

Nos últimos cinco anos, mudamos um pouco a nossa estratégia, para focar um pouco mais na pesquisa fundamental [pesquisa voltada para a melhoria de teorias científicas]. Nosso financiamento é baseado em recursos de fundos europeus e do Reino Unido, nacionais e internacionais, além de muita colaboração com a indústria. O que estamos tentando fazer agora é ampliar as pesquisas.

Parte da razão disso é que podemos começar a introduzir novas tecnologias nas companhias. A pesquisa fundamental é menos explorável [comercialmente] imediatamente. Por exemplo, no caso dos PhDs [doutorados] que estamos fazendo com a Mira [Horiba Mira], a empresa tem os direitos de exploração para criar impacto com os PhDs. Uma

vez que eles são finalizados, determinado o que deve ser protegido ou não, ela incorpora nos negócios e nos diz o impacto que isso tem. Nós reportamos esse resultado para o governo.

Há um ciclo de monitoramento do governo a cada seis anos. Os projetos bem-sucedidos recebem mais financiamento do governo e a indústria ganha mais confiança no trabalho da universidade. Nossa flexibilidade, nossa capacidade de agir rápido e nossa adaptabilidade é valorizada. Isso não é característico da universidade, que é conhecida por se mover devagar. Estamos tentando trabalhar com a indústria rapidamente, na velocidade que ela acha necessária para os negócios.

**Agência Brasil:** Que tipo de habilidade é esperada de estudantes e pesquisadores que trabalham em projetos como este?

**Kevin Vincent:** Os trabalhadores têm que se inserir na empresa. São pesquisadores que passam muito tempo com a indústria. Eles recebem um escritório para trabalhar na empresa e nós fazemos questão que tenham também um supervisor que seja da equipe da empresa. Os pesquisadores aprendem o que é uma indústria e isso afeta o comportamento deles. Eles rapidamente desenvolvem um foco comercial, nos negócios. Ao mesmo tempo, mantemos o rigor científico. Estamos criando um pesquisador acadêmico, que está confortável em operar nos negócios.

**Agência Brasil:** O projeto de carros autônomos é de longo prazo. Como articu-

lar os interesses da indústria e da academia nesse período? Que instrumentos vocês têm para isso?

**Kevin Vincent:** Nós temos espécies de grupos de trabalho que criam estratégias para uma visão de futuro [na universidade]. Uma visão total. A empresa tem também um setor que determina o que ela deve estar fazendo nos próximos 10, 20, 30 anos, que tecnologias vão desaparecer e quais serão importantes para os negócios. Se nós divergimos, ok, não levamos adiante. Se há convergência, criamos um projeto de pesquisa para esse tópico. Estamos caminhando com a indústria,

levamos a nossa visão e colaboramos com a visão deles para o que o futuro está aguardando.

**Agência Brasil:** Que desafios esse trabalhar para o futuro traz?

**Kevin Vincent:** Precisamos entender melhor a experiência do usuário. Porque todo o esforço do momento vai para o desenvolvimento de uma tecnologia, mas o mercado é menos compreendido. Temos que desenvolver sistemas que considerem não apenas o veículo, mas os processos que farão as pessoas, no futuro, adotar a nova tecnologia.

**Agência Brasil:** Quando esse tipo de veículo autôno-

mo estará disponível para a população em geral?

**Kevin Vincent:** Estamos trabalhando com a meta de termos os primeiros veículos disponíveis em 2025 e, os mais avançados, em 2030. Em 2025 esperamos ter um cenário em que o carro possa levar passageiros de um ponto a outro, em uma trajetória pré-determinada, sem interação com o motorista. Isso é tecnicamente possível inclusive agora, mas precisamos ter certeza de que a infraestrutura é adequada e que podemos repetir o trajeto várias vezes de forma segura. Para ir além de um ponto A a um ponto B, isso será após 2030.

Foto: Mariana Tokarnia/Agência Brasil



Pesquisador Kevin Vincent disse que Universidade de Coventry tem Fortes parcerias com a indústria de veículos

## Peru abrirá o calendário eleitoral sul-americano neste domingo com eleições legislativas extraordinárias

# A TECNOLOGIA ABRE MUITAS PORTAS. INCLUSIVE AS NOSSAS.

[viajeganabara](#)
[viajeganabaraoficial](#)
[www.viajeganabara.com.br](http://www.viajeganabara.com.br)
0800.728.1992

## CHEGOU O EMBARQUE EXPRESSO GUANABARA: COMPROU, VIAJOU.

A cada dia que passa, a Guanabara cria soluções inovadoras para que sua viagem seja sempre melhor. Desta vez, estamos lançando o Embarque Expresso, o seu novo Bilhete Eletrônico de Passagem. É muito mais praticidade e rapidez na compra e no embarque. Basta apresentar a passagem no seu smartphone e embarcar. Porque investir em facilidade e conveniência, é investir na sua satisfação.



# Consumir com consciência ajuda a preservar a natureza

É preciso entender que, quanto mais a indústria produz, mais recursos naturais são gastos. Uma hora, eles faltarão

**Alexsandra Tavares**  
lexajp@hotmail.com

Em uma época distante (séculos XVI e XVII), a valorização da razão, da ciência, de um olhar crítico às regras pré-estabelecidas como forma de evoluir nos vários aspectos da vida foi o norte de uma civilização. Sapere aude! - ‘Ouse usar seu intelecto!’, era o tema do Iluminismo. De lá para cá, foram imensuráveis os avanços conquistados pelo homem em todas as áreas. Mas a sociedade, ao mesmo tempo que se desenvolveu, passou a trilhar por um caminho que pode destruir sua própria existência, devido à exploração desordenada e inconsciente dos recursos naturais. O consumismo sem necessidade, que encontra explicação no simples fato de “ter”

e não do “ser”, cria um ciclo que estimula as empresas e indústrias a ofertarem cada vez mais produtos, que por sua vez alimentam uma cadeia ávida por novidades. E assim, segue o barco que navega por um rio que pode desaguar em um gigantesco abismo. A aquisição consciente de bens duráveis ou não está na pauta da Organização das Nações Unidas (ONU), que completa este ano 75 anos de existência com grandes desafios para manter a sustentabilidade do planeta e o bem-estar das futuras gerações. Especialistas de todo o mundo fazem alerta sobre a necessidade de adoção de uma nova forma de extração dos recursos naturais e postura na produção e consumo. “Emitimos dióxido de carbono de forma que a at-

mosfera e o próprio oceano não estão conseguindo lidar com este excesso. Para alguns acadêmicos, a espécie humana não chegará ao século XXII, para outros, não chegará a 2050”, declarou o doutor em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná, com atuação na Estação Biológica de Helgoland, na Alemanha, e professor do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba, Tarcísio Alves Cordeiro.

**Agora ou nunca**  
Para ele, não há como apontar qual previsão irá se concretizar. “Mas não tenho dúvidas de que descarbonizar a economia e reduzir o consumo ao estritamente necessário deve acontecer agora, ou então não terá mais efeito”, enfatizou.

Ameaça à existência humana

O mundo, porém, nem sempre foi assim. A pergunta que fazemos é o que ocorreu com a sociedade para adotar práticas e comportamentos que pudessem ameaçar sua própria existência? O professor Tarcísio Cordeiro dá algumas pistas. “No parir da sociedade de consumo, cientistas sociais e economistas identificaram a necessidade de diminuir o sentido de comunidade em favor do individualismo. Naquele momento, se estabeleceu que a propaganda deveria sempre sugerir que o cidadão (consumidor) está inadequado para o seu tempo, precisando sempre renovar os seus fetiches”. E completou. “A comunicação

através da mídia, ainda hoje, reforça valores fúteis e supérfluos em detrimento de discussões mais profundas. Pior ainda, a indústria abraçou ideias como obsolescência programada e obsolescência percebida, o que elevou os níveis de produção a patamares nunca imaginados”. O professor lamenta que, em pleno século XXI, com tanta tecnologia e conhecimento acumulados, estejamos agindo de forma ainda tão impulsiva e que ainda há quem resista à necessidade de se reinventar. “As tecnologias e culturas que podem salvar a civilização já foram todas inventadas, por que então a demora em mudar?, questionou.

Continua na página 18

Essas coisas

Carlos Aranha  
c.aranha@yahoo.com

## Que não se reduza a cinzas a juventude do pleno amor

A primeira vez que fui para o Rio de Janeiro foi para tentar ficar morando lá. Eu tinha 20 anos de idade e mais ou menos 15 sonhos. O primeiro lugar onde fiquei foi na sobrelaja de uma casa onde meu tio Antônio vendia antiguidades, no número 6 da praia do Flamengo. Uma semana depois, fui para um apartamento de estudantes num 2º andar por trás do Teatro Opinião, no Bairro do Peixoto (um enclave em Copacabana, bem pertinho do túnel que ligava o local ao Rio Comprido). Vi, então, o espetáculo “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, de Ferreira Gullar, com direção de Gianni Ratto. Quem me levou foi Paulo Pontes e no elenco (grande, por sinal) havia dois amigos meus, que conhecera dois anos antes no Recife, o casal Luiz Mendonça e Ilva Nino. Posteriormente, quando fui morar numa pensão no Catete, fiquei a somente uns 50 metros do apartamento onde moravam Mendonça e Ilva, na Pedro Américo. Saudades daqueles significativos tempos de resistência à ditadura. Com dois meses de Rio, tive a chance de, em oportunidades diferentes, conhecer dois monstros da cultura brasileira: o teatrólogo e diplomata Paschoal Carlos Magno e a escritora Nelida Piñon (**foto**). Estive apenas três



vezes com o veterano Paschoal, em sua enorme residência em Santa Teresa, que abrigava o Teatro Duse, que revelou, entre outros, autores como Antônio Callado e Rachel de Queiroz. Tornei-me, no entanto, muito amigo de Nelida Piñon, frequentando sua casa, no final do Leblon. Desde João Pessoa, sem conhecê-la então pessoalmente, mantinha correspondência porque um dos motivos de minha ida para o Rio de Janeiro era fazer cinema, onde foi concretizado o copião de meu curta-metragem, “Libertação”.

Ainda na Paraíba, lendo uma edição da revista “Cadernos Brasileiros”, conheci um excelente conto de Nelida Piñon, chamado “Aventura de saber”, pelo qual me apaixonei. A partir do conto, fiz um roteiro cinematográfico, que ela aprovou, para que eu o dirigisse. Cheguei a levar o roteiro para o produtor Luiz Carlos Barreto, mas, infelizmente, o famoso Barretão não confiou na capacidade do jovem e magro paraibano. Foi arquivado. A literatura de Nelida me fez perceber que entre “amantes rudes” não há contraposição com amores leves. Os amores rudes são os mais leves. Quando a expressão “rude amor” é usada, a primeira tendência do ouvinte ou leitor é considerá-la “negativamente” - como se fosse um amor ignorante, estúpido, boçal mesmo. Não é isto. Os amores rudes podem até ser rigorosos, mas a melhor definição para eles é a de que não foram cultivados. Assim como a terra rude. Em geral, suas sementes são boas e delas virão árvores robustas ou belas flores. Conheço de boa proximidade um “rude amor” e sei que assim ele é.

Entre “amantes rudes” não há contraposição com amores leves. Estes são desembaraçados, ágeis, soltos, serenos. São como histórias de amor em que tudo é delicado, delgado e gracioso. Delicadeza interagida entre amantes que fotografam-se num jardim zoológico e conversam telepaticamente com afetivos animais. Até ferozes leões compreendem em horas assim a solidão em que foram colocados, expostos à curiosidade humana. O fluir do amor dá uma trégua ao conflito entre os tais animais racionais e irracionais. Esses amores leves são também os mais rudes. Destes nasceram, adoleceram-se e chegaram à maturidade, esperando ser cumprida mais uma regência de Chronos frente a sua mítica orquestra. Nem sempre leves e rudes amores transportam seus personagens para os toques da sensualidade, a consumação do sexo, a beleza do orgasmo. Não houve até hoje um pensador que ousasse definir como positiva ou negativa essa abstinência de sexo entre dois amantes. A explicação é elementar: nenhum amor é igual ou sequer semelhante a outro. Seres poéticos aventuram-se nesses caminhos. É a aventura do saber, como definiu minha querida Nelida Piñon. Encaro-a como a ventura de amar. Tão leve quanto rudemente. Apenas seja sábio que nessas vias de desejos aumentados não seja reduzida a cinzas a sempre juventude do pleno amor.

Radar ecológico

# Corrente do bem: basta que cada pessoa faça a sua parte

Cada ação sustentável realizada individualmente gera uma rede de influências benéficas para o planeta

**Alexandra Tavares**  
lexajip@hotmail.com

Se cada cidadão se conscientizar e fizer a sua parte, porém, ainda há como reverter e até barrar a degradação do meio ambiente, provocada em parte pelo consumismo e produção desmedidos. É o que defende o geógrafo, mestre em Gestão Ambiental e doutorando em Serviços da Natureza pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Rogério dos Santos Ferreira.

Cada ação sustentável realizada individualmente, segundo ele, pode gerar uma rede de influências benéficas ao planeta, que ao passar de pessoa a pessoa resulta em efeitos relevantes para a Terra. “A ação positiva cria um contágio capaz de produzir grandes efeitos, principalmente naqueles desencorajados ou mesmo para quem se sente sozinho numa luta que é coletiva”, destacou.

**Lixões**

O geógrafo afirma, porém, que ainda falta muito para o ser humano evoluir no sentido de ter um consumo consciente. A presença dos lixões, que crescem a cada dia em várias cidades do país, desafiando a própria gestão pública, são exemplos citados por ele que ilustram bem o consumo desmedido. “Informação todos já têm, mas consciência ainda é um privilégio para poucos”, salientou.

O mesmo é defendido pela bióloga, pesquisadora e doutora pelo Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPB, Karina Massei. Ela lembra que, desde a década de 1960, o impacto ambiental passou a ter mais importância para ambientalistas e organizações internacionais, inclusive com participações da Organização das Nações Unidas (ONU), a partir dos anos de 1970. Mesmo assim, ainda temos muito a evoluir, segundo ela.

“Ainda estamos longe de atingir as metas da sustentabilidade. Mas, o despertar já foi iniciado. Agora, é necessário que o cidadão, indústrias e governos façam a sua parte. Só desta forma, os recursos serão preservados, e será garantida a existência de gerações futuras neste planeta”, destacou Massei.

A existência de lixões em várias cidades, cuja solução desafia a própria gestão pública, são a prova do consumo desmedido da sociedade.

Segundo o geógrafo Rogério dos Santos, o que falta é consciência



A bióloga Karina Massei diz que a humanidade ainda está longe de atingir as metas da sustentabilidade, mas comemora os avanços: “O despertar já foi iniciado”

## Compartilhar e economizar

Uma das consequências do consumo consciente é a economia que essa atitude traz na vida de quem o pratica. A estudante de Direito, Rebeca Bezerra, sabe bem o que é isso. Leitora controlável, ela sempre teve que se esforçar para adquirir novos exemplares. Tomava emprestado, visitava os sebos, até que um dia surgiu a ideia da estante compartilhada.

Rebeca guarda muitos de seus livros na estante de uma amiga. Juntas, elas dividem esse acervo. “Na estante da minha amiga tem uma parte onde ficam os meus livros. Com isso, nosso acervo fica bem maior”.

E a iniciativa de compartilhamentos não para por aí. A estudante ainda participa do “cultive”, outra forma de consumo consciente que tem relação com a moda sustentável. Através da assinatura de um plano mensal, é possível ter acesso a diversas peças de roupas que estão disponíveis para empréstimo. “Então, uso e não preciso me apropriar de uma peça que demoraria muito tempo para ser usada novamente. Ainda dou oportunidade para outras pessoas vestirem também. No cultive encontro peças lindas,

que ficaria inviável a compra”, salientou Rebeca.

### 17 Objetivos

O consumo consciente está inserido em um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Ao estabelecer as metas, a ONU propõe que os países e a sociedade em geral adotem padrões de consumo e de produção sustentáveis, que degradem cada vez menos o meio ambiente e estabeleça uma relação de respeito com as pessoas, animais e a natureza como um todo.

Os 17 ODS também visam o bem-estar social, e defendem a necessidade de se trabalhar pela igualdade de renda, gênero, de direitos, de oportunidades, em defesa da equidade e dignidade dos povos, tornando a Terra um lugar mais harmônico.

O Objetivo 12, especificamente, trata da relação de consumo que a população mundial adotou nas últimas décadas e que precisa ser revista pela própria sobrevivência do planeta. Prevê a implementação do Plano Decenal de Programa sobre Produção de Consumo Sustentáveis, convocando todos os países a trabalharem em prol do desen-

volvimento sustentável, ou seja, em consonância com as necessidades econômicas e sociais, mas também com o menor impacto possível no meio ambiente.

Um dos itens do Objetivo 12 lista metas que devem ser alcançadas até 2030, como a gestão sustentável dos recursos naturais, a redução de todas as formas de desperdício e da produção de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reúso. Ainda estimula a criação, aplicação e disseminação de novas tecnologias e descobertas científicas que ajudem a manter padrões sustentáveis de fabricação e aquisição de bens duráveis e não duráveis. Esse Objetivo propõe o uso de ferramentas que monitorem os impactos de ações sobre os recursos naturais.

Os 17 ODS, porém, vão mais além. Juntamente com 169 metas estabelecidas por chefes de Estado e de Governo, reunidos no 70º aniversário da ONU, criaram em 2015 a Agenda 2030, um conjunto de prioridades que devem ser seguidas pelas lideranças de todas as nações, pela sociedade civil e setor privado para o desenvolvimento sustentável da Terra e bem-estar da humanidade.

Menos pode ser mais

Na casa da arquiteta e urbanista Alexandra Mattos, as embalagens de diversos produtos são recicladas, a compra de novas roupas e acessórios é comedida, o tempo embaixo do chuveiro durante o banho é “vigiado” pela filha de oito anos. Essas são apenas algumas ações que a família adotou para minimizar o impacto de lixo no meio ambiente e a rápida escassez dos recursos renováveis no planeta.

Há dois anos, Alexandra contou que passou a ser minimalista, movimento surgido no século XX onde se usa poucos elementos como forma de expressão. Ou seja, na vida dos Mattos menos significa mais. Mais consumo consciente e com certeza o planeta agradece. “Tenho apenas uma arara de roupa e quatro sapatos. Compro peças no brechó e utilizo apenas vinagre para a limpeza da casa. Recentemente assumi a cor do cabelo natural para evitar produtos químicos. Minha família acompanha os mesmos hábitos”, acrescentou.

A filha de oito anos foi quem tomou a iniciativa de abolir os famosos canudinhos plásticos, usados ainda em muitos restaurantes e bares. Um exemplo de que educação ecológica começa mesmo na infância. A arquiteta afirmou que no prédio onde mora tem lixeiras para pôr embalagens que podem ser recicladas. “Mas a cidade pode melhorar na coleta seletiva”, destacou.

**Mais exemplos**

O consumo cada vez mais longe dos excessos e impulsos também é adotado pela professora de Yoga Carmen Lúcia Rocha Rodrigues. “Já faz algum tempo que consumo respeitando a natureza, procurando não colaborar para destruí-la ainda mais. São hábitos que não se mudam do dia para a noite, exige tempo e dedicação. É como uma desintoxicação”, ressaltou a professora.

Ela reforça que, por conta da interiorização ocorrida, especialmente, com a prática da Yoga, essa postura foi se aperfeiçoando a cada dia. Entre as mudanças de vida que adotou estão a preocupação com os recursos naturais. “Uma das primeiras preocupações foi com o consumo da água. Ainda evito o uso de descartáveis e como menos carne, diminuindo o sofrimento dos animais”.

Saiba Mais

O consumo consciente também está ligado ao combate de questões sociais como a exploração do trabalho infantil e o trabalho escravo. Saber a origem das empresas, como funcionam e que práticas adotam com relação ao tratamento oferecido aos seus funcionários e aos recursos naturais é importante. Ciente dessas práticas, o cidadão pode evitar a compra dos produtos oferecidos por esses empreendimentos, evitando que cresçam e disseminem suas ações na sociedade.

Os 17 ODS

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU:

|                                              |
|----------------------------------------------|
| 1 - Erradicação da pobreza                   |
| 2 - Fome zero e agricultura sustentável      |
| 3 - Saúde e bem-estar                        |
| 4 - Educação de qualidade                    |
| 5 - Igualdade de gênero                      |
| 6 - Água potável e saneamento                |
| 7 - Energia limpa e sustentável              |
| 8 - Trabalho decente e crescimento econômico |
| 9 - Indústria, inovação e infraestrutura     |
| 10 - Redução das desigualdades               |
| 11 - Cidades e comunidades sustentáveis      |
| 12 - Consumo e produção responsáveis         |
| 13 - Ação contra a mudança global do clima   |
| 14 - Vida na água                            |
| 15 - Vida terrestre                          |
| 16 - Paz, justiça e instituições eficazes    |
| 17 - Parcerias e meios de implementação      |

# ANP pode autorizar entrega de combustível em domicílio

Serviço de delivery é bom para a concorrência, alegam os defensores. Postos se opõem e apontam riscos

Nicola Pamplona  
Folhapress

RIO DE JANEIRO - A ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis) avalia autorizar ainda neste ano a oferta, em fase de testes, de serviço de entrega de gasolina em domicílio, atividade que vem gerando polêmica no mercado brasileiro de combustíveis.

Para distribuidoras e postos, as operações podem trazer risco ao abastecimento, caso não respeitem regras de segurança. Os defensores alegam que o serviço já é prestado em outros países e que a competição é boa para o consumidor.

A primeira empresa a pedir autorização para fazer delivery de combustíveis foi a GOfit, do Rio. A companhia começou a prestar o serviço em 2019, oferecendo gasolina e etanol, mas vem sendo questionada por concorrentes na Justiça.

Até agora, quatro entidades já obtiveram liminares contra a GOfit: a Fecomcombustíveis (Federação Nacional do Comércio Varejista de Combustíveis e Lubrificantes), o sindicato dos TRRs (Transportadores e Revendedores Retalhistas, empresas que operam na venda de diesel a grandes clientes) e sindicatos de postos do Rio e Minas.

Ainda assim, o setor reclama que a GOfit continuou fazendo abastecimentos.

A ANP já autuou o posto Vânia, parceira do projeto, por vender combustíveis fora do estabelecimento, o que é vedado pela legislação. Os outros parceiros são a distribuidora de combustíveis 76 Oil e o desenvolvedor de software Delft.

A GOfit funciona via aplicativo para celulares, seguindo o exemplo de serviços de entrega de comida, como Rappi e Uber Eats: após se cadastrar, um veículo adaptado leva o combustível do posto



Foto: Zanone Fraissat/Folhapress

GOfit funciona via aplicativo para celulares, a exemplo de serviços de entrega de comida: após o cadastro, um veículo adaptado leva o combustível do posto ao comprador

É possível imaginar que a ANP tenha fiscais suficientes para andar atrás de carrinhos e garantir que as regras sejam cumpridas?

Vânia ao endereço solicitado. Por enquanto, a companhia só prevê operações em alguns bairros da zona oeste do Rio.

A entrega é feita por camionetes com dois tanques, um para gasolina e outro para etanol, com capacidade para transportar até mil litros de combustível.

Fontes do setor dizem que outras empresas estão de olho no mercado. Embora a iniciativa seja vista com bons olhos, a ANP ainda não emitiu autorização, alegando que

é preciso estabelecer regras para a prestação do serviço sem riscos.

**Riscos**  
Distribuidores e revendedores citam entre os riscos a possibilidade de abastecimento em ambientes fechados ou em cima de bueiros, já que a atividade emite gases e está sujeita a vazamentos - nos postos, canaletas contêm o produto que vaza durante no processo.  
“Eu sou obrigada a ter caixa separadora nos postos para armazenar o resíduo de chuva, sou obrigada a ter piso impermeável...”, diz a presidente do Sindcomb (que representa os postos do Rio), Maria Aparecida Siuffo Schneider. “É possível imaginar que a ANP tenha fiscais suficientes para andar atrás de carrinhos e garantir que as regras sejam cumpridas?”  
Eles reclamam ainda da

possibilidade de aumento nas fraudes no setor, que já convive com esquemas para sonegar impostos e roubo de combustíveis em dutos da Petrobras. E de dificuldades na fiscalização de problemas de quantidade e qualidade do produto.

Na decisão que concedeu liminar ao SindiTRR, o juiz Márcio Alexandre Pacheco Silva alegou que os veículos podem, “em última análise, ser considerados verdadeiras ‘bombas ambulantes’, expostos ao calor, à criminalidade e às substâncias sociais e àquelas imprevisíveis”, como celulares ou guimbas de cigarro.

“Toda mudança gera ruído, é normal. Quando a Uber apareceu, gerou um ruído danado”, diz o superintendente-adjunto de fiscalização da ANP, Marcelo da Silva. Segundo ele, a agência ainda não bateu o martelo sobre

a liberação do serviço, mas vem “avaliando quais as condições para permitir que a empresa atue”.

O órgão regulador do setor de petróleo já discutiu o tema em reunião com o Inea (Instituto Estadual do Meio Ambiente), a Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio, a ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) e o Ipem (Instituto de Pesos e Medidas).

Na reunião, o representante da GOfit defendeu que o modelo traz como benefícios maior comodidade, facilidade de comparar preços e segurança no abastecimento. Para o revendedor, afirmou, a principal vantagem seria a abertura de um novo canal de vendas.

Segundo a empresa, os motoristas são treinados para prestar o serviço e as camionetes são equipadas com equipamentos de segurança,

como cones, cabos de aterramento e medidores da presença de gás, além de câmeras. A localização dos veículos é monitorada em tempo real.

Em nota, o Inea disse que ainda não recebeu pedido de licenciamento ambiental para a venda de combustíveis na modalidade delivery.

Procurada, a ANTT não respondeu ao pedido de comentários sobre o assunto.

**Regras**  
O superintendente-adjunto da ANP diz que, caso o teste seja aprovado, será com tempo e área geográfica determinados. E que os abastecimentos serão acompanhados por técnicos. Ele ressalta que o próprio aplicativo impõe algumas restrições, como a áreas fechadas.

“A ANP está invertendo o processo”, afirma o presidente da Fecomcombustíveis (Federação Nacional do Comércio Varejista de Combustíveis e Lubrificantes), Paulo Miranda. “Como vai fazer testes com uma coisa que é inflamável?”

A Folha de S. Paulo tentou falar com os parceiros do projeto, mas não obteve respostas. No posto Vânia, a reportagem foi informada de que não havia representantes para comentar o assunto e que não havia autorização para informar número de telefones celulares.

Procurada por redes sociais e pelo formulário de contato do aplicativo, a GOfit não respondeu ao pedido de entrevista. A distribuidora 76 Oil também não se pronunciou.

As empresas do setor questionam ainda a propriedade da empresa. Na reunião com a ANP, segundo a ata à qual a reportagem teve acesso, o representante da GOfit teria dito que credenciaria apenas compradores da Refit (antiga Refinaria de Mangueiras), que nega ter relação com o aplicativo.

## Governo estuda alternativas contra alta do diesel

Fábio Pupo  
Folhapress

BRASÍLIA - O preço do diesel alcançou um patamar superior ao da época da greve dos caminhoneiros, em maio de 2018, enquanto medidas para limitar os aumentos continuam em estudo pelo governo.

Recentemente, começou a ser planejado o corte do imposto de importação de caminhões movidos a GNV (gás natural veicular) e GNL (gás natural liquefeito). É esperada, com isso, a redução da dependência que o transporte rodoviário tem do diesel, um combustível mais caro.

O tema está em discussão em grupos de trabalho do governo e deverá ser

levado ao conselho da Camex (Câmara de Comércio Exterior), do Ministério da Economia.

O instrumento analisado é o chamado ex-tarifário, que reduz temporariamente a alíquota do imposto de importação quando não há produção nacional equivalente.

O governo quer incentivar o uso de caminhões a gás no país também como forma de se aproveitar o chamado “choque de energia barata” anunciado pelo ministro da Economia, Paulo Guedes.

O barateamento do insumo decorreria de medidas que já estão sendo colocadas em prática para quebrar o monopólio da Petrobras do mercado.

Com mais veículos mo-

vidos a gás e com as ações em curso, segundo a tese, seria possível baixar o custo da logística no país. Hoje, o uso do gás fica concentrado em grandes indústrias e na geração de energia elétrica.

**Adiamento**  
A medida para facilitar a entrada de caminhões a gás no país, no entanto, enfrenta resistências e deverá ser adiada.  
A Anfavea (que representa fabricantes automotivos) levou a representantes do governo a informação de que já há produção de caminhões movidos a gás em território brasileiro.  
A Scania fabrica dois modelos desde dezembro e diz ter sido a primeira a lançar este tipo de veículo com

produção local.  
Segundo a empresa, os investimentos no projeto demandaram cerca de R\$ 4 bilhões e a fabricação envolve 4.300 funcionários diretos.  
Os executivos pedem ao governo que a decisão seja adiada para, pelo menos, o fim de fevereiro. Esse tempo seria necessário para a Anfavea estudar o tema e preparar argumentos para subsidiar o governo sobre o assunto.  
Além disso, a associação quer acesso às informações que estão embasando as discussões hoje.  
**Tributação**  
Em outra frente, surgiu no governo a ideia da mudança de tributação no ICMS

de estados. O próprio presidente Jair Bolsonaro sugeriu a alternativa - sem dar detalhes -, que dependeria de uma mudança legal.  
O governo estuda a criação de um fundo de compensação aos entes, usando recursos dos royalties que a União recebe pela exploração de petróleo e gás. O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, pretende apresentar uma modelagem até o fim de fevereiro.  
O tema ainda não é um consenso no governo.  
Na equipe econômica, há resistências e dúvidas quanto ao funcionamento do mecanismo e é lembrado que o governo enviou uma PEC (proposta de emenda à Constituição) ao Congresso em novembro justamente

para extinguir mais de 200 fundos públicos vinculados a despesas específicas.  
Apesar disso, alguns membros da equipe de Guedes não se mostram totalmente contrários à medida. Eles afirmam que a compensação aos estados até poderia existir se bem justificada e não necessariamente na forma de um fundo.  
Medida ainda mencionada por técnicos, a ideia da Cide flutuante sobre o diesel também permanece no papel.  
Pela ideia, a cobrança cairia quando o preço do combustível aumentasse e vice-versa. Por enquanto, essa política é impraticável já que a taxa está zerada justamente para conter os preços.

O estilista Ronaldo Fraga é formado em Design de Moda pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-graduado pela Parsons School of Design, de Nova York e Central Saint Martins, de Londres. É reconhecido por fazer um trabalho com a moda alinhando a cultura e as identidades, e já realizou oficinas com artesãos em vários estados do país. Foi selecionado pelo Design Museum, de Londres, como um dos estilistas mais inovadores do mundo. Em 2018 recebeu o prêmio Shell por melhor figurino da peça “A visita da Velha Senhora”. É autor do livro “Moda, Roupas e Tempo: Drummond selecionado e ilustrado por Ronaldo Fraga e Caderno de Roupas, Memórias e Croquis”. Foi o primeiro representante da moda brasileira a receber a medalha da Ordem do Mérito Cultural, em 2007, concedida pelo então ministro da Cultura Gilberto Gil. Ronaldo Fraga mostra em seu trabalho uma preocupação com o Brasil profundo: é engajado na natureza, na cultura, na valorização da identidade dos povos brasileiros. Ele ministrou, a convite do Governo da Paraíba, uma oficina com as rendeiras da região do Cariri que resultou numa coleção chamada “Somos Todos Paraíba”.

**. Como foi voltar à Paraíba para esse trabalho de oficina com as rendeiras ?**  
- Eu voltei dez anos depois, estive em Monteiro em um outro governo, que era sensível a importância da valorização da cultura. Depois passamos um tempo sem atenção e agora voltamos para a valorização dos saberes e fazeres tradicionais. Nesse novo governo vocês

## Entrevista

Ronaldo Fraga  
Estilista



Foto: Divulgação

tem uma das pessoas mais apaixonadas pelo artesanato, que tem uma relação de sacerdócio com o artesanato, e embora o convite tenha sido muito em cima da hora, nós aceitamos porque quando tem paixão, tudo funciona. A roupa não sai do forno, é tudo feito fio a fio. Houve uma entrega, de paixão, e a Paraíba é um grande exemplo para outros Estados, do ponto de vista do artesanato.

**. Você já esteve em diversos estados do país dando oficinas. Qual a diferença da Paraíba ?**

. Temos estados que, por mais que se tente negar, o artesanato está no seu dna. É o caso do Pará, Pernambuco, Minas e a Paraíba. A diferença da Paraíba são as pessoas na gestão, por que nos outros estados não tem uma Marielza, não tem pessoas como tem aqui, com a mesma desenvoltura. Aqui tem uma cultura diversa, viva, resistente, e isso é muito importante, principalmente nesse momento

que a gente tá vivendo de demonização da cultura, e um projeto desse é muito mais do que para gerar emprego e renda.

**. O artesanato ainda sofre preconceito ?**

- Obviamente houve uma evolução, principalmente na década passada, quando o brasileiro passou a ter orgulho do país na moda e o artesanato saiu da área de serviço e foi para a sala da elite, foi para a capa das revistas de decoração, e pela primeira vez aconteceu o reconhecimento dos mestres na área de cerâmica, na área de bordado, em diversas áreas, o que aconteceu quando Gilberto Gil foi ministro da Cultura. É nesses saberes e fazeres tradicionais que se revela a ancestralidade de um povo. Quando você concebe projetos de economia criativa como esse, é maravilhoso. Eu conheci o Flávio Tavares na minha primeira visita à Paraíba, através da saudosa jornalista Goretti Zenaide e vi como ele revela a alma da Paraíba. Foram dois universos que se encontraram. Nos meus projetos eu não fiz nada de cima pra baixo. A emoção e a paixão são as molas. Não repetimos o desenho do Flávio, foi uma inspiração.

**. Algumas coleções que você assina, fruto das oficinas, estão em diversos lugares da Europa...**

Sim, e eu falo isso com muita honra e muito orgulho porque tenho projetos que estão rodando o mundo. A coleção de biojoias do Pará foi apresentada em Genebra, na Suíça, e muitas outras estão rodando o mundo. Eu espero que essa coleção ganhe o mundo também. Os dias que eu passei aqui foram emocionantes.

Eu contei as rendeiras como a renda renascença chegou ao Brasil. A filha de um homem muito rico, em Florença, na Itália, se apaixonou pelo filho de um rival, e para separá-los, ela foi enviada a um convento em Olinda, e ficou lá até os noventa anos, quando morreu, fazendo renda renascença e ensinando a outras pessoas, inclusive uma paraibana, que era sua dama de companhia. Quando você compara a renda renascença daqui com a de Florença, tem umas diferenças nos pontos. A renda renascença é maravilhosa, é para ser tratada com status de obra de arte. Essa história é para ser ensinada na escola. As pessoas devem aprender sobre seus lugares.

**. Como está a coleção “Somos Todos Paraíba” ?**

. Eu nunca vi uma coleção como esta. É uma coleção pulsante, jovem, viva, a cultura pulsando. Antes as rendeiras faziam renda para trocar por comida. Atualmente algumas já estão escolhendo ser rendeiras, mesmo com outras alternativas. Eu acho que este desfile tem que ir para outros lugares, tem que ser visto por outras pessoas, como o São Paulo Fashion Week, por exemplo. Toda a equipe estava vibrando para que tudo desse certo, foi maravilhoso. Compartilhei no Instagram e as pessoas ficavam impressionadas querendo viver aquilo, conhecer. Existe uma expectativa do Brasil por essa coleção. No dia que você não quiser mais usar o vestido, põe ele num quadro. É arte. Tenho o desejo de levar essa história por que precisamos mostrar que Somos Todos Paraíba, a alegria precisa resistir.

## Participação

A professora da Universidade Estadual da Paraíba, Cezilene Moraes participou de atividades de capacitação na Universidade de Bielefeld, na Alemanha, como parte das práticas formativas das universidades da América Latina na Europa, dentro do Projeto Solidaris – Universidades Inclusivas, coordenado pela Universidade de Sevilha, na Espanha. Os professores envolvidos no projeto conheceram o Centro Inclusivo de Formação Profissional onde os professores das universidades integrantes participaram das atividades junto com professores chilenos e argentinos.

## CasaCor 2020

Já está havendo movimentação dos produtores e expectativa dos profissionais da arquitetura e decoração paraibana para as primeiras ações da Mostra CasaCor Paraíba 2020. E já tem data agendada para apresentação do projeto, que será no dia 12 de fevereiro, na Usina Cultural Energisa. O arquiteto e multimídia Ricardo Castro fará a apresentação do Master Plan da terceira edição da mostra no Estado. Durante o evento também vai acontecer o lançamento do livro “A Grande Beleza” de Pedro Ariel Santana e bate-papo com os arquitetos Alex Hanazaki, Leo Maia e Leo Romano. Este ano o tema da CasaCor é a originalidade.

## EXPOSIÇÃO

Marcado para esta segunda-feira, 3, a abertura da exposição de artesanato produzida por sete reeducandos da Colônia Penal Agrícola do Sertão. Os trabalhos serão expostos no átrio do Fórum da Comarca de Sousa “Dr. José Mariz”, até a próxima sexta-feira, 7, e faz parte de um projeto da Vara de Execução Penal (VEP) da Unidade Judiciária, em parceria com a Direção do Estabelecimento Penal. São miniaturas de casas, igrejas, navios, além de porta-retratos, porta-joias e jarras, um trabalho muito importante para a ressocialização dos reeducandos.

## COCO

Uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Produtos Naturais do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba apontou o óleo de coco virgem como terapia complementar para prevenir ou reduzir crises asmáticas. A pesquisa ganhou destaque internacional, com publicação pela revista “Medicina Oxidativa e Longevidade Celular”. O estudo é a tese de doutorado do pesquisador Luiz Henrique Vasconcelos, professor do Departamento de Fisiologia e Patologia. O nome do artigo é “A suplementação com óleo de coco virgem evita a hiperreatividade das vias aéreas de porquinhos da Índia com inflamação crônica do pulmão alérgico por mecanismo antioxidante”. Diante desses resultados, ele defende o avanço das pesquisas para a realização de estudos clínicos.



Mãe e filha. Selda e Seldinha Falcone ilustrando a coluna

## Intercâmbio

O número de adolescentes em busca de intercâmbios cresceu segundo dados da pesquisa Selo Belta. E, além de aprender outra língua, os jovens procuram realizar o sonho de conhecer países e culturas diferentes e participar de trabalhos voluntários. Em João Pessoa, o Yázi-gi Ruy Carneiro oferece diversas opções de intercâmbio para jovens e adultos, em vários idiomas e períodos, com valores parcelados até a data da viagem. Os destinos mais procurados são Canadá, EUA, Reino Unido, Irlanda, Austrália e Malta, que aparece pela primeira vez entre os mais procurados devido a política que possibilita estudar e trabalhar.



Márcia Queiroga, em close especial



Tereza Neiva, em evento social



## Parabéns

Adalberto Albuquerque, Ana Paula Moura Farias, André Gonçalves Braga, Aniberto Mendonça Melo, Antonio Dantas Gomes, Antônio Mineral, Beto Brito, Edvaldo Pontes Gurgel, Evaldo Ribeiro Silva, Fábio Romero de Carvalho, Fábio Sobral, Isabelle Coutinho Dantas, Jonas Lourenço, Laura de Araújo Burity, Leonardo José Videres Trajano, Luciano Meireles Bezerra, Márcia Formiga Navarro, Maria Ceres de Souza, Maria Eunice Lima de Olinda, Melina Azevedo Moura, Merylin Fernandes Chaves, Nair Medeiros Silva Pinto Peixoto, Otto Marcelo Navarro, Socorro Fonseca, Telma Dantas Lima e Thais Quirino.

## ENCONTRO

Nos dias 3 e 4 de fevereiro, a Faculdade Uninassau João Pessoa realiza o Encontro Pedagógico 2020.1. O evento acontece na própria instituição, das 18h às 21h30 no dia 3 de fevereiro, e das 9h às 12h no dia 4 de fevereiro. Esse ano o Encontro tem como tema central “Inovando a sala de aula em busca de uma aprendizagem significativa” e tem o objetivo de oferecer oficinas de capacitação e aperfeiçoamento sobre temas atuais e relevantes para os docentes da instituição. Na programação conteúdos como a importância do grupo de estudos e pesquisas no ensino superior e metodologias ativas na prática.

## INFORMATIVO

O novo Informativo online do Laboratório Maurílio de Almeida, do médico Fábio Rocha, tem como tema o temido Coronavírus, que sido comentado em todos os veículos de comunicação do mundo. A pesquisa é do jornalista Kubitschek Pinheiro. Confira no [www.mauriliodealmeida.com.br](http://www.mauriliodealmeida.com.br) e saiba mais sobre o novo coronavírus que é um vírus que causa um tipo grave de pneumonia, altamente letal. Seus sintomas incluem febre, falta de ar, dor no peito, dificuldade em respirar e tosse.

## NOVIDADE

Chegou em João Pessoa, com loja no Manaira Shopping, o San Paolo Gelato & Café. A marca tem 35 unidades em nove estados do país. Criada em 2012 em Fortaleza, é especializada no preparo do gelato na pedra fria de mármore. A casa traz para os consumidores os sabores clássicos, criações com itens e inspirações internacionais, além de sabores com ingredientes tipicamente brasileiros. São cerca de 30 sabores que se revezam na vitrine da loja. Todos de fabricação própria, produzidos de maneira artesanal, com receitas desenvolvidas pela equipe de inovação da San Paolo Gelato, utilizando ingredientes frescos e de excelente qualidade. A San Paolo traz também para os clientes diversas opções de sobremesas e os cafés especiais, criados a partir de um blend exclusivo para a marca.

## Paraibano

Treze tem um dos jogos mais difíceis neste domingo, diante do Sousa, no estádio Marizão pela terceira rodada do Paraibano. [Página 24](#)



Foto: P&B esportes

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 2 de fevereiro de 2020

127 21

Foto: Divulgação/CBV



### PRINCIPAIS TÍTULOS E MEDALHAS

- Medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas/2004, prata em Sydney/2000, bronze em Pequim/2008 e quinto lugar em Londres/2012
- Campeão mundial em 2003 e vice em 2001, 2011 e 2013
- Medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos 2007
- Hexacampeão do Circuito Mundial (2000, 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007)
- Heptacampeão do Circuito Brasileiro (2002, 2003, 2006, 2008, 2013/2014 e 2014/2015 e 2018/2019)
- Premiações individuais
- Jogador mais inspirador e esportista do ano do Circuito Mundial 2018
- Melhor jogador do Circuito Mundial em 2005 e 2007
- Melhor jogador do Circuito Banco do Brasil 2006 e 2011
- Rei da Praia e Rei dos Reis em 2002
- Melhor ataque do Circuito Banco do Brasil em 2000, 2004, 2005, 2007, 2008 e 2010
- Melhor jogador ofensivo do Circuito Mundial em 2005, 2006 e 2007
- Melhor ataque do Circuito Mundial 2005
- Melhor bloqueio do Circuito Banco do Brasil em 1999, 2000, 2001, 2003 e 2014/20-15

# Ricardo

## Patrimônio do vôlei paraibano

**Iago Sarinho**  
iagosarinho@gmail.com

Poucos pessoenses podem se dizer tão parte da cidade e de sua história como o baiano Ricardo Alex Costa Santos de 45 anos, há cerca de 20 radicado na capital paraibana. Pelo nome completo, talvez o leitor tenha mais dificuldade para reconhecer, contudo basta unir ao seu primeiro nome o sacerdócio que ele escolheu para a vida, o vôlei de praia.

Assim, unindo Bahia e Paraíba, Ricardo do vôlei, treinando na Praia de Cabo Branco e vencendo pelo mundo, se tornou um pessoense da gema, pois foi nessa terra onde pôde desenvolver o seu amor pelo esporte, criar seus filhos, Pedro Henrique - que segue os passos do pai no vôlei de praia - Giulia e Nicolas, investir e se tornar empresário ao mesmo tempo em que construiu uma carreira vitoriosa como poucas, com direito a três medalhas

olímpicas, sete títulos do circuito brasileiro e seis do mundial, entre outras conquistas.

No Brasil, Ricardo ficou conhecido por seus adversários como “A Muralha” e fora do país como “Block Machine”, graças ao seu principal fundamento, o bloqueio. Ao lado de Emanuel com quem fez a dupla campeã olímpica dos Jogos de Atenas (2004) e medalha de bronze nos jogos de Pequim (2008), Ricardo detém o recorde de medalhas olímpicas na modalidade, ao todo são três, no caso do atleta da Bahia/Paraíba, a terceira medalha dessa conta, foi justamente a primeira, uma prata conquistada nos jogos de Sydney (2000) quando fazia dupla com o paraibano Zé Marco.

Foi justamente o ciclo e a parceria na época com Zé Marco, em um projeto arrojado ao capitaneado por dois professores da UFPB Gilmário Cajá e Rossini Freire, técnico e prepara-

dor físico, respectivamente, responsáveis pelas primeiras conquistas do Brasil no vôlei de praia dentro dos Jogos Olímpicos treinando a dupla Zé Marco e Ricardo e posteriormente ao lado de Emanuel e Ricardo entre outros trabalhos.

Hoje, Ricardo faz parte da equipe do CT Cangaço, centro de treinamentos em João Pessoa, coordenado pelo professor Ernesto Vogado e que segue os passos iniciados por Cajá e Rossini, comandando hoje um dos melhores espaços de formação em alto rendimento do país e responsável por lapidar atletas como Álvaro Filho, Vitor Felipe, George e os irmãos Renato e Rafael, símbolos da nova safra do vôlei de praia brasileiro e paraibano.

Dentro do CT Cangaço, além de treinar, Ricardo também desempenha um papel fundamental de mentoria e treinamento ao lado desses novos atletas, hoje fazendo dupla com Vitor

Felipe, Ricardo foi campeão do circuito brasileiro no ano passado jogando com Álvaro Filho, que representará o Brasil nas Olimpíadas do Japão esse ano - agora fazendo dupla com Alison Mamute (ES) - além de já ter feito dupla com George - hoje líder do circuito brasileiro e campeão da última etapa em João Pessoa jogando com André Stein (ES).

Se no passado jogou ao lado de nomes importantes da Paraíba como Zé Marco e também Renatão - que representando a Geórgia ao lado de Jorge Terceiro ficou com o quarto lugar nas Olimpíadas de Pequim, derrotado justamente por Ricardo e Emanuel -, hoje Ricardo pode afirmar que faz parte da preparação da nova geração de campeões da Paraíba, isso tudo sem deixar de competir com eles e disputar em grande nível todas as competições que participa.

É nesse contexto que durante a etapa de João

Pessoa do Circuito Brasileiro Open de Vôlei de Praia - onde Ricardo, jogando ao lado de Vitor Felipe, conquistou o bronze -, que conversamos com “a muralha” sobre a sua relação com a capital paraibana, seu atual momento no esporte e na vida, sua trajetória e tam-

bém sobre sua aposentadoria que deve ocorrer nos próximos anos jogando ao lado do filho Pedro Henrique com quem até hoje só pôde jogar contra - nas duas oportunidades com vitória do pai -, para assim passar o bastão nada leve do vôlei dentro de sua família.

Foto: Roberto Guedes



Ricardo ganhou o bronze jogando com paraibano Vitor Felipe na semana passada

## A ENTREVISTA

**Ricardo, você escolheu há cerca de 20 anos a cidade de João Pessoa como moradia e lugar de treinos e desde então não saiu daqui, criou seus filhos na Paraíba e é acolhido pela cidade e amantes do vôlei daqui como um verdadeiro pessoense. Como é a sua relação com a cidade e o que existe aqui para que haja tantos bons atletas e lendas do esporte como você optem por treinar e viver aqui?**

Sou muito grato por ter encontrado em João Pessoa um lugar especial para minha carreira e vida. Falando do vôlei, aqui o clima favorece muito para que possamos estar em prática o ano todo. Temos períodos com muito vento, outras vezes sem ele, períodos de muito calor e outros de clima mais ameno, tudo proporcionando que em um único local possamos ter diversas experiências de jogo. Agora, além de tudo isso, o fator preponderante é a qualidade da comissão técnica que nós temos aqui.

**A Paraíba é um dos principais celeiros do vôlei de praia para o Brasil. O que há de diferente aqui que possibilita tantas revelações em quantidade e qualidade, o que existe de diferente nas areias de João Pessoa?**

O ponto mais importante é a qualidade de treino que a gente consegue ter aqui em João Pessoa. Desde a minha chegada aqui com Cajá e Rossini, até agora, treinando no CT Cangaço com o Ernesto e os demais membros da comissão. Isso mostra que ao longo do tempo existiram mudanças, mas houve sempre o aperfeiçoamento e reciclagem para a continuidade da qualidade. Então esse é o diferencial, sem dúvida alguma, a qualidade que encontramos aqui para o desenvolvimento do esporte é a causa para a Paraíba se manter ao longo de todos esses anos em evidência no cenário nacional e internacional do vôlei de praia.

**Já são 25 anos como atleta do vôlei de praia onde você entre vários títulos, possui três medalhas olímpicas, sete títulos em circuitos nacionais e seis em internacionais. Aos 45 anos, o que te motiva a seguir treinando e competindo em alto nível?**

O primeiro de tudo é o prazer de estar dentro de quadra. Acho que isso faz a gente superar qualquer dificuldade e o cansaço do dia-a-dia. São mais de 25 anos dedicados ao esporte profissional, não apenas ao vôlei de praia, mas sim para a condição de atleta profissional, indo treinar diariamente, tendo dedicação exclusiva. Porém mesmo com todo esse tempo, o prazer em estar jogando, em me dedicar seguem muito grandes.

**Olhando para essa relação vencedora que você possui com a antiga e a nova geração de atletas paraibanos, qual a sua relação com esse processo e o que você visualiza para a sua carreira em conjunto com o futuro do vôlei paraibano?**

Hoje estou em um momento de buscar passar um pouco da experiência que eu tive ao longo desses anos para outros parceiros. Eu estava no ano passado com o Álvaro, hoje estou ao lado do Vitor Felipe, tive a chance de jogar com o George em um Sul-Americano. Com meu filho por enquanto joguei apenas contra, mas pretendo encerrar minha carreira jogando ao seu lado em um futuro próximo, algo que será uma grande realização pessoal. Então, o vôlei de praia está me dando agora a possibilidade de também vivenciar esse lado de ajudar e dar minha contribuição para novos campeões. Estou agora passando aquilo que a gente adquiriu nesses anos para essa nova geração de grandes atletas paraibanos e eles estão conseguindo resultados muito bons. No passado, estive com Zé Marco e Renatão aqui do estado, hoje, tenho a oportunidade de passar por essa nova geração. Vivenciar essa fase está sendo um momento muito prazeroso e especial para mim.

# Fla chegou a cortar os prêmios dos funcionários em até 90%

Jogadores questionaram a diretoria diante dos cortes propostos e premiação só foi paga após crítica coletiva

Alex Sabino e  
Diego Garcia  
Folhapress

A diferença no valor entre a premiação esperada por funcionários do Flamengo e a efetivamente paga pelo clube pela conquista do Campeonato Brasileiro e da Copa Libertadores do ano passado chegou a 90% em alguns casos.

Essa divergência levou jogadores da equipe a questionarem a diretoria do clube pouco antes de entrar em campo para disputar a final do Mundial de Clubes, em 21 de dezembro.

Planilhas obtidas pela reportagem, além de depoimentos de funcionários do Flamengo e pessoas ligadas a jogadores, mostram a divisão de valores.

Apenas um grupo de funcionários (os seis membros da comissão técnica trazida pelo português Jorge Jesus e alguns diretores) receberam o valor integral. Os demais passariam por cortes. A decisão de quem sofreria redução e o percentual foi tomado de forma arbitrária pela diretoria.

O total prometido aos atletas era de R\$ 61 milhões: R\$ 28 milhões pelo Brasileiro e R\$ 33 milhões pela Libertadores. Por decisão dos jogadores, ainda em março de 2019, antes da estreia no torneio sul-americano, 30% da premiação em caso de títulos (equivalente a R\$ 18,3 milhões) deveriam ser divididos entre funcionários do departamento de futebol.

Rodrigo Caio, William



O Flamengo conquistou o Campeonato Brasileiro e a Taça Libertadores e os valores da premiação causaram mal-estar no grupo antes do jogo final do Mundial de Clubes contra o Liverpool

Arão, Diego e Everton Ribeiro representaram o elenco em reunião realizada na Bolívia, antes de partida contra o San José, em que foi definida a divisão.

Não foi isso que ocorreu na prática. Um funcionário do futebol próximo aos jo-

gadores que deveria receber R\$ 75 mil pelo acordo inicial ficou com R\$ 13 mil. Secretários que teriam direito a R\$ 27 mil embolsaram R\$ 4.000, e seguranças dos atletas, que esperavam R\$ 20 mil, tiveram R\$ 2.100 pagos.

Um integrante da gerên-

cia de futebol que tinha cerca de R\$ 370 mil a receber viu o depósito integral cair na sua conta. O mesmo ocorreu com o prêmio de R\$ 1 milhão prometido a um diretor.

Houve também questionamentos com relação a impostos. Foram descontados

43,63% de alíquota sobre os prêmios -o máximo de imposto de renda é 27,5%.

Os descontos não foram aplicados aos integrantes da comissão técnica contratados a pedido de Jesus. Isso porque eles, incluído o treinador, tinham em contrato que todos

os valores recebidos seriam livres de impostos.

O técnico português, por exemplo, ganhou como premiação individual R\$ 6.090.345 pelo torneio sul-americano e R\$ 4.574.363 pelo Brasileiro. Foram R\$ 10.664.708 no total.

## + Executivo do clube disse que bônus estaria fora da realidade

Discussões sobre o tema se tornaram públicas no dia da decisão do Mundial, mas as divergências começaram ainda em 13 de dezembro, dia do embarque da delegação para Doha, quando uma funcionária dos recursos humanos do clube levou as planilhas com as premiações para o CEO, Reinaldo Belotti.

O executivo procurou o presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, e disse que os valores a serem pagos aos funcionários eram muito altos, e que no mundo corporativo os bônus chegariam no máximo a quatro salários. Belotti é ex-executivo da Petrobras.

As discussões continuaram no Gran Hyatt, hotel em que a delegação estava hospedada. O vice-presidente de relações externas e um dos dirigentes mais influentes do clube, Luiz Eduardo Baptista, conhecido como Bap, defendeu a ideia de que no dia 20, data prevista para o depósito dos prêmios, deveriam ser pagos apenas os atletas e os "portugueses", atitando a comissão técnica de Jorge Jesus.

Ao saber disso, o técnico



Luiz Eduardo Baptista (D) ao lado de Marcos Braz, defendeu a ideia de pagar a premiação na data prevista, isolando funcionários

interveio. Disse que todos deveriam ser pagos ou ninguém. Dessa forma, todos os pagamentos foram retidos.

Os jogadores ficaram insatisfeitos com o impasse e

argumentaram que o dinheiro era deles, não do Flamengo, e que não fazia sentido rediscutir um assunto acertado em março, mas Landim e Bap se mantiveram irredutíveis.

A divergência fez com que a equipe entrasse em campo para decidir o título contra o Liverpool sem definir qual seria a premiação em caso de vitória. Os ingleses venceram

por 1 a 0, com gol na prorrogação. A diretoria também não quis discutir quanto eles receberiam pela vitória sobre o Al-Hilal, da Arábia Saudita, na semifinal.

Após o torneio os atletas saíram de férias e o pagamento da premiação pelo Brasileiro e Libertadores foi realizado, mas com os descontos.

O gerente de futebol Paulo Peláias foi demitido do Flamengo no início deste ano, em meio a uma guerra política entre Bap e o vice-presidente de futebol, Marcos Braz. A justificativa para sua saída foi de que ele teria vazado para a imprensa a falta do pagamento dos prêmios, o que ele nega ter feito.

Sua saída foi uma forma de o vice-presidente de relações externas tentar reduzir a influência de Braz, que se tornou popular com a torcida e associados por causa da montagem do elenco vencedor.

Procurado para comentar as informações da reportagem, o clube disse que esse é um assunto interno e não tem o costume de se manifestar sobre salários, bônus e temas relativos a esses.



Goleiro compartilhou a sua experiência durante muitos anos no futebol com a juventude de Bangladesh após visita e destacou a importância do esporte que encanta meninos e meninas em qualquer parte do mundo

# Júlio César destaca a força do futebol em Bangladesh

Ex-goleiro do Flamengo e da Internazionale de Milão fala de sua experiência com meninos e meninas no sul da Ásia

Fifa.com

Durante seus 20 anos de carreira profissional, o brasileiro Júlio César morou em cinco países diferentes e visitou muitos outros para jogos internacionais. Bangladesh, no entanto, era novo para ele. O ex-goleiro do Flamengo e da Inter de Milão teve a oportunidade de ir para o país do sul da Ásia como jogador da FIFA Legend (ídolos do futebol). Lá, ele assistiu à semifinal da Copa do Ouro de Bangabandhu deste ano, em 23 de janeiro, e compartilhou sua experiência em campo com goleiros de equipes de alto escalão e equipes juvenis de suas mulheres. Julio Cesar em Bangladesh visitou o Museu Memorial Bangabandhu, a sede da federação e ainda participou da semifinal da Bangabandhu Gold Cup 2020 (uma competição internacional por equipes). E concedeu entrevista ao Fifa.com.

**Júlio César, o que o surpreendeu em sua primeira visita ao Bangladesh?**

Como as pessoas são apaixonadas pelo futebol! Isso foi muito perceptível, assim como a divisão entre fãs do Brasil e da Argentina! Infelizmente, não passei tanto tempo em Dhaka, mas pude sentir a intensidade da cidade. Além disso, o tráfego certamente impressionou. Foi uma viagem linda.

**Durante a sua estadia, você teve a chance de falar com o presidente da federação de futebol do país, Kazi Salahuddin.**

Foi um encontro muito breve, mas ele me pediu conselhos sobre como melhorar a condição física média dos jogadores da seleção nacional. Eu o

aconselhei a investir mais em recursos humanos. Especificamente, sugeri ter treinadores qualificados e bons profissionais envolvidos no dia a dia, a fim de melhor treinar mais profissionais.

**Você também conheceu algumas das equipes nacionais, incluindo o lado feminino. O que você achou do talento e paixão desta geração de jogadores?**

É maravilhoso ver o poder do futebol e o quanto incentiva as crianças a sonharem um dia se tornarem jogadores profissionais, independentemente

do país em que vivem. Fiquei encantado ao ver tantas garotas comprometidas com o futebol em um momento tão importante globalmente para o jogo das mulheres.

**Imaginamos que os mais novos lhe pediram conselhos, esperando aprender com os melhores, mas você aprendeu alguma coisa com eles?**

O que aprendi lá, não apenas das crianças, mas do povo de Bangladesh em geral, é que, apesar das dificuldades do dia-a-dia, elas nunca param de sorrir. Vi tantos sorrisos durante a minha estadia!

**Havia um grupo de goleiros treinando nas instalações da federação. Você ofereceu algum conselho a eles?**

Foi uma reunião muito breve, embora muito gratificante. Conversamos muito sobre como o goleiro deve permanecer concentrado durante o jogo.

**Depois de tantos anos dedicados ao futebol, você agora tem um novo papel como FIFA Legend. Você está gostando das atividades internacionais que o trabalho envolve e do que você mais gosta no seu novo papel?**

Fazer parte do FIFA

Legends é sem dúvida um enorme privilégio. Primeiro, me dá a oportunidade de me reconectar com alguns ex-companheiros de equipe, que fazem parte da minha história pessoal, e ocasionalmente relembrar grandes momentos. Além disso, podemos coletivamente trazer alegria e inspiração para muitas pessoas em todo o mundo. Ajudar a FIFA a fortalecer o futebol nos países em desenvolvimento é muito interessante. Percebo que o futebol tem amplo potencial de crescimento em continentes como Ásia e África. E, obviamente, organizar e jogar partidas é sempre a

minha parte favorita - é o elemento crítico e o que todos mais gostamos.

**Durante sua viagem a Bangladesh, as pessoas o complementaram no seu nível de inglês. Você tem passado muito tempo estudando?**

(Risos) Eu sei que ainda tenho que melhorar muito meu inglês, mas estou tentando! Eu posso me comunicar bem o suficiente, mas ainda me falta um pouco de confiança quando se trata de falar na frente das câmeras. Estou tentando melhorar a cada dia, pois sei que é muito importante para o meu futuro.

## Inovação

# Fifa lança programa de novos talentos

Fifa.com

Arsène Wenger, chefe de desenvolvimento global de futebol da FIFA, anunciou o lançamento de um programa inovador de desenvolvimento de talentos que permitirá às federações otimizar suas estruturas técnicas, estabelecer esquemas de escotismo sustentáveis e de longo prazo e, finalmente, reduzir a brecha no topo do jogo.

“Estamos lançando o Programa de Desenvolvimento de Talentos da FIFA para garantir que todos os talentos tenham uma chance. Esse objetivo é muito ambicioso, mas estamos altamente motivados e focados. Atualmente, as informações podem ser disponibilizadas e usadas em todo o mundo em segundos. É uma grande chance”,



Arsène Wenger observa garotos participando de workshop durante cinco dias na cidade de Doha, no Catar

disse Wenger durante um workshop de desenvolvimento técnico da FIFA de cinco dias, con-

cluído esta semana em Doha, com a participação de mais de 100 especialistas de confederações e

associações membros. “A diferença no nível de jogo entre a Europa e o resto do mundo au-

mentou. Em muitos países, o foco da associação está principalmente na equipe nacional sênior, mas essa equipe nacional é sempre a consequência do desenvolvimento do futebol em todo o país. Precisamos de mais competições juvenis para identificar talentos, oferecer-lhes um caminho e desenvolver o treinamento”, acrescentou Wenger.

Através do novo Programa de Desenvolvimento de Talentos da FIFA, a partir deste ano, todas as 211 federações membros terão direito a se beneficiar de uma avaliação da FIFA das várias áreas de seu ecossistema de alto desempenho no futebol masculino e feminino, incluindo todas as equipes nacionais, ligas domésticas e olheiros. projetos e academias.

Foto: Divulgação/Fifa

# Treze encara o Sousa hoje no Marizão para manter os 100%

Com duas vitórias na competição, o Galo precisa se impor para se manter na briga por vaga nas semifinais

Ivo Marques  
ivo\_esportes@yahoo.com.br

O jogo Sousa x Treze é o destaque deste domingo, pela terceira rodada do Campeonato Paraibano. A partida está programada para as 17 horas no estádio Marizão, em Sousa. O estádio passou por obras e finalmente foi liberado pelo Ministério Público para sediar os jogos do Dinossauro. A arbitragem desta partida será de Gustavo Estevão, auxiliado por Oberto Silva e Gleydson Francisco. O árbitro reserva será Josemarques Domingos.

O Treze entra em campo para manter os cem por cento de aproveitamento no Campeonato Paraibano. O Galo venceu na estreia o CSP por 2 a 1 em Campina Grande. Depois, a equipe foi a João Pessoa enfrentar o São Paulo Crystal e venceu por 2 a 0. O técnico Celso Teixeira acredita que o time já começa a ter uma forma de jogar e vem crescendo de produção. Ele espera um jogo muito difícil contra o Dinossauro, sobretudo em Sousa, onde o adversário tem um aproveitamento muito bom. Galo e Dino já jogaram 91 vezes, com 36 vitórias do Treze, 27 do Sousa e 28 empates. O Alvinegro marcou 126 gols e levou 89. Mas, contando apenas os jogos de Campeonato Paraibano, o Treze tem apenas uma vitória a mais do que o Dinossauro, o que demonstra que nos confrontos entre as duas equipes há muita igualdade.

**Nacional e Sport**  
Nacional e Sport Lagoa Seca entram em campo neste domingo com a missão de se recuperar no Campeonato Paraibano. O Canário do Sertão vem de uma derrota para o Botafogo em casa, por 3 a 2, e o Sport perdeu para o Sousa, por 1 a 0, também jogando dentro de casa. A partida está programada para as 17 horas, no Estádio José Cavalcanti, em Patos. O árbitro central desta partida será José Ferreira, auxiliado por Adailton Anacleto e Wladimir Cunha. O quarto árbitro será Gilberto Pereira.

O Nacional vem de duas derrotas consecutivas, 2 a 0 para o Atlético em Cajazeiras e 3 a 2 para o Botafogo, em Patos. O técnico Sérgio China, apesar da derrota para o Botafogo, gostou muito do comportamento da equipe. Do lado do Sport, a situação é parecida com a do Nacional. A equipe perdeu os dois jogos que disputou e está na lanterna do grupo A. A grande expectativa é que o clube consiga pontuar em Patos. A semana foi muito agitada, após a saída do técnico Jânio Fialho. Contra o Nacional, a equipe vai ser dirigida pelo auxiliar técnico, Cezar Oliveira.



Jogadores treinaram bastante durante a semana para enfrentar o Sousa que está pressionado no Grupo B da competição

## Clássicos movimentam Estaduais de SP e RJ

Geraldo Varela  
gvarellajp@gmail.com

Dois clássicos movimentam os campeonatos mais importantes do Brasil neste domingo. O que atrai mais atenção será disputado na Arena de Itaquera, a partir das 11h, quando o Corinthians recebe o Santos pela quarta rodada do Campeonato Paulista. O alvinegro da capital se deu mal no meio de semana e foi derrotado pela Ponte Preta por 2 a 1 e já se preocupa também com a estreia na Libertadores, prevista para a próxima quarta-feira, quando tem início a fase preliminar. O Santos está bem mais leve no Paulistão. Lidera o Grupo A com sete pontos e vem convencendo o seu torcedor, diferente do adversário que ainda não encontrou a sua melhor formação e padrão tático.

A rodada ainda prevê outros jogos: Água Santa x Ituano, às 11h; Bragantino x Palmeiras, às 16h; e Guarani x Santo André, às 19h.

**Carioca**  
No Campeonato Carioca o destaque fica por conta do clássico entre Botafogo e Vasco, duas equipes que vivem momentos dramáticos por conta da falta de investimentos e estão com di-

ficuldades de chegar às semifinais da Taça Guanabara. O jogo vai acontecer no Engenhão, a partir das 16h. O Botafogo vem de uma vitória de virada sobre o Resende e ainda mantém esperança de brigar por vaga na semifinal.

A situação do Vasco é bem mais complicada, já que na sexta-feira perdeu de 1 a 0 para a Cabofriense e não depende mais de si para disputar a fase decisiva da Taça Guanabara. Neste domingo ainda jogam Macaé e Cabofriense às 16h e Volta Redonda e Portuguesa, no mesmo horário.

**Flamengo**  
As maiores atenções da rodada estão voltadas para o jogo de amanhã entre Flamengo e Resende, no Maracanã, a partir das 20h. É que pela primeira vez na temporada o rubro-negro será dirigido pelo técnico Jorge Jesus com o aproveitamento de vários jogadores recém contratados e poucos que vinham sendo utilizados pelo técnico Maurício Sousa que comandou por quatro rodadas com jogadores Sub-20.

O rubro-negro vem de uma derrota para o Fluminense por 1 a 0. Jesus não deve escalar todos os titulares do ano passado que ainda não estão na sua melhor forma física.

A Paraíba se desenvolveu...  
E, acompanhando e relatando  
diariamente sua história, o Jornal  
A União chega à marca dos 127  
anos de fundação.

A Fecomércio parabeniza o  
Jornal A União por contar a história  
da Paraíba e dos paraibanos!



# Arruda Câmara, um brasileiro avesso às injustiças no Brasil

Nascido em Pombal foi se formar na Universidade de Coimbra e na de Montpellier, na França; era um revolucionário

Hilton Gouvêa

O cardiologista e escritor Lauro Arruda, explica, primeiramente, que Areópago, como o de Itambé, é sinônimo de uma sociedade secreta, de origem maçônica. E que foi fundada pelo médico, botânico, escritor, revolucionário, naturalista e religioso Manuel de Arruda Câmara, um paraibano nascido em Pombal-PB, que criou esta sociedade para reunir intelectuais da Paraíba e de Pernambuco. Estes chegaram a tramar a revolução de 1817. Arruda Câmara, que deu nome ao famoso Parque Zoobotânico de João Pessoa, morreu em Itamaracá (PE), no ano de 1810. Ele não participou desta sedição, porque morreria sete antes, mas deixou plantada a semente que resultaria nas bravuras de Frei Caneca, Félix Antonio, Amaro Coutinho, José da Cruz Gouveia e outros, que pagaram, com a vida, a ousadia de se rebelar contra a Coroa Portuguesa.

Ele era de uma família de cristãos novos. Iniciou os estudos pela Ordem dos Frades Carmelitas Calçados de Goiana (PE), adotando o nome eclesiástico de Frei Manuel do Coração de Jesus. Formado pela Universidade de Coimbra (Portugal) e Montpellier (França), onde, respectivamente, diplomou-se em Filosofia Natural e Medicina, tornou-se membro da Sociedade de Agricultura de Paris. Ninguém sequer desconfiava, que aquele homem de pequena estatura, que gostava de usar roupas pretas e uma indefectível cartola, era dotado de genuíno espírito idealista e revolucionário. Sua estada em Paris o levou a se identificar com os pensamentos de Diderot, Voltaire, Montesquieu, Immanuel Kant e Rousseau. Animado com a revolução francesa de 1789, ao voltar ao Brasil, em 1793, não se conformou com o quadro de injustiças que encontrou.

A partir de então, trabalhando em prol dos mais humildes, procurou lugar apropriado para espalhar suas ideias liberais. A expedição mineralógica que organizou entre 1794 e 1795 realizou estudos no Piauí e em Pernambuco. Viajou ao Vale do Rio São Francisco em seguida e, entre os anos de 1797 e 1799, esteve na Paraíba e Ceará, estudando a ocorrência de minerais. Ao fundar o Areópago de Itambé, disseminou ideias avançadas, inspiradas no ideário dos revolucionários franceses, pregadores do lema Liberté, Igualité e Fraternité. Seu pensamento era de tendência iluminista. E preconizava que o conhecimento racional e científico da natureza tenderia a identificar as leis que regem a organização da sociedade. Para ele, o homem deveria desfrutar de liberdades, sem o controle de uma monarquia absolutista.

Mesmo na condição de frade de uma ordem que exigia conduta rigorosa de seus seguidores, pregava que a educação do povo não deveria ser condicionada aos dogmas religiosos, que, ao se limitarem aos escaninhos da fé, impediam ou delimitavam o alcance da razão. De acordo com seus biógrafos, essas eram ideias subversivas até de mais para a época, por combaterem a violência, a intolerância e - maior dos “pecados” - os abusos praticados pela monarquia e a Igreja. “Pode ser que ele seja pioneiro, no Brasil, da ala progressista da Igreja”, admite Lauro Arruda. “O Estudo da botânica colocou-o entre os mais importantes naturalistas de sua época”. O naturalista francês Geoffroy Saint-Hilare, homenageou -o ao lhe dedicar um gênero de plantas na sua classificação: “arrudea”.

Seu pensamento era de tendência iluminista. E preconizava que o conhecimento racional e científico da natureza tenderia a identificar as leis que regem a organização da sociedade



Em 24 de dezembro de 1822, a Provedoria da Fazenda autorizava a edificação de uma fonte (foto) no pequeno bosque de onde fluía o córrego



Uma ‘ilha’ transformada num espaço destinado aos macacos pregos, uma das muitas atrações da área verde de Mata Atlântica, quase no Centro da cidade

## + Ele fez a classificação da flora paraibana

Ele classificou a flora paraibana e produziu incontáveis trabalhos científicos sobre botânica, zoologia e mineralogia. O sábio é patrono da Cadeira 2 da Academia Paraibana de Letras. Os sócios do Areópago eram tão arrojados em suas ideias de liberdade, que chegaram a negociar com os Estados Unidos, a retirada de Napoleão da Ilha de Santa Helena, onde o corso estava preso, por ordem da Monarquia Inglesa. O pouso seguro do ex-imperador francês seria em Fernando de Noronha. Arruda Câmara Morreu em 2 de outubro de 1810 – exatamente há

210 anos - (em Itamaracá-PE). O Grande Oriente Independente de Pernambuco homenageou-o em 1980, ao restaurar o Areópago de Itambé e inaugurar uma loja maçônica com o nome de Manoel de Arruda Câmara. Seu corpo repousa na Igreja do Carmo, em Recife.

A carta que endereçou ao amigo João Fernandes Portugal, pouco antes de morrer, tem uma crítica ao conde Maurício de Nassau Sieger: “ele fez o Recife mal situado, em cima de bancos de areia e canais inextinguíveis”.

“João – A morte se me aproxima a

passos largos. Por temer de aí chegar vivo faço-te esta carta bem atribulado, pois conheço o meu estado de saúde. Avisa ao Tinoco de ir morrer em casa, caso chegue lá vivo.

Estas linhas são escritas por cautela, para que, depois de minha morte, saberes mais que fazer (...) quanto a algumas alfaias que ficam. Não ignores a demasiada ambição de meu mano Francisco, que tudo irá fazer para não ter efeito a minha vontade. Tenha toda a cautela na minha miscelânea, onde estão todos os apontamentos das importantíssimas minas”(...)



Já em 1831, foram expandidos os limites do sítio, concretizando-se sua construção definitivamente em 1889.[2] Nessa época, o parque apresentava área de 43 hectares, a qual foi desapropriada pelo prefeito Walfredo Guedes Pereira, entre 1920–1924.

# Carlos Augusto de Mendonça Dias Fernandes

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvearaujo@gmail.com

Journalista, escritor, poeta, romancista, biógrafo e contista Carlos Augusto Furtado de Mendonça Dias Fernandes viveu a vida tão intensamente, quanto era seu nome e suas aptidões. Foi diretor de A União, no período de 1913 a 1928. Durante 15 anos, segundo a biógrafa Joana Braga, “este jornal viveu o seu período áureo, se tornando uma verdadeira escola de jornalismo.

O governador Castro Pinto, conterrâneo de Fernandes, o convidou para dirigir este diário, que hoje completa 127 anos, mas o gênio irrequieto deste homem o fez incompatibilizar-se com João Pessoa que, ao assumir o governo da Paraíba, em 1928, assinou a demissão dele, como o primeiro ato de sua gestão. Pioneiro divulgador do vegetarianismo, ele também escreve, em 1914, o livro “Proteção aos Animais”. Fernandes, que não era religioso, nesta obra cita religiões e crenças que endossam o papel do ser humano como protetor dos animais e da natureza. Certa vez, ao participar de um programa de saúde, discutiu com nutricionistas da época, que nomeavam a carne como alimento indispensável à dieta humana. Era um polêmico por excelência e arrojado de espírito, que não hesitou em deixar a terra natal, para conhecer novos horizontes.

Três anos após a sua morte, em 1945, o paraibano José Lins do Régio, já gozando dos anais da fama como escritor, escreveu o seguinte sobre Fernandes, num artigo jornalístico chamado “Poesia e Vida”: “Lembro-me dele como de um espanto da minha adolescência: vejo-o de cabeleira negra, olhos vivos, cabeça luminosa e, toda a sugestão de glória me aparecia na frente”. E continua:



+

Sempre foi polêmico

Ele, em tudo foi polêmico: Matriculou-se num Curso de Farmácia, contrariando o pai que o queria médico. O “Velho” era formado pela Universidade de Coimbra (Portugal), admirava a literatura clássica, falava francês e não largava seus exemplares de Racine e Rousseau. Sua mãe mantinha uma indústria de doces caseiros. Fernandes, na primeira adolescência, já lia Virgílio e Horácio, e recitava, de memória, estrofes de Camões, principalmente as de “Os Lusíadas”.

Em Recife, foi financiado pelo advogado da família, José Adolfo de Oliveira Lima. Viajou com destino à Europa, mas a morte súbita de um tio-avô, esteio econômico da família, o impediu de concluir o curso de farmácia. Dai foi morar no Rio de Janeiro, em 1892, com a tia, Rosa Furtado do Nascimento. Ao trabalhar em várias atividades e não se adequar, entrou para a Guarda Nacional e chegou ao posto de tenente. Oportunamente, aliou-se ao então presidente do Brasil, Floriano Peixoto e lutou contra A Revolta da Armada, em 1893. Ele tinha 19 anos.

Foi praticante dos Correios de São Paulo. Ai iniciou sua carreira jornalística no Diário Popular. Seu companheiro, nesta nova profissão, era José Maria Lisboa, jornalista luso-brasileiro, de grande atuação no Sudeste, no início do Século. Trabalhou em diversos periódicos do Rio de Janeiro, na sua volta à cidade, em 1893. Em “A Imprensa”, era secretário do Diretor Geral, Rui Barbosa, que por sua atuação diplomática em favor do Brasil, foi chamado de “A Águia de Haia”.

**“A Voz das Origens”.**

Todo ser, que nos círculos da vida  
Girando em convulsões e ânsias palpita,  
Aspira à placidez indefinida  
Da celeste mansão que o sonho habita

Toda a alma que os animais foi proscrita  
D’essa eterna região desconhecida  
De cuja natureza, em vão cogita  
O esforço da razão sempre vencida

Da ave que voa ao verme que rasteja,  
Em todo ser, por ínfimo que seja  
Há um secreto desejo de ascendência

Há um vago desejo que embala,  
Uma voz inefável que lhes fala  
De um outro modo de ser n’outra existência.

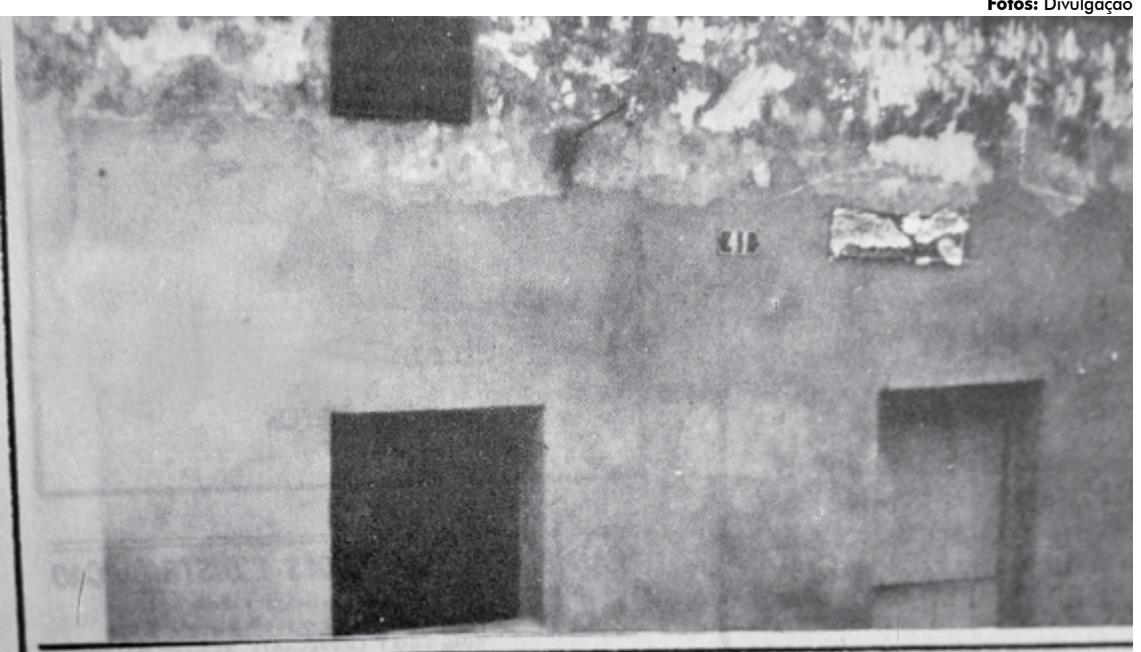
**Coqueiro**

“Solitário coqueiro miserando,  
Que as tormentas não deixam sossegar!  
E, de contínuo, as palmas agitando  
Pareces um vesânico a imprecar:

Desgraçada palmeira, como e quando  
Irão teus pobres dias acabar;  
E com eles ou teu destino infando  
De cativo da Terra ao pé do Mar ?

Hemos conformes nossos tristes fados.  
Tu, germente Briarêu dos vendavais  
Eu, Centímano de cem mil cuidados.

Um retorcido aos ventos outonais  
Outro com os seus anelos sossobrados...  
Nem sei qual de nós dois braceja mais”



Fotos: Divulgação

Casa onde nasceu o escritor, romancista e poeta Carlos Dias Fernandes, não originalmente como era, em Mamanguape

## Amigo de José do Patrocínio

No Rio, fez amizade com outro espírito inquieto republicano, o jornalista José do Patrocínio e estreitou os laços de amizade com outro orador inflamado, em favor das classes humildes, o poeta Cruz e Souza. Jornalista, poeta e advogado, nos jornais e revistas que escrevia, destilava seu tom satírico para fustigar os companheiros de província, escrevendo editoriais políticos e epigramas. Inquieto, deixa o Rio e segue para o Amazonas.

Inteligente, bonito, elegante e romântico, vivia cercado de mulheres e foi por causa de uma delas, em Manaus, que teve de deixar a cidade escondido e às pressas. Fala-se que se envolveu num escandaloso caso de amor, com uma mulher de destacada família, que tentou o suicídio, quando ele a rejeitou. Refugiou-se em Belém (PA), com apoio de Elizeu César, que o apresentou ao poderoso Antonio Lemos. Foi quando morreu o parente rico, fazendo-o voltar ao Recife, depois de frustrada viagem à Europa.

**Diretor de A União**  
Assume a Secretaria do Diário de Pernambuco. Oportunamente, Castro Pinto, governador da Paraíba em 1913, o convida para dirigir A União. Passou 15 anos no cargo. Em 1928, João Pessoa é eleito governador da Paraíba. E, como ele e Fernandes não se entendiam ideológica, social e politicamente, Pessoa demitiu o mamanguapense.

Foi o primeiro ato de sua gestão. Fernandes retorna ao Rio com a esposa Aurora.

Em 1936 escreve “Fretana” romance autobiográfico, onde surgem as figuras principais do simbolismo, a cuja geração ele também pertenceu.

Entre os 40 livros que publicou, se destacam “Os Cangaceiros” e “A Renegada, ambos de temática regional. “Feminismo”, lançado em 1923, deixa bem claro o quanto Fernandes estava à frente de seu tempo, defendendo um tema ainda hoje pluripolêmico e considerado tabu para a época em que viveu.

Em admiração a um dos maiores juristas e escritores brasileiro, escreveu “Rui Barbosa, Apóstolo da Liberdade”, em 1918. Em 1901, ao levantar bem alto a bandeira dos movimentos naturalista e simbolista da literatura brasileira, escreveu o poema.

**Angélica Lúcio**



angelicallucio@gmail.com

## Parabolicamará: as notícias locais estão fora da TV

Meus pais moram no Sertão paraibano. Na zona rural, onde a TV só funciona se tiver antena parabólica. Eles se informam pelo rádio, um pouco pelas notícias que chegam via aplicativos de mensagem (mas a internet não é boa) e pela televisão.

Na telinha, eles acompanham mais as notícias do Sul e Sudeste do país do que as da própria Paraíba. Não porque não querem. Na verdade, o sinal das TVs locais não chega pela parabólica. Apenas há pouco tempo, por exemplo, ao invés do sinal da Globo no Rio de Janeiro entrou o da Globo Nordeste. Já foi um grande avanço.

Antes, só acompanhavam o que era notícia pelo sinal da Globo Rio; os fatos chegavam com sotaque carioca e sem a “cor local”, como dizia um antigo chefe. Agora, eles também escutam um chiado diferente, mas é do Recife-PE. As matérias já têm um quê do homem nordestino. Meus pais já se

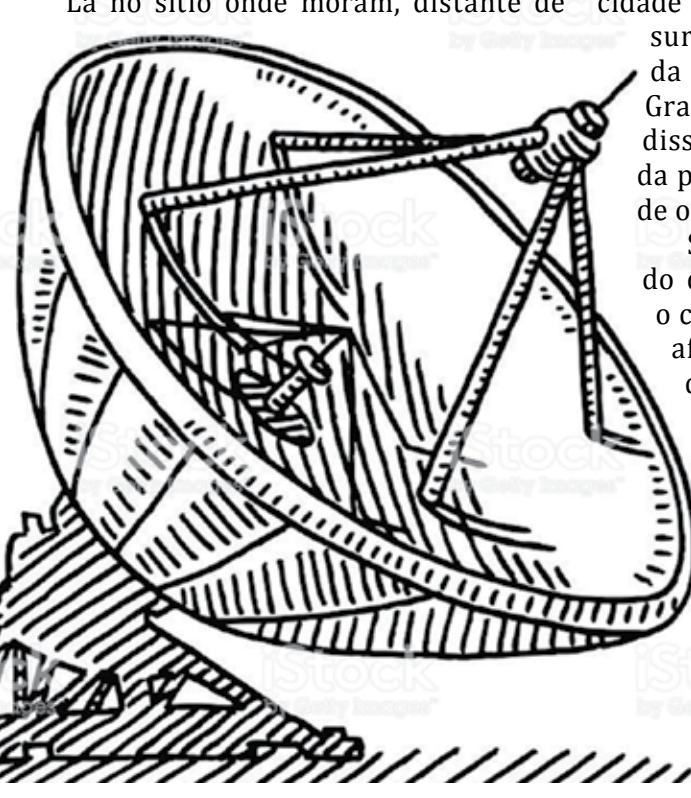
ção por parabólica é que têm acesso livre e gratuito à TV aberta.

Vejo pouca gente preocupada com esse público, principalmente com quem mora na zona rural. Como não têm acesso à programação local na TV por antena parabólica, inclusive a conteúdo propriamente jornalístico, os moradores dessas áreas, em geral, não se veem representados nos programas. A vida local está fora da tela; os problemas da comunidade em que eles vivem também.

Lá no sítio onde moram, distante de João Pessoa-PB, meus pais conseguem acompanhar notícias sobre o Flamengo, o Corinthians, mas a TV não mostra os gols do Botafogo da Paraíba, que venceu de virada o Nacional de Patos na partida realizada na quarta-feira passada, fechando a segunda rodada do Campeonato Paraibano. Minha mãe, que gosta de futebol, só ficou sabendo do resultado pelo rádio. Recorrer à TV para quê, se não vai veicular as notícias locais mesmo?

Denúncias envolvendo políticos da cidade ou mesmo da capital, ameaça de surto de dengue na Paraíba, aumento da passagem de ônibus em Campina Grande e João Pessoa? Esqueça. Nada disso aparece na telinha que depende da parabólica. Só as notícias lá de fora, de outras paisagens.

Se brincar, meus pais ficam sabendo da atualização dos números sobre o coronavírus na China antes de mim, afinal “hoje mundo é grande, porque Terra é pequena/Do tamanho da antena parabolicamará”, como canta Gilberto Gil. A antena informa sobre os mortos da cidade de Wuhan, epicentro do surto do coronavírus, mas não traz notícias da nossa própria aldeia. Há quem encare isso uma bobagem. Longe disso! Afeta nossos saberes, práticas e culturas. Mais que tecnologia, diz respeito a pertencimento e identidade.



**Dom Cardoso**



uniaogovpb@gmail.com

## Itabaiana conhece Ratinho?

Ele nasceu Severino Rangel de Carvalho, num período em que a Monarquia ainda emanava seus odores de absolutismo sobre o Brasil e a República engatinhava tentando acertar o caminho político do futuro. Ratinho seria seu nome artístico, ligado a dois saxofones – um soprano e um contralto – que só os abandonou em dois momentos de sua vida: ao serem roubados e quando morreu. Tornou-se, então, o maior músico do Brasil nesse instrumento, ao gravar “Saxofone, Por Que Choras?”, que literalmente provocou lágrimas na plateia do Cine Palais (Rio), na década de 1930. E despertou comentários de admiradores e invejosos. Este gênio paraibano da música, gravou mais de 200 discos no Brasil.

Um comentário do contra surgiu contra Ratinho (segundo o Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro - MIS-RJ), no próprio Cine Palais. Um despeitado falou que Ratinho sabia tocar, mas não estudara música. Outro, que era bom conhecedor do artista e de sua inteligência, respondeu: “Um homem que toca moviosamente bem como este não precisa estudar partituras”.

O itabaianense Ratinho, nasceu em 13 de abril de 1896, quando, no Brasil, o presidente era Prudente de Moraes e, na Paraíba, governava Alvaro Machado. A União anunciava, na Manchete do dia seguinte uma instrução de como os eleitores deveriam votar, para presidente e vice-presidente do Estado, nas eleições de 22 de abril daquele ano. Sem querer, nem adivinhar, Ratinho não saberia que, hoje, 48 anos após a sua morte, o jornal que foi seu contemporâneo (A União tinha quatro anos de fundado, quando Ratinho nasceu), lhe faria uma homenagem especial.

Ratinho conquistava a todos. Tinha uma alegria permanente. Chegou a chorar com criança desconsolada, na vez em que um gordo esmagou seu saxofone contralto ao sentar numa cadeira de teatro sem olhar. Foi apresentado à Sinhá Vana, sua única mulher, depois que o Croupier Pires, do Clube dos Caçadores (RJ), pediu para ela (a pianista da casa), executar uma valsa da moda. Depois da tocata, Ratinho se aproximou, elogiou a artista e, com o tempo, o amor foi se instalando entre os dois.

Na véspera de sua morte assistiu à televisão, parte da noite de mãos dadas com dona Vana. Em 8 de setembro de 1972, foi com Zélia, sobrinha de Vana, fazer um check-up no Hospital Duque de Caxias. Morreu no momento em que o médico verificava-lhe a pressão: fechou para sempre os olhos, de onde lhe caíam lágrimas. À Sinhá Vana restou uma terna lembrança, a do dia em que Ratinho foi-lhe apresentado, despertando um comentário entre as amigas: “Quem é este lindo índio de olhos verdes?”

Depois que o caixão foi baixado numa sepultura do corte oito, no Cemitério de Nossa Senhora do Belém, em Caxias (RJ), a trajetória artística



de agilidade e no staccato. Era um artista inato, fortemente liberto da partitura musical. A música “Saxofone por que Choras?”, é uma prova de como era um maravilhoso compositor”.

Jotaegegê – “Conheci poucos instrumentistas como ele, que executava o saxofone com grande maestria”.

Paulo Moura – “Uma vez toquei choro com Ratinho e, quando terminamos, fiquei admirado quando ele disse e provou que o choro era de sua autoria”. Não sei se algum saxofonista foi influenciado por Ratinho. Infelizmente, criaram um conceito de que a música que ele executava era “quadrada”. Isto contribuiu para que o músico fizesse uma submúsica, tipo importação, enquanto a grande força da MPB é a que vem do Nordeste”.

Ricardo Cravo Albin – “Musicalmente, sem dúvida, Ratinho foi um dos maiores instrumentistas que o Brasil já conheceu. “Ele tinha o dom virtuosístico de emitir uma nota durante tempo alongado, a fim de exibir o fôlego”, o que, para demonstrar sua habilidade com o saxofone, era desnecessário”.

Norival Guimarães, um violonista famoso, que acompanhou por muito tempo a Troupe teatral de Jararaca e Ratinho, dizia que “Ratinho possuía o dom da música tão aprimorado e técnico, que todo músico da Rádio Nacional e alhures, levantavam-se para vê-lo tocar”.

Do alto de minha simplicidade, como pesquisador e advogado, faço uma pergunta: Itabaiana conhece Ratinho? Afirmando que não, pois, hoje, ao que parece, nenhuma homenagem envolve o nome desse artista, nesta cidade. O berço natal de Ratinho situa-se a 76,8 Km da capital, onde morou Sívuca, outro filho ilustre da terra, internacionalmente conhecido.

Abel Ferreira – “Ratinho foi habilíssimo no saxofone soprano, embora executasse bem o saxofone alto. Consequia a perfeição nas passagens



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucina di Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses  
chefwalterulysses@hotmail.es

# Paraibana, sim, senhor!

Sou o chef Walter Ulysses e a maioria das histórias relatadas por muitos cozinheiros é que todos eles começam suas carreiras profissionais se espelhando em um grande chef de cozinha internacional de renome.

A minha história não foi diferente!

Meu grande espelho não conseguiu vivenciar seu neto chef de cozinha, apresentador de TV, comentarista gastronômico em rádio e jornal, mas tenho certeza que, de onde ela estiver, está vendo tudo muito feliz e aplaudindo de pé com muito orgulho, por saber que deixou uma semente que deu frutos.

Pois é, eu esqueci de relatar que meu espelho não era um chef de cozinha, nem muito menos conhecido internacionalmente. E sim a minha avó, Honorina Pedrosa Ramos, uma professora que ia dar aulas a cavalo nas fazendas e sítios da redondeza de Nazarezinho, Alto Sertão da Paraíba, e andava muitos quilômetros por dia. Uma mulher guerreira que teve 10 filhos (três deles, infelizmente, não ficaram muito tempo aqui na Terra). Os sete filhos foram criados com muita luta e dedicação.

Vovó veio morar na capital, no bairro da Torre, depois de muito tempo mudando de cidade por

conta do trabalho de meu avô. Ela era uma quituteira de forno e fogão. Seu maior destaque na família eram as famosas empadas. Até hoje sinto o gosto e o cheiro só em falar e crescer. Ela sim foi um grande espelho para hoje eu ser chef de cozinha.

Em suas mãos, tudo virava receita deliciosa. Ainda tenho seus cadernos de anotações escritos à mão. Tudo nos mínimos detalhes com o verdadeiro sabor do amor à cozinha. Nunca esqueço do seu carinho no preparo do salpicão para toda família, de modo especial para cada um, o famoso pão de macaxeira e bolo de cenoura. Ela sempre me ligava para buscar um pedaço.

O amor pela culinária brilhava em seus olhos. E esse brilho era ainda mais evidente quando ela via a família e os netos provando suas delícias. Com isso ela já mostrava que o principal ingrediente era amar o próximo com o dom de preparar suas receitas.

Suas receitas com produtos da terra tinham sabores incomparáveis, sempre levando nata, e manteiga da terra.

A gastronomia na sua vida já era o verdadeiro sentido do serviço com o coração, pois passava para todos da família o quão grande a importância de estarmos juntos nesses momentos de banquetes ou num simples café da tarde em sua casa. Aliás, vovó tinha sua horta particular com temperos especiais e árvores frutíferas (sua preferida que era o pé de goiaba de onde saíam os doces). Ela chegou até a plantar macaxeira no seu quintal. De lá saíam deliciosos pães e bolos.

Aprendi com ela e entendo mais ainda que o sucesso depende de nosso esforço, dedicação, humildade e amor ao que fazemos.

Saudades minha mestra da culinária da vida. Esteja onde estiver muito obrigado pelo aprendizado e por ter plantado uma semente que germinou e deu frutos.



## QUENTINHAS

- O Restaurante Bessame Buckminster, localizado no bairro do Bessa, além de toda beleza e curiosidade nos aquários de peixes exóticos, está preparando um novo cardápio que vai estreiar na semana pós-Carnaval. Além da pizza, que é um toque à parte, o novo cardápio estará recheado de frutos do mar, risotos, massas e grelhados de dar água na boca. Para mais detalhes, o Instagram deles é o @bessame\_buckminster.

- Facilidade com estilo. Já pensou em pleno domingo ligar e pedir uma fava ou uma feijoada completa em casa? Pois isso é possível! A Feijoada e Fava Sabor de Casa leva até você. Só basta escolher o tipo de kit que você quer. Eles têm kits a partir de R\$ 20 (vinte reais) para duas pessoas e é uma delícia. O Instagram deles é o @feijoadaefavasabordecasa.

- Coma bem. O Empório Gourmet está com serviço de almoço pelo Ifood, pratos que agradam a todos os gostos e sabores. Além de um preço super legal. O Instagram deles é @emporio-gourmetjp

- Chegamos com pé direito. Essa coluna teve o prazer de fazer seu lançamento nesta última sexta-feira em um happy hour para poucos e bons amigos, parceiros e colaboradores no Empório Gourmet, uma casa que tem o maior carinho de fazer parte de sua história. Gratidão é o nome!



De acordo com o historiador e escritor Luís Câmara Cascudo, a fabricação de queijo no Nordeste do Brasil data da instalação das primeiras fazendas nos sertões nordestinos, mas as referências a estes produtos datam da segunda metade do século XVIII. Estima-se que o queijo coalho reconhecido como tal seja produzido há mais de 150 anos, tendo sua origem relacionada ao matulão, bolsa feita do estômago de animais em que os viajantes acondicionavam o leite. Como as jornadas eram longas, o leite coagulava e originava uma massa que, por sua vez, deu origem ao queijo de coalho.

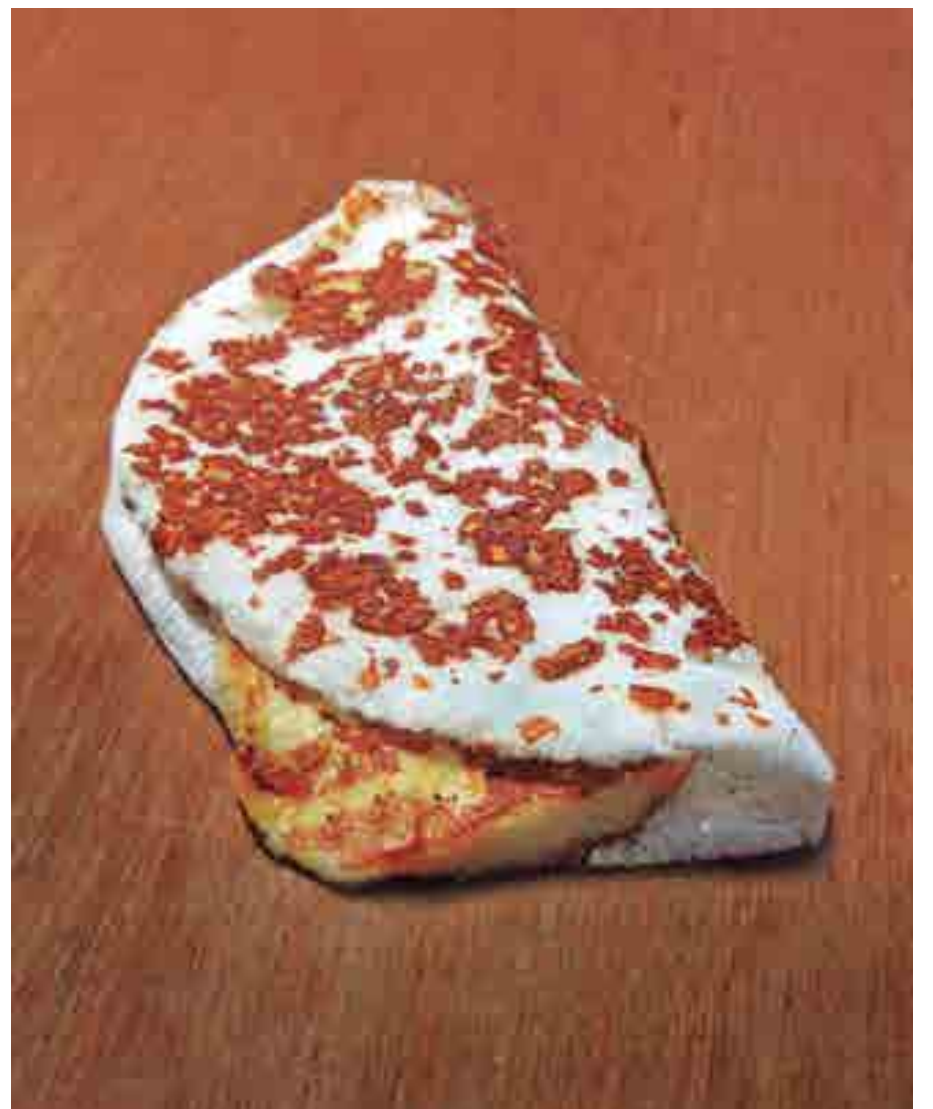
## PRATO DO DIA Tapioca Rendada

### Ingredientes

- 150g de queijo de coalho pré-cozido ralado
- 150g de massa de mandioca
- Sal a gosto
- 1 colher de sopa de manteiga da terra

### Preparo

Aqueça uma frigideira em fogo baixo, acrescente o equivalente a uma colher de sopa de queijo de coalho espalhado sobre a frigideira e deixe um pouco. Em seguida, acrescente a goma e o sal e espalhe com uma colher por toda a frigideira, deixando que a goma possa cozinhar por aproximadamente 2 minutos. Coloque o restante do queijo como recheio e feche a tapioca para que o calor possa derreter o queijo. Sirva com um pouco de manteiga e com um bom café nordestino.



ASSIGNATURA  
PARA A CAPITAL  
Anno 12\$000  
Semestre 6\$000  
Trimestre 3\$000

# A UNIÃO

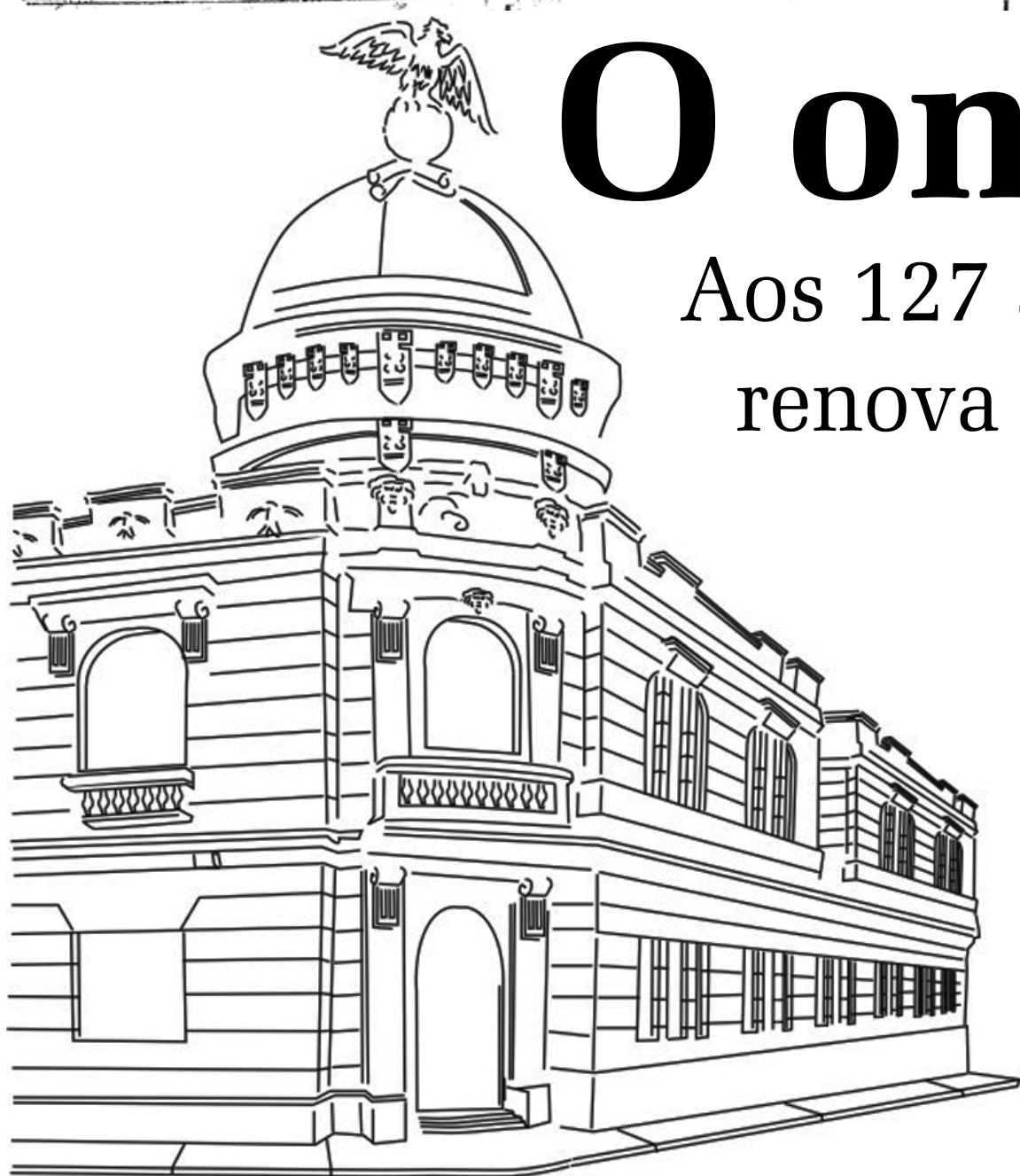
ASSIGNATURA  
PARA FORA  
Anno 15\$000  
Semestre 7\$800  
Trimestre 3\$900

*Orgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba*

ANNO I

CAPITAL—QUINTA-FEIRA 2 DE FEVEREIRO DE 1893

N. 1



## O ontem...

Aos 127 anos, o jornal A União se renova e abraça novos desafios

Foi no dia 2 de fevereiro de 1893 que A União ganhou as ruas do Estado da Parahyba a partir de uma iniciativa do então presidente da Província, Álvaro Machado. O diário, com quatro páginas, abordava acontecimentos sociais e políticos, trazia o resultado da Loteria do Estado, a nomeação do primeiro delegado de polícia da Capital, notas sobre serviços e “Actos do Poder Executivo”.

O impresso - cujo PDF pode ser acessado através de um QR Code na página 2 deste especial - circulava em uma capital que acabara de reunir 30 mil habitantes (hoje, a cidade de João Pessoa comporta 800 mil, segundo previsão do IBGE lançada em 2018). Tinha início, ali, a história do mais antigo jornal em circulação da Paraíba.



# A UNIÃO



127 ANOS - PATRIMÔNIO DA PARAÍBA

Ano CXXVII Número I

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 2 de fevereiro de 2020 - R\$ 2,00 - Assinatura anual R\$ 200,00

## ... e o hoje

Fotos: Edson Matos e Marcos Russo



### Conectado

Mais de 120 anos depois, A União segue sua missão de informar, formar, debater, valorizar as riquezas do Estado e promover a cultura regional, sempre dentro de uma rígida norma de conduta e ética, que se renova a cada edição, buscando acompanhar as transformações sociais e tecnológicas dos novos tempos.

O papel existe e resiste, dialogando com as multtelas que disputam a atenção do leitor neste ano de 2020. Facebook, Twitter, Instagram... pelos perfis das redes sociais do jornal, caminha o dia a dia de A União, que navega na internet convidando os usuários a encontrar, nas suas páginas, notícias sobre o dia a dia do Estado, política, esporte, arte e cultura, sociedade e tantos outros temas de interesse público.

O QR Code, adotado recentemente pelas páginas de A União, é uma ponte entre o papel e o ciberespaço: através dele, a informação ganha som e movimento, quando na tela do seu smartphone abre-se um vídeo do Youtube, assim como documentos, formulários e iniciativas, grandes demais para as páginas de jornal.

O parque gráfico - que abraça não só o jornal, mas diversos outros produtos - se moderniza nestes 127 anos. E para além do papel, iniciativas de inclusão mostram o alcance do diário paraibano: semanalmente, são impressos, em braille, 120 exemplares, mostrando que, para A União, não existem barreiras.



facebook.com/uniaoovpb



www.paraiba.pb.gov.br



auniao.pb.gov.br



Twitter > @uniaoovpb



# O desafio de

# A União

Laura Luna  
lauraragao@gmail.com

Mais de 46 mil edições. São 127 anos trazendo as principais notícias do Estado, do Brasil e do mundo. O Jornal A União rompeu a barreira da informação e passou a ter peso e valor histórico, credibilidade que ultrapassou séculos e ajudou a contar histórias que nos fazem ser quem somos hoje. O jornal, que em 2017 recebeu o título de Patrimônio Cultural da Paraíba, nasceu no século 19, quando sequer havia a distribuição de energia elétrica no Estado. Nos tempos atuais, o periódico toma fôlego enquanto absorve os avanços da tecnologia. Essa, na verdade, sempre foi a marca do jornal que nunca se acomodou na missão de fazer jornalismo.

Em um momento onde a tela luta contra o papel, A União se mantém firme, unindo - como o próprio nome sugere - tradição e inovação. No jornal, o novo não substitui o antigo, complementa. E é essa uma das características do periódico ao longo desses 127 anos: a preocupação de se atualizar, respeitando toda uma história embasada no jornalismo ético e de qualidade. “A capacidade de renovação, gráfica e editorial, ao longo dos anos, é uma das características, e além de motivo de orgulho, é um desafio para todos que fazem o jornal”, comenta William Costa, diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

A diretora-presidente da EPC, Naná Garcez, falou

na credibilidade e no compromisso com a veracidade, além do trato para com a notícia, independente da passagem do tempo. “É ter o cuidado de conferir e checar as informações que mudam de linguagem, se adequando ao momento histórico e às novas tecnologias”.

E para oferecer um produto ainda melhor, uma nova impressora, com maior velocidade e qualidade de impressão, será adquirida ainda este ano, como parte do processo de atualização pelo qual a empresa vem passando. “Mais páginas coloridas, melhor definição e maior agilidade que beneficiará tanto o jornal, quanto o parque gráfico de A União”, acrescenta.

Naná Garcez chamou a atenção para a audiência qualificada de A União: “Intelectuais, classe política, dirigentes de instituições e empresários, além do próprio governador João Azevêdo, que lê o jornal diariamente”.

A dirigente destaca, também, os jornalistas que, todos os dias, trabalham em prol da informação correta e bem apurada, e colunistas, que emprestam suas ideias e emitem suas opiniões sobre os mais variados temas, enriquecendo e reforçando o conteúdo de A União. “O jornal tem espaço para a opinião, valorizando o pensamento global a partir do local. É só ler o que os nossos colunistas escrevem sobre os mais variados temas”, convida Naná.



Foto: Ortilo Antônio

“O jornal tem espaço para a opinião, valorizando o pensamento global a partir do local. É só ler o que os nossos colunistas escrevem sobre os mais variados temas.

Naná Garcez

Foto: Roberto Guedes



“A capacidade de renovação, gráfica e editorial, ao longo dos anos, é uma das características, e além de motivo de orgulho, é um desafio para todos que fazem o jornal.

William Costa

## Do papel ao digital

Desde que deixou de existir apenas no papel e migrou para as plataformas digitais o Jornal A União passou também a conquistar novos leitores. Um público cresce a cada dia de acordo com o balanço de 2019. Na rede social Facebook, por exemplo, o crescimento foi de 365%, instagram 1.200% e no twitter 10.622 pessoas acompanham e repercutem as postagens do jornal. “O aumento na frequência de postagens e a interação com campanhas, sorteios de ingressos, curiosidades e matérias do jornal tem contribuído para esse processo. Exploramos pontos estratégicos do jornal a exemplo da história, da opinião e da cultura”, conta Gi Ismael, editora de conteúdo digital de A União. O site, acessível em libras de fácil navegação, alcançou a marca de 2.360.690 acessos ano passado.

As matérias com QR Code redirecionam o leitor proporcionando informações complementares e ainda mais detalhadas, fazendo da convergência um recurso a mais no processo de informação. É só posicionar o celular na frente do jornal e mirar no código para que um novo

### A União nas Redes

De janeiro a dezembro do ano passado o Jornal A União cresceu em todas as redes sociais. Postagens diárias, produzidas na linguagem ideal e com conteúdo direcionado à cada mídia, geraram engajamento e aumentaram as audiências sempre de forma orgânica, ou seja, sem que houvesse impulsionamento por meio financeiro.

87%

É percentual de crescimento de visualizações do Twitter de A União

48 mil

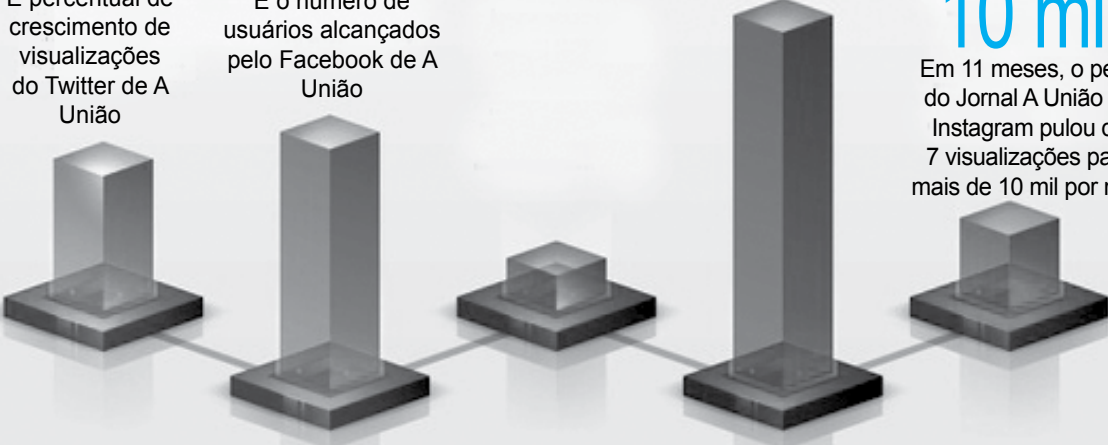
É o número de usuários alcançados pelo Facebook de A União

300%

É percentual de aumento da média mensal que a página de A União no Facebook alcançou em 11 meses

10 mil

Em 11 meses, o perfil do Jornal A União no Instagram pulou de 7 visualizações para mais de 10 mil por mês



Fonte: Editoria de Conteúdo Digital de A União



Aponte a câmera de seu smartphone para o QR Code acima e acesse o fac-símile da primeira edição do Jornal A União. É preciso estar conectado à internet e, talvez, um aplicativo próprio seja necessário.

conteúdo apareça na tela. Novidades que repercutem e geram resultados expressivos, inclusive entre um público mais jovem, entre 25 e 44, que é atualmente a grande maioria dos seguidores. Pessoas que muitas vezes fazem o caminho inverso, começam nas redes e migram para o jornal. “A proximidade que as redes proporcionam, através da interação, também aproximou muito o jornal dos leitores”, finaliza Gi Ismael.

Informação que atravessa o tempo

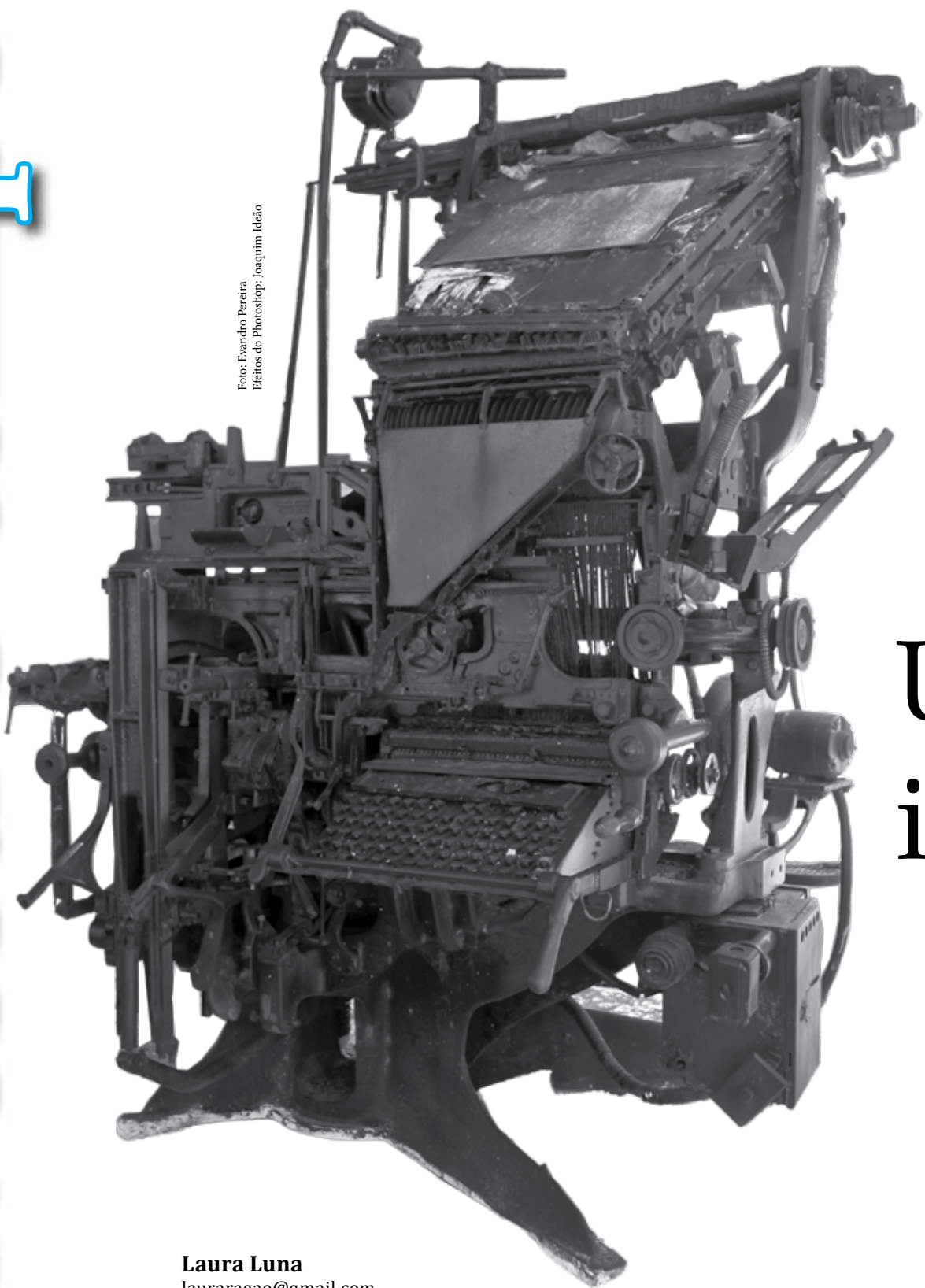


Foto: Evandro Pereira  
Efeitos do Photoshop: Joaquim Ideao

Laura Luna  
lauraragao@gmail.com

Fundado no dia 2 de fevereiro de 1893 pelo então presidente da Província, Álvaro Machado, o Jornal A União surgiu como um jornal de partido, quando a capital da Parahyba ainda não havia alcançado a marca de 30 mil habitantes, e só alguns anos depois, passou a ser Jornal do Estado.

Apesar da condição, a missão de A União vai além da cobertura de pautas dos Governos de Estado ao longo do tempo. Noticiar tudo que de relevante acontece na Paraíba e a repercussão local do que é notícia no país, e em todo o mundo, são também prioridade editorial. “O fato é que A União atravessa gestões, governos, décadas e até séculos sendo referência de informação”, lembrou Naná Garcez.

O cuidado com o conteúdo vem desde o início, quando a tipografia, feita em linhas de chumbo, era responsável pela impressão do jornal. Bem diferente do parque gráfico disponível hoje, quando máquinas e pessoas trabalham para rodar não apenas o impresso, mas uma série de produtos. “Livros, revistas, folders, panfletos... Temos aqui equipamentos de impressão, corte, colagem e acabamento”, conta Jacinto Junior, funcionário da gráfica há 35 anos.

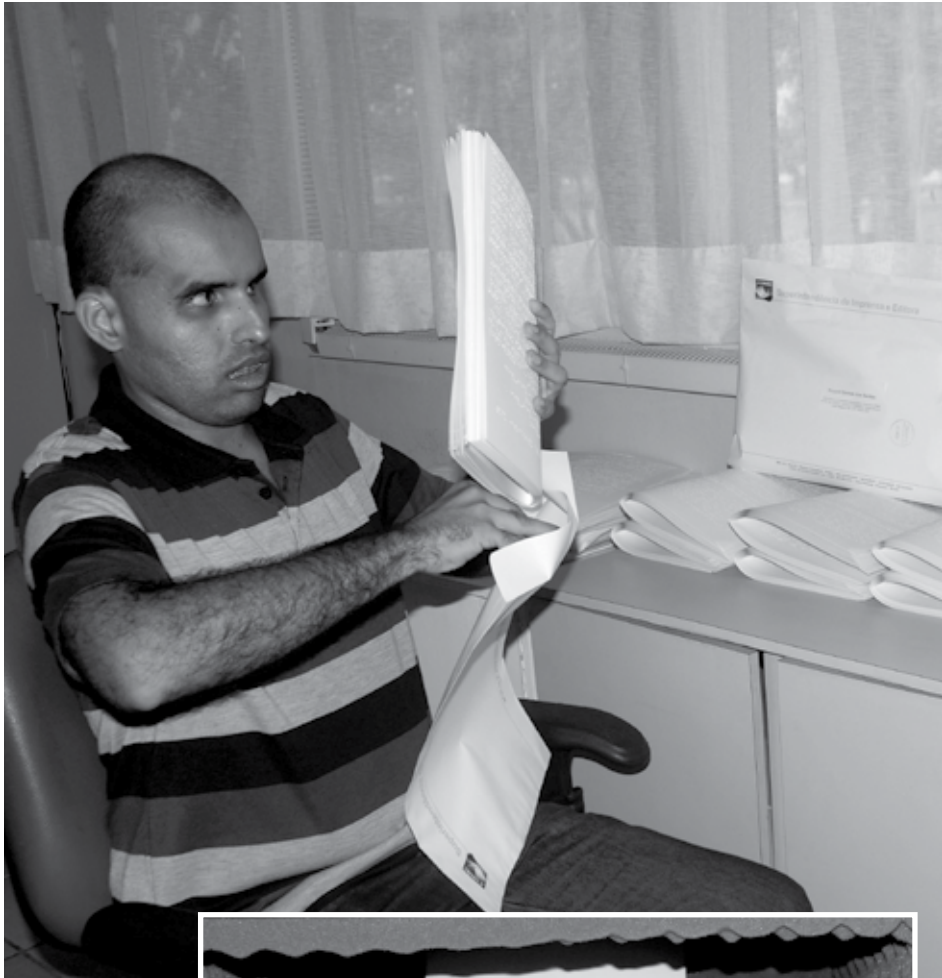
A expectativa, agora, é para a chegada da nova impressora, prevista para este ano, que colocará a gráfica A União entre as melhores do Estado. “Equipamento muito moderno e que vai somar ao nosso parque gráfico, que também tem maquinário dos anos 1970. Aqui também temos uma impressora rotativa do jornal do ano de 1973 em plena atividade”, revela Jacinto, que acredita ser a junção entre velho e o novo o grande diferencial do jornal. “As pessoas se impressionam quando chegam aqui e observam isso: o velho e o novo caminhando juntos”.

Um jornal inclusivo

Prova de que o Jornal A União se renova sempre, ao mesmo tempo em que pensa nos leitores de forma ampla, é o fato de ser pioneiro no conteúdo jornalístico em braille no país. Em um momento político onde ideias excludentes são disseminadas todos os dias, A União abre espaço e trabalha para alcançar ainda mais pessoas, levando até elas informações em tinta, gestos e também em relevo.

Criada em Outubro de 2017, a Imprensa Braille de A União produz mensalmente 120 unidades do jornal que são enviados gratuitamente para leitores e entidades que atendem deficientes visuais em todo o Estado. “É uma espécie de jornal de domingo, com uma seleção de matérias especiais e variadas”, explica a jornalista, transcritora e editora do jornal A União em braille, Dina Melo.

Mas além dos leitores do jornal, a Imprensa Braille de A União pretende atender também a demanda externa, com a impressão em alto relevo de catálogos, cardápios e folders, entre outros produtos. “Nós estamos estudando a reestruturação do setor para torná-lo ainda mais participativo e atender, inclusive, comercialmente a sociedade”, disse William Costa.



Fotos: Marcos Russo



A União produz, mensalmente, 120 unidades do jornal em braille e pretende se estruturar para atender demanda externa nessa área



AO LEITOR

O templo de minha vida

Gonzaga Rodrigues

A quem devo a graça, a dádiva? Neste fevereiro de 2020 faço 69 anos de olho em A União. Um ou dois anos a mais, 70 fechados, se se levar em conta o exemplar que chegava ao ginásio diocesano de Campina Grande deixado na biblioteca depois de lido pelo diretor, padre Emidio, por João Viana (pai de Chico) e, invariavelmente, pelos professores Durmeval, Raul Córdula (o velho) e Milton Paiva.

Não dava para quem queria, disputando preferência com o Jornal do Comércio e o Diário de Pernambuco. Os despeitados me xingavam por me ser dado o privilégio de, tomado o café da manhã, ir pegar os jornais do Recife e A União na banca da Rui Barbosa, ganhando folga para entrar sem pressa e sem fila no rigor do salão de estudos.

A grande guerra havia acabado e estranhos nomes que surgiam do borralho entravam na minha cabeça além dos nomes caseiros de Samuel Duarte, Arge-miro, José Américo e o grande reformador de Campina, um tal de Wegniaud Wanderley, que nem sei mais como se escreve.

Mas não era só guerra ou a paz o que vinha no jornal do governo. Vinham também bloquinhos

de leitura com jeito de “Estouro da boiada”, “Gaetaninho”, “Negrinho do pastoreio”, fazendo a diferença, parecendo coisa inventada. As notícias do governo se perdiam ou ganhavam nas pequenas 12 ou 16 páginas. Um jornal da mesma largura e um pouquinho mais alto que os tabloides europeus de hoje, compactos de notícias, parco de fotos. A tipagem dos títulos ainda não servia de apelo. E a manchete, quando havia, correspondia a uma queda de governo, ameaça de peste ou a morte de um papa. Manchete era alarme, não era recurso plástico ou de decoração. Tudo centrado na objetividade do texto, menos aqueles bloquinhos assinados pelos Rubem Braga de fora e os de dentro. Havia um sujeito que fazia pouco de tudo, salvo pela verve, que já não alcancei quando larguei a plataforma de Campina e vim direto, sem pensar noutra coisa, pelo caminho forrado pelas páginas que eu ia buscar todas as manhãs. E subi saltando os degraus da escada em caracol de um tempo que dispensa as antigas paredes para se manter erguido na memória cultural e histórica.

Um templo, sim, toda a redação com seus móveis e pessoas subtraídos pela imponência romana, grega, dórica, sei lá, dos grandes vãos avarandados entre nobilíssimas colunas, não sei se góticas ou toscanas. Sabia de tudo isso, e bem versava os seus estilos, o mestre Wilson Madruga, redator-chefe, remanescente dos Carlos Dias, dos Leonard Smith, dos Osias Gomes, não sendo de estranhar a ironia benigna com que nos tratava.

Era, pois, de nascença, um jornal não

somente de registros, restrito ao noticiário do dia, oficial ou de rua. Mas um espaço aberto às letras, ao lírico, às artes.

Não é sem razão que se tornou a editora dos nossos fundamentos históricos e literários, num desígnio ou numa autodeterminação a que se rendem todos os governos, chefiados por amantes da cultura ou não.

Nesse aspecto teve santo forte desde o primeiro número, no governo de um general, que confiou o bastão ao humanista Gama e Melo, redator desde o noticiário à nota do partido ou o editorial do número 1 e seguintes. A sequência fez história política e literária mantida geração após geração, até os dias de hoje.

Ainda esta semana o poeta, escritor e cronista Otávio Sitônio Pinto, de estilo fortemente pessoal, destacava a particularidade de um jornal que investe em seu 2º Caderno. Quer dizer, que consegue associar no mesmo peso a informação do dia a dia e a crônica que tanto pode ficar no seu minuto, como demorar por mais alguns crepúsculos.

Sitônio não me desmente: “A União reencontra seu tempo de glória no segundo caderno. (...) São páginas de temática mais livres, onde posso falar sobre cinema, futebol, literatura, política, recordança dela mia gioventú etc e vida”.

Já desço a escada que subi naquela manhã de justificadas esperanças. Mesmo derrubadas as colunas romanas do templo, para mim ainda não tiraram a escada. Continuo a pisar nos degraus que Camilo de Holanda e o presidente João Pessoa fizeram questão que fossem de pinho de Riga.

Gonzaga Rodrigues, em foto de quando trabalhava na redação de A União



Foto: Arquivo pessoal

As cores da algaroba coloriram A União

José Nunes

Um momento por demais significativo que presenciei durante minha primeira passagem pelo Jornal A União, a partir do ano de 1980, foi participar da implantação do Jornal da Terra, um suplemento agrícola que circulou durante alguns anos, fazendo chegar aos agricultores, aos técnicos e pesquisadores da agropecuária as informações indispensáveis ao aperfeiçoamento do trabalho.

Com circulação quinzenal, o Jornal da Terra nº 1 chegou às bancas como encarte do Jornal A União no dia 18 de setembro de 1983. A partir daquela data, o homem do campo não apenas contava com o rádio para receber informações, ou no contato direto com os extensionistas, mas tinha em mãos importante instrumento para ampliar seus conhecimentos e trocar experiências.

Foi uma edição esperada com boa expectativa, tendo em vista que preencheria uma lacuna numa área carente de informações para que ajudassem no direcionamento dos trabalhos no campo e, inclusive, orientassem o governo na montagem de uma política voltada para este segmento produtivo.

Com destaque para a foto colorida da planta algaroba, recolhida numa plantação em Tape-roá, onde o produtor mural Manoel Marcionilo há 10 anos cultivava esta espécie de árvore com o intuito de reflorestamento e garantir alimento para seu rebanho.

A manchete principal era dedicada ao Bicu-do, uma praga que estava dizimando os alga-dois do Nordeste e, de modo especial, da Pa-raíba, que amargava perdas consideráveis de sua produção da lavoura que sempre foi uma das principais atividades geradoras de renda.

Compunha, à época, a diretoria de A União Deoclécio Moura como presidente, Ivan Trevas como diretor administrativo, Milton Nóbrega diretor técnico e Dejici Araújo diretor comercial. Uma equipe de redatores, tendo à frente Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco,

José Nunes, Paulo Santos e Walter Galvão, o fotógrafo Antonio David e um Conselho Consultivo composto por representantes dos diferentes segmentos que trabalhavam com a agropecuária e a pesquisa, comandado por Lauro Xavier.

Integrado ao grupo que idealizou este suplemento, de reconhecido valor no apoio aos anseios do setor produtivo primário da Paraíba, inspirado em semelhante publicação que o Jornal A União havia mantido na primeira metade do século passado, quando a agricultura ditava os rumos da economia da Paraíba, o novo suplemento agrícola trazia, na capa e nas páginas centrais de sua primeira edição, fotografias coloridas de um pé de algaroba, planta que estava sendo cultivada no Nordeste como algo novo no reflorestamento do semiárido, importante como sombra e alimento para os animais.

O cultivo desta planta, seus efeitos na vida do semiárido e seus possíveis benefícios para os animais estavam explícitos na reportagem de capa do novo suplemento agrícola. O texto foi trabalhado com esmero por Gonzaga Rodrigues, coordenador do grupo de repórteres e redatores ao qual estava, cujo editor era Antonio Barreto Neto. O escritor José Cavalcante manteve uma coluna com anedotas matutas para o deleite dos leitores do jornal, aguardadas com expectativas.

A dificuldade era a impressão colorida, já que o então superintendente Deoclécio Moura estava em negociação para comprar uma rotativa nova. A seleção de cores era feita em Recife, cidade mais próxima para este serviço. Devido a esse deslocamento, as reportagens que teriam fotos coloridas eram preparadas com certa antecedência, como foi o caso da matéria sobre a plantação de algaroba. Uma equipe se deslocou para até Tapeorá para produzir a matéria. Naquela época, havia plantio desta árvore nas margens do açude Manoel Marcionilo.

A novidade implantada no Jornal A União trouxe boa aceitação junto aos leitores e co-



laboradores, a ponto do editor-geral Agnaldo Almeida também passar a utilizar fotos coloridas no jornal diário, sobretudo em matérias especiais que eram publicadas no suplemento denominado de Jornal de Domingo. Até que foi implantado definitivamente o sistema de cores para as edições diárias, sempre se aperfeiçoando até chegar ao estágio atual.

As cores verdes da algaroba marcaram, sobremaneira, a nova fase deste centenário jornal, mesmo que em suas páginas tivessem a presença de cores em suas manchetes, em retículas, um processo mais fácil. A foto colorida sendo utilizada sem, necessariamente, se fazer a seleção de cores (o que viria com tempo), mas foi justamente este suplemento agrícola que deu o primeiro passo no processo de modernização. O Jornal A União sempre buscou oferecer o melhor produto jornalístico aos seus leitores e à sociedade paraibana.

A publicação do Jornal da Terra, que permaneceu durante mais de cinco anos, transformouse num importante momento para a história deste Jornal A União, da qual, de maneira modesta, ofereci minha colaboração, sendo editor por um período, depois da ausência do jornalista Barreto Neto. Fica a lição e o registro para a história da imprensa na Paraíba.



Fotos: Divulgação

# Mais de um século de história

## atrai pesquisadores ao

# Arquivo

### do jornal A União

Cecília Noronha  
cecilianoronha2@gmail.com

Uma hemeroteca formada por mais de um século de publicações diárias. Parte dessa produção já está digitalizada e a outra pode ser acessada no formato original, em diferentes tamanhos impressos. Soma-se a essa relíquia um acervo que ultrapassa seis mil fotografias físicas catalogadas. Todo o material, que revisita a história da Paraíba, do Brasil e do mundo, sob a ótica do jornalismo local, faz parte do Arquivo do Jornal A União. O verdadeiro “túnel” do tempo tem servido como fonte para estudos científicos desenvolvidos em diferentes especialidades acadêmicas, resultando em livros, monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Rafael Nóbrega Araújo, licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), também é mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Recentemente, ele precisou fazer um levantamento sobre a sífilis, doença sexualmente transmissível causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Mas, o pesquisador se viu diante de um desafio, que foi o recorte temporal de sua dissertação, cujo período era centrado na metade do século passado. Intitulada “O Terrível Flagello da Humanidade”: Os Discursos Médico-Higienistas no Combate à Sífilis Na Paraíba (1921-1940)”, a pesquisa de Rafael exigia que ele se debruçasse em documentos muito antigos.

Para executar a tarefa, Rafael teve que buscar uma fonte que servisse como testemunha confiável dos fatos. A hemeroteca do Jornal A União, com milhares de edições, incluindo aquelas do período dos anos 1920 até 1940, apareceu como a melhor opção de consulta para vencer o desafio acadêmico.

Além disso, no início do século passado, os próprios médicos escreviam textos para o jornal. Isso fez do acervo a fonte principal das investigações científicas do pesquisador.

“Diversos médicos colaboravam com o jornal, publicando artigos e conselhos higiênicos, volta-

“Ao viajar para o interior, eu soube pelo livreiro que estavam digitalizando os arquivos do jornal A União e comecei a acessar a biblioteca digital”

dos para a educação sanitária da população contra as doenças endêmicas na Paraíba, dentre elas, a sífilis, daí a importância de consultar esse acervo riquíssimo. Além disso, foi no Arquivo da União onde encontrei exemplares que até então eu não havia consultado, sobretudo (aqueles) da década de 1920, ou seja, especificamente, 1923 e 1925”, explicou.

A medida que acessava os exemplares da hemeroteca, Rafael também se surpreendia com as histórias apagadas da memória popular, mas resgatadas durante a pesquisa. “Dentre as descobertas que fiz ao consultar o Jornal A União, sem dúvidas a que mais me impressionaram foram duas notícias a respeito da inauguração de postos de Profilaxia Antivenérea, em Cabedelo e em Campina Grande. Até então, eu não tinha conhecimento que nenhuma outra fonte havia registrado esses acontecimentos. Na verdade, eu não sabia da existência desses dois postos até consultar o Jornal A União”, disse. “As notícias foram publicadas em 29 de setembro de 1923 e em 16 de dezembro do mesmo ano”, completou.

#### Cidades do interior

O professor e historiador Marconi Gomes Vieira também tem recorrido ao arquivo físico de A União para montar os

quebra-cabeças das pesquisas que desenvolve. Dos sete livros já publicados, boa parte das informações foi garimpada durante visitas ao acervo. “Para os últimos (livros) que escrevi, utilizei bastante os arquivos do jornal, especialmente para as últimas cinco publicações”, afirmou. “Consultei (o arquivo), por exemplo, em ‘História da Paróquia de São José de Piranhas’, ‘Memórias do Jatobá Clube’, também de Piranhas, ‘Antônio Gomes Barbosa, Uma Biografia’, ‘José Lacerda Neto – O Recordista de Mandatos’ e ‘São José de Piranhas – Arena Versus MDB’. Foram todos eles escritos com parte da consulta a arquivos públicos, incluindo ao arquivo do Jornal A União, Instituto Histórico e cartórios”, enfatizou.

Além de bacharel em Direito, Marconi Gomes tem licenciatura plena em História pela UFPB, com especialização em História Econômica e Social do Nordeste Contemporâneo, também pela mesma instituição. Depois de dedicar bom tempo de sua vida ao ensino público municipal e estadual, o docente está aposentado, mas já se debruça sobre a produção da próxima obra, que certamente terá mais uma vez as marcas do acervo de A União.

“Trabalho mais com a história da Paraíba, com temas sobre cidades do interior, ou seja, história local, e também com biografias. Estou até fazendo agora uma biografia da família Pontes, consultando informações sobre o professor Luiz Mendes de Pontes (fundador de escolas como a seção do Liceu Paraibano em Cruz das Armas, Santa Júlia e Instituto Rio Branco).

“Ao viajar para o interior, eu soube pelo livreiro que estavam digitalizando os arquivos do Jornal A União e comecei a acessar a biblioteca digital, que é do Brasil inteiro. E foi aí que acessei a hemeroteca. Mas costumei utilizar mais o acervo pelo arquivo físico (na sede do jornal, no Distrito Industrial, em João Pessoa)”, comentou Marconi.

#### Digitalização

A arquivista de A União, Ana Cristina Coutinho Flôr, lembrou que o

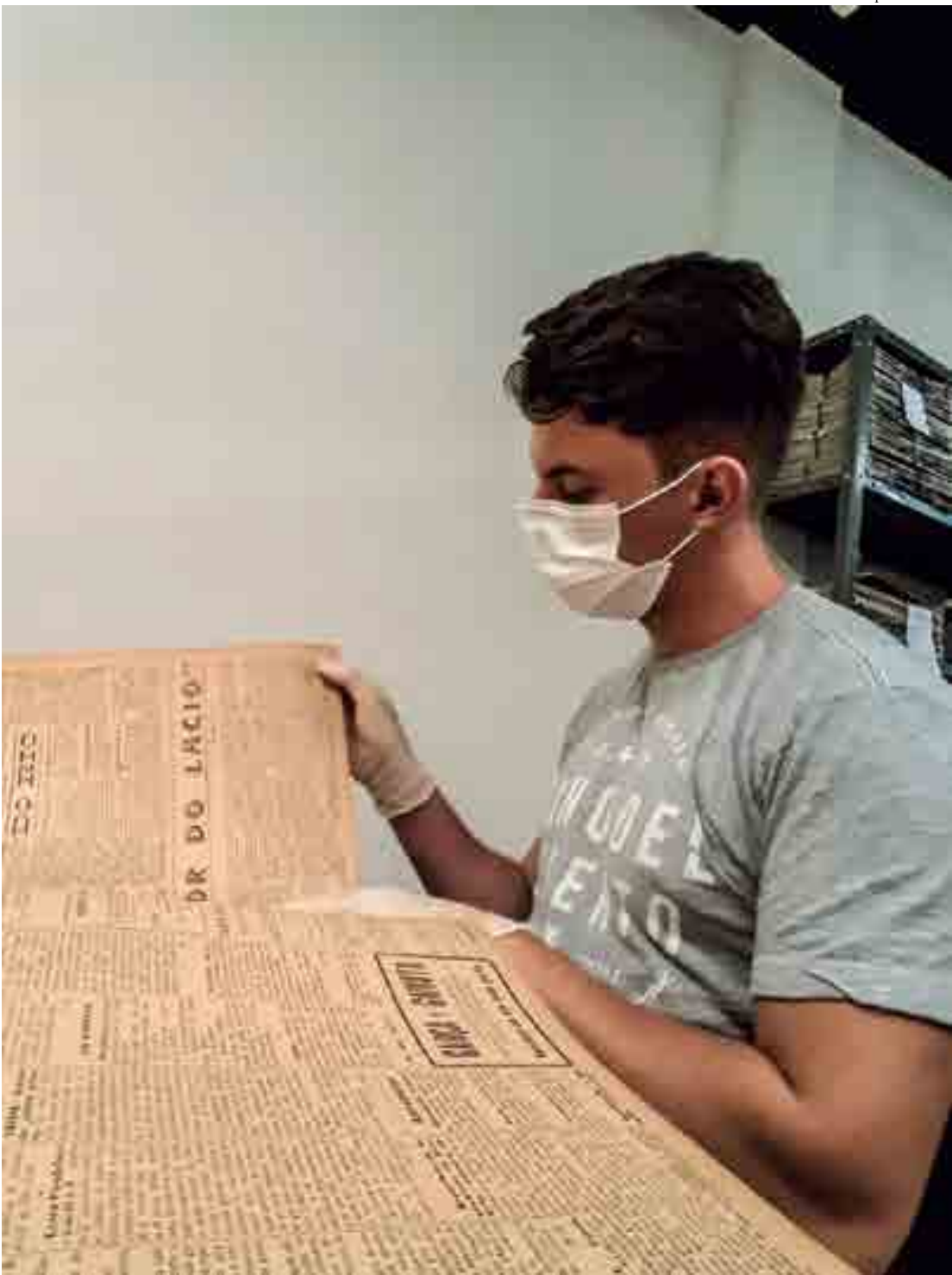


Foto: Arquivo A União

jornal começou a circular em 1893. “A edição comemorativa dos 120 anos de circulação do diário, em 2013, os leitores ganharam uma cópia do primeiro exemplar publicado, além de um livro”, recordou.

Essas primeiras publicações em papel do Jornal A União, que são aquelas impressas até os anos 1920, não podem ser manuseadas pelo público e precisam da ajuda da profissional arquivista. Esse cuidado é para garantir a sua preservação, já que estão em estado mais delicado devido ao tempo.

“Os exemplares do período de 1904 a 1928, que estão em condições mais favoráveis para esse processo, serão digitalizados futuramente”, garantiu. “No caso da pesquisa de Rafael, sobre sífilis, os exemplares das décadas de 1920 e 1930 foram manipulados com equipamentos de proteção individual, a exemplo de luvas e máscaras”, exemplificou Ana Flôr, que orientou o rapaz no manejo do material.

Ainda de acordo com a arquivista, está em andamento um trabalho de

parceria com a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), que também mantém uma hemeroteca no Espaço Cultural José Lins do Rego com todas as edições da publicação. O objetivo é complementar a digitalização, durante o processo de escolha das melhores imagens originais, principalmente daquelas edições mais antigas. “É uma maneira de garantirmos a qualidade das imagens do jornal, especialmente das fotos”, enfatizou.

Os exemplares que foram publicados a partir dos anos 1930 até os dias de hoje estão disponíveis para acesso físico e manipulação no arquivo. Afinal, eles estão em melhor estado de conservação. Outra opção para os pesquisadores é a versão digital, que está sendo gradativamente processada, década por década.

“Fazemos esse trabalho de digitalização de maneira minuciosa, pois temos que verificar, em cada exemplar, a qualidade das imagens e pedir complementos a parceiros como a Funesc, quando percebermos que há necessidade”, explicou.

Edições muito antigas de A União podem ser consultadas no arquivo do jornal, mas necessitam de cuidados especiais



Fotos: Reprodução

# Evolução da cidade em imagens e textos

As fotografias ligadas a personalidades históricas são as mais procuradas pelos pesquisadores que utilizam o Arquivo do Jornal A União. Já as imagens de localidades ficam em segundo lugar nessa demanda de buscas, com destaque para o Ponto de Cem Réis, Bica, Pavilhão do Chá, igrejas históricas e o conjunto arquitetônico do Centro Histórico de João Pessoa. Quanto às matérias, as mesmas são requisitadas por profissionais de diversas áreas do conhecimento e não há um tema específico, ou período de maior interesse.

Com relação às fotos catalogadas e organizadas por assunto, a arquivista Ana Flôr explicou que elas somam cerca de seis mil unidades, sendo a maioria da década de 1970 até os anos 2000. Esse material também está passando por processo de digitalização. “O que chama a atenção nelas é a evolução da cidade nas imagens. Por exemplo, havia piscinas na Bica (Parque Zoobotânico Arruda Câmara) para as crianças. Podemos ver, também, outras coisas interessantes, como o Ponto de Cem Réis passando por reformas. Temos as festas populares da capital, como a Festa das Neves, com suas mudanças de local, e até uma passarela desmontável usada para melhorar o fluxo de pessoas na festividade”, comentou.

Entre fotografias e matérias, as temáticas variam, segundo também afirmou Ana Flôr. “Na realidade, é uma variedade de temas, períodos e áreas de pesquisa”, afirmou. “Recentemente, uma aluna de arquitetura veio fazer um levantamento sobre a Praça Venâncio Neiva, onde fica o Pavilhão do Chá. Inclusive a gente achou a matéria da inauguração dessa praça, na edição de 22 de julho de 1917, com fotos. A matéria saiu na primeira página do jornal (antigamente, as matérias saíam onde hoje fica a capa)”, completou.

Outra pesquisa acadêmica recente que utilizou o acervo do Jornal A União para a sua realização foi sobre as crônicas do jornalista Gonzaga Rodrigues. Nesse caso, uma doutoranda acessou tanto as fotografias, como os textos impressos nas edições do jornal. “Em outros casos, nosso acervo é utilizado como fonte de consulta para tese de doutorado. Esse foi o tema, por exemplo, da pesquisadora Ana Córdula”, disse Ana Flôr. “Em outra ocasião, a vice-reitora da UFPB também usou nosso acervo fotográfico como fonte de um levantamento sobre a Livraria do Luiz”, recordou.

## Suplementos para a consulta

Além do acervo fotográfico e das edições do Jornal A União, o pesquisador que utilizar o arquivo também poderá encontrar lá os principais suplementos de final de semana e mensais que marcaram a trajetória do diário. Entre eles estão aqueles já extintos como a ‘Revista Turismo’, da década de 1990 até os anos 2000, e ‘O Pirralho’, dos anos 1970 e 1980, voltado para o público infantojuvenil. Nesse formato, há ainda o tradicional ‘Correio das Artes’, que foi lançado em 27 de março de 1949, e está em circulação até os dias atuais. Os suplementos comemorativos formam mais uma parte do acervo e incluem temas como o ‘Aniversário da Rádio Tabajara’.

A variedade de materiais disponíveis para consulta no Arquivo do Jornal A União inclui um leque de opções. Outros exemplos são os fascículos sobre o tema ‘História da Paraíba’; as edições do Diário Oficial; livros da Editora A União; e alguns exemplares dos diários da Justiça e da Assembleia Legislativa.



Foto: Roberto Guedes

Ana Flôr no Arquivo de A União: fotografias e textos que cobrem diversos aspectos da vida na Paraíba

## O que pode consultar no Arquivo do Jornal A União:



# Mitos, boatos e fatos reais

Ao lermos as matérias e notas que compõem os exemplares de A União, ficamos com a impressão de termos à nossa frente uma espécie de colcha de retalhos sobre as “verdades” estabelecidas e compartilhadas pela sociedade brasileira e mundial ao longo do tempo. Na edição de 30 de julho de 1938, por exemplo, é narrada a morte de Lampião e podemos flagrar, no texto, sombras repressivas. Por outro lado, em 1969, o ato religioso dos astronautas em plena aterrissagem do homem à Lua revela uma humanidade religiosa.

Essas histórias reais e até mesmo mitos e boatos, como a crença de Moscou na suposta farsa da morte de Hitler, nos ajudam a entender quem fomos “nós” um dia e por que nos tornamos o que somos hoje.

A execução do bando de Lampião pelas forças de segurança de Alagoas, no início do século passado, mais parece ter saído de livros históricos sobre a violência repressiva dos reinos europeus em um momento bem remoto, conhecido como a era dos suplícios do século 18. Os soldados dos déspotas expunham partes do corpo em praça pública para

servir de exemplo e reprimir quem ousasse contrariar o reino. Assim, não havia o objetivo de se fazer justiça penal pelo crime cometido, com direito à ampla defesa. Ao contrário disso, a ideia era brutalizar e espetacularizar a execução.

Aqui no Brasil, no início do século passado, algo semelhante acontecia. A polícia alagoana “antecipou” a pena capital de Lampião e o executou já no confronto, expondo como troféu a sua cabeça e a dos demais membros do bando.

Além de registrar o comportamento das forças de segurança alagoana, a notícia no Jornal A União revela, ainda, a aceitação e tolerância da sociedade paraibana para esse tipo de investida governamental contra o gênero de delinquência chamado cangaço.

Até no subtítulo da matéria do jornal encontramos as marcas da aprovação da imprensa e da sociedade ao espetáculo brutalizante da época. O diário dá a notícia em tom de elogio, afirmando que as forças de segurança “destroçaram” o grupo e confirmaram a morte do “famigerado bandoleiro”, pois teriam chegado a Maceió as “cabeças de 11 facínoras”.

No final da matéria sobre a morte de Lampião, um inter-título (“Festas no Sertão Alagoano”) anuncia os telegramas vindos de Alagoas, que serviram como fontes da matéria do Jornal A União. A população sertaneja naquele Estado chegou a festejar o fim de Virgulino, depois que os restos mortais chegaram à cidade. Assim diz o trecho final: “Confirma-se a morte do célebre bandoleiro Lampeão, com a chegada a esta cidade da sua cabeça, bem como a de 11 bandoleiros e da mulher Maria Bonita. Toda a população está em festa, em regosio pelo desaparecimento do intranquilizador de todo o Sertão” [sic.].

## Morte de Hitler

Mitos e boatos planetários também povoam as páginas desse jornal centenário. Se você acha, por exemplo, que as falácias sobre a suposta farsa da morte de Hitler e sua vivência na América do Sul é um delírio dos anos mais recentes, então verá que seu pensamento está enganado ao folhear as antigas matérias de A União.

A edição de 27 de dezembro de 1945 é testemunha de como o pós-guerra alimentou versões alternativas

e mirabolantes para o suicídio do führer alemão. Nessa data, uma nota intitulada “Os russos não acreditam na morte de Hitler” estampa as dúvidas que pairavam sobre o paradeiro do líder nazista e que alimentariam boatos por muito tempo. Mas, tanto antes como depois dessa questão levantada pelos russos, outras edições mostravam os questionamentos sobre os fantasiosos destinos do líder nazista.

## O homem na lua

A experiência humana para além dos limites geográficos da Terra também foi pauta para o jornal. A edição de 22 de julho de 1969 de A União contém o registro de um acontecimento que parou o planeta e se tornou um divisor de águas da corrida espacial. A chegada do homem à Lua, na versão paraibana, trazia alguns fatos curiosos sobre o assunto, que são de pouco conhecimento da população em geral.

Pouca gente sabe, por exemplo, que a conquista da Lua coincidiu com o dia de aniversário do brasileiro Santos Dumont, o pai da aviação, como bem registrou A União. O texto ressalta ainda que a cadeia de emissoras da televisão Tupy, dos Diários Associados, anunciou na época a cobertura do evento espacial como a “primeira transmissão ao vivo diretamente da Lua”.

O Jornal A União informou, também, no exemplar que os jornais do Rio de Janeiro lançaram edições extras, estampando as primeiras radiofotos recebidas da Lua.

Outro fato curioso na matéria é que, durante a aterrissagem em solo lunar, os astronautas teriam realizado um ato religioso, comungando um pedaço de pão consagrado por um reverendo americano, pastor do templo presbiteriano de Houston. O relato é feito em um texto que beira o lirismo. “Daí então os cosmonautas se prepararam para descer ao solo lunar, como se duas forças a exemplo da filosofia antiga andassem juntas – um bem e outro mal [sic.]”, diz a matéria.

Tudo isso – e muito mais coisas sobre o nosso percurso no planeta e no espaço – está registrado nas páginas do Jornal A União, que nasceu no século 19, atravessou todo o século 20 e segue narrando o século 21.